Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 27 DE MAIO DE 1974 N.º 18470 — ANO 54.º — PREÇO 2$50

O CESSAR-FOGO DE FACTO JÁ VIGORA NA GUINÉ

Trèguas também em Moçambique?

LONDRES, 27 (Do nosso correspondente, Joaquim Letria) — As negociações para a paz na Guiné-Bissau prosseguem agora num ritmo quase rotineiro. As duas delegações mantêem o optimismo e os contactos são visivelmente descontraídos. O facto de Jorge Campinos ter sido colega de estudo e companheiro da Casa dos Estudantes do Impoyio de três membros da delegação do PAIGC certamente que contribui para o bom ambiente que se diz reinar na sala das negociações.

O tenente-coronel Almeida Bruno é, pelo seu lado, respeitado pelos nossos interlocutores como um adversário corajoso e eficiente, profundo conhecedor da situação política e militar da Guiné. Tem sido Almeida Bruno quem tem assegurado nas últimas sessões a continuidade das negociações e o estudo que dedica a mapas da Guiné no intervalo das conversações pode indicar que neste momento as duas delegações concentram os seus esforços na implantação oficial de um cessar-fogo duradouro. De resto, este cessar-fogo existe já, de facto, desde a ida a Dakar do ministro Mário Soares. Apenas esporádicas escaramuças se registaram desde então, entre patrulhas que se encontram acidentalmente.

Entretanto, Mário Soares tem desenvolvido intensa actividade diplomática. O desenvolvimento dos contactos preliminares com países do Leste europeu, iniciados recentemente em Bonn, prossegue com bom ritmo e é de crer que uma abertura ao Leste está para muito breve, com o estabelecimento de relações diplomáticas com quase todos os países do bloco socialista.

Mas não são unicamente países do bloco socialista que Mário Soares tem contactado. Os não alinhados também estão na agenda, na qual o Terceiro Mundo merece espaço especial. O ministro dos Negócios Estrangeiros avistou-se com o embaixador da Argélia em Londres, que é seu amigo pessoal (e curiosamente também dá assistência à delegação do PAIGC). A entrevista deverá ter relação com a mensagem que Mário Soares enviou a Boumedienne quando recentemente esteve nesta capital.

Mário Soares não está portanto a perder tempo, aproveitando a fase técnica das conversações para se dedicar a uma actividade diplomática, não descuida também os outros dois mais importantes movimentos nacionalistas que nos combatem nas outras frentes africanas: o MLPA e a Frelimo. Bons resultados nestas conversações terão grande importância no progresso das conversações com estes dois movimentos e isso é fundamental na medida em que a situação quer em Angola quer em Moçambique é mais complexa de um ponto de vista político do que na Guiné, onde o PAIGC poderia ter neste momento mais complicações internas do que Portugal se o Governo de Lisboa decidisse a rápida desmilitarização.

Mário Soares enviou mensagens a Agostinho Neto, através de correio especial, e o minis-

Continua na pág. 15

Foram retiradas duas guarnições do Nordeste

Duas guarnições do Exército português abandonaram os seus postos no Nordeste de Moçambique. Um segundo representante do colonialismo atravessou a fronteira para a Rodésia. Automóveis conduzidos por negros foram apedrejados a seguir a um desafio de futebol. Os ferroviários mantêm a ameaça de greve. Moçambique continua sob o signo da tensão e da expectativa.

O facto mais comentado pela população, durante o fim-de-semana foi a retirada de duas posições perto da fronteira da Tanzânia. O comunicado do Alto Comando de Moçambique afirma que a decisão de retirar as guarnições de Antadora, a norte de Cabo Delgado, e de Miandica, no distrito de Niassa, fazia parte de um plano de transferências. Acrescenta que se havia chegado à conclusão de que não existe qualquer interesse económico ou político em manter unidades militares naqueles dois postos. No entanto, certos observadores vêm nessa atitude uma indicação de «trégua de facto», a fim de dar à frelimo a possibilidade de sair da guerrilha e negociar o cessar-fogo. O comunicado não esclarece para onde foram transferidas as duas unidades militares.

Entretanto, num comício realizado em Lourenço Marques, o presidente do Movimento Democrático de Moçambique (Modemo), afirmou perante dois mil africanos, estar pronto a «cooperar com o Governo provisório português e com a relimo, para que possamos chegar a um acordo com honra». Salienta que os objectivos da Modemo são semelhantes aos da Frelimo, mas que não acredita na violência. A Modemo propõe, em vez de um novo governador-geral, uma comissão formada por um representante da Junta e dois moçambicanos, um branco e um negro, eleitos pela população.

No entanto, parece confirmar-se a próxima nomeação do advogado dr. Henrique Soares de Melo para o Governo de Moçambique.

CONFLITOS RACIAIS

O comissário distrital da área de Sus-Sendenga, (onde a situação militar tem vindo progressivamente a deteriorar-se) Sacadura Falcão, abandonou o seu posto e atravessou a fronteira para a Rodésia. Embora as autoridades de Salisbúria declararem não possuir informações definitivas acerca do fugitivo, e o informa-

Continua na pág. 24

ANGOLA: Assembleia Legislativa continuará

LUANDA, 27 (ANI) — Antes de partir para Londres, o ministro da Coordenação Interterritorial, dr. Almeida Santos, deu uma conferência de Imprensa em que fez importantes declarjções sobre o futuro da Assembleia Legislativa e sobre a ocupação de terras pelos colonos. Afirmou o dr. Almeida Santos: «Estou preparado para apresentar ao Governo Provisório a reestruturação orgânica das Assembleias Legislativas, em ordem a conferir-lhes maior capacidade legislativa e a que se extingam as anteriores assembleias para que se proceda à eleição de novos membros.

Mais adiante, disse o ministro: «Quanto ao aspecto de injustiças que possam ter havido na ocupação de terras de outrem que já tivesse adquirido direitos, não é problema para a lei de terras. É de justiça comum. Neste capítulo, onde mais longe posso ir é até à criação, que já está no meu espírito, de um secretário provincial da Justiça, que tradicionalmente não tinham quem os encarasse a alto nível, para que passem a ter quem os encare a nível de secretário de Estado, pois é essa a categoria que passam a ter desde já, os secretários provinciais de Angola e Moçambique».

EDIÇÃO DE 28 PÁGINAS INCLUINDO "EXCLUSIVO"

MUTILADOS DE GUERRA

Sessenta e dois mutilados de guerra vivem no Lar Militar de Lisboa, que visitámos. Mas no País existem, presentemente, à volta de três mil mutilados, muitos dos quais totalmente irrecuperáveis, todos eles maldizendo a guerra. Boa parte destes homens — os de possível, embora parcial, recuperação — anseiam por uma reintegração digna na nossa sociedade. No entanto, há quem lhes queira negar essa reintegração, o direito a uma sobrevivência verdadeiramente humana. O regime fascista pouco ou nada fez por eles. Agora, acreditam sinceramente que a Junta de Salvação Nacional resolverá o seu problema, devolvendo-lhes parte do que perderam.(Pág. 12).

Pessoal da Carris pede igualdade com o "Metro"

Lisboa acordou hoje sem autocarros e eléctricos, situação completamente nova para a totalidade da população, que se viu a braços com um problema que já se apresenta de resolução difícil nos dias normais.

Logo de manhã a cidade ficou inundada de automóveis, os engarrafamentos sucederam-se e cerca das 10 horas alguns mediam centenas e centenas de metros.

A corrida aos táxis acentuou-se e os estabelecimenoos de ensino que utilizavam os serviços da Carris para o transporte dos alunos, como o Liceu Camões, não puderam funcionar normalmente. Entretanto, segundo soubemos em Santo Amaro, o pessoal da Carris está preparado para retomar o trabalho a qualquer momento, se as suas reivindicações forem atendidas. Para já, os trabalhadores querem que lhes sejam concedidas as mesmas regalias obtidas pelo pessoal do Metropolitano de Lisboa, ou seja um salário mínimo de 5.750$00 e 44 horas de trabalho.

Em qualquer caso, a greve durará apenas 24 horas, dado que se trata de uma greve de aviso. Assim, na pior das hipóteses, o trabalho será retomado a partir da meia noite de hoje.

A greve foi decidida no sábado, à noite, num comício realizado na estação das Amoreiras, ao qual compareceram cerca de 1.500 trabalhadores. Toda a movimentação é coordenada pelos dirigentes sindicais, em especial pelos representantes dos cinco sindicatos

Continua na pág. 24

DL/NACIONAL

Casapianos pedem a reforma da instituição

. Ex-alunos da Casa Pia de Lisboa entregaram no Gabinete do Secretário de Estado dos Assuntos Sociais o seguinte memorial:

. «Atentos os superiores interesses da Nação, através do contributo prestado à Grei Portuguesa pela quase bi-centenária Casa Pia de Lisboa;

. Tendo em vista que os ex-alunos da maior «Mãe de Portugal» sentem e constatam que a Casa Pia de Lisboa tem inteiro jus a reencontrar o seu verdadeiro prestígio e aquela admiração que tradicionalmente o Povo português lhe votava;

. Querendo todos os casapianos que a Casa Pia volta a ser aquela «Universidade e Plebeia» na expressão feliz de Latino Coelho, que tão extraordinários valores deu à Nação e constatando com desgosto crescente que desde, sensivelmente, a década de 40, vinha sendo amesquinhada e desvirtuada toda a finalidade, toda a operosidade, toda a projecção da magnífica Instituição;

. Os abaixo assinados, por delegação de uma assembleia de casapianos expressamente reunida para o efeito no Casa Pia Atlético Clube (Ateneu Casapiano) vêm manifestar a sua esperança numa rápida acção do Governo provisório no sentido da reforma da Casa Pia de Lisboa, pondo-se à sua disposição para colaborar nessa reforma, seja integrando órgão de estudo que para o efeito se entenda ser criado, seja mesmo participando em órgão directivo que, a título provisório, administre a Instituição.

Os casapianos movidos nesta iniciativa apenas por sentimentos de amor e dedicação pela Instituição que os educou, instruiu e amparou, sentem que podem ser um contributo não só util como absolutamente desinteressado.»

Decisão dos professores da Escola Gama Barros

Os professores da Escola Técnica Gama Barros (Cacém), reunidos em Conselho Plenário, votaram como ponto prévio da ordem de trabalhos um telegrama, que foi enviado ao presidente da Junta de Salvação Nacional, e que é do seguinte teor:

. Profundamente surpreendidos e desagradados com a atitude antidemocratica tomada pela JSN aquando exílio Américo Tomás e Marcelo Caetano, os professores da Escola Tecnico Gama Barros vêm manifestar o seu desacordo com o silêncio em que foram levadas a cabo as necessárias conversações e receiam consequências ao voto de confiança dado pela Nação à JSN.»

Nova orientação para os 3.º e 4.º anos experimentais

Por despacho ministerial foi determinado que a experiência pedagogica nos 3.º e 4.º ano obedeça às seguintes condições:

. Nos anos lectivos de 1972-73 e de 1973-74 desenvolveu-se em escolas preparatórias uma experiência pedagógica tendo em vista os futuros 7.º e 8.º anos da escolaridade obrigatória.

Nos termos do despacho de 9.8.1972, ficou estabelecida a duração da escolaridade necessária para atingir o ensino superior: três anos de estudos secundários após aprovação naquele 8.º ano.

Importa agora definir as condições em que, no âmbito do enino secundário, se dará a devida continuidade.

Neste sentido, ao abrigo do disposto do Decreto-Lei n.º 47 587, de 10 de Março de 1967, determina-se que o prosseguimento da experiência pedagógica ao nível do ensino secundário se faça nas seguintes condições e enquanto não estiver implantada a lei do sistema educativo:

. 1 — Os três anos de escolaridade são distribuídos por dois ciclos de 1 e 2 anos, respectivamente.

2 — A aprovação no 1.º ciclo equivale para todos os efeitos legais à aprovação no curso geral do ensino secundário liceal.

3 — No ano lectivo de 1974-75 o primeiro ciclo funcionará em estabelecimentos de ensino secundário a designar nas seguintes localidades: Almada, Barreiro, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Elvas, Evora, Faro, Figueira da Foz, Leiria, Lisboa, Porto e Viseu.

4 — Os professores envolvidos no ensaio prestarão doze horas de serviço lectivo, completando o horario normal com tarefas específicas inerentes à natureza do ensaio, sendo-lhes atribuídos de Outubro a Julho, inclusivé, pagamentos por trabalhos especiais diversos em termos a fixar pelo ministro.

5 — Quando for caso disso e sem prejuízo do limite de serviço lectivo estabelecido no número anterior, os professores completarão o seu horário com turmas não envolvidas na experiência.

6 — As turmas poderão ser mistas.

7 — O número de alunos por turma não deverá ser superior a 25.

8 — O plano de estudos do 1.º ciclo será o seguinte:

. a) *disciplinas obrigatorias:* Português, Matemática, Língua Estrangeira I, Físico-Químicas, Ciências Naturais, Ciências Sociais, Desenho e Educação Estética, Educação Musical, Educação Física, Educação Cívica,

b) *disciplinas optativas:* Língua Estrangeiras II, Actividades Tecnológicas, Educação Moral e Religiosa

c) *actividades livres de trabalho orientado*

9 — No 1.º ciclo a avaliação do rendimento escolar será feita em regime global e semelhante ao processo utilizado nos dois anos anteriores, com as convenientes adaptações.

10 — Os prazos e condições de matrícula são os que vigorarem para o ensino secundário.

11 — O processo individual de cada aluno bem como todas as informações complementares deverão ser requisitadas às respectivas escolas preparatórias pelo estabelecimento de ensino secundário onde o aluno efectivar a sua matrícula.

12 — Os alunos que tendo frequentado com aproveitamento o 8.º ano do ensino básico e não desejem prosseguir estudos, poderão frequentar um ano de formação tecnológica ou profissional, segundo especialidades a definir, em estabelecimentos de ensino secundários técnico das localidades mencionadas em 3. ou em regime de associação com empresas privadas ou serviços públicos.

13 — O plano de estudos será constituido por:

. a) um núcleo de disciplinas de carácter humanístico;

. b) um conjunto de disciplinas e actividades de carácter tecnológico e/ou profissional.

14 — Os alunos que frequentarem com aproveitamento o ano de estudos referido no n.º 12 terão equivalência:

. a) ao curso geral do ensino secundário liceal, para fins militares ou de provimento em cargos públicos;

. b) aos cursos gerais do ensino secundário tecnico, correspondentes à especialização que frequentaram, para efeito de exercício profissional.

15 — Serão definidas as condições determinadas pela experiência para prosseguimento de estudos dos alunos que tenham frequentado com aproveitamento o ano de especialização tecnológica ou profissional a que se refere o n.º 12.

Os trabalhadores da companhia explicam a falta de água

. A propósito das deficiências no abastecimento de água em Lisboa e arredores, os trabalhadores da Companhia divulgaram o seguinte comunicado:

. Os trabalhadores da Companhia das Águas de Lisboa, conscientes das responsabilidades que lhes cabem no abastecimento de água à cidade de Lisboa e arredores, trazem ao conhecimento da população que declinam toda a responsabilidade pela deficiência e que pelo contrário tudo farão no que estiver ao seu alcance para minimizar os prejuízos causados pela falta de água, sentida em várias zonas da cidade e aglomerados populacionais da região servida pela empresa e denunciar os verdadeiros responsáveis que são a administração da Companhia e o Ministério do Governo fascista. À falta de cumprimento do plano de abastecimento feito em 1959, oficializado pelo regime anterior. Os trabalhadores da CAL informam ainda, ao contrário do que foi afirmado pelo ministro fascista Rui Sanches, aos jornais, em Agosto de 1973, que o deficiente abastecimento, não é devido à explosão populacional, cujas previsões estabelecidas em 1959 não foram atingidas em 1974. É à incuria da actual administração da Companhia e ao total desprezo das autoridades fascistas, pelos problemas do povo que na verdade se deve hoje a falta de água, que possivelmente se agravará. Deste modo, os trabalhadores, que afirmam fazer todo o seu possível para manter um regular abastecimento, vêm apelar para o bom senso de todos os consumidores no sentido de evitar gastos supérfluos de água.

Professores socialistas

. A Comissão Técnica de Ensino do Partido Socialista convoca uma reunião de Professores socialistas de todos os graus, destinada a discutir problemas de organização profissional e sindical.

A reunião realiza-se esta noite na Avenida Duque d'Avila, 131, 2.º

TLP

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

ASSINANTES COM NUMERAÇÃO INICIADA POR «98»

Na noite de 24 para 25 do corrente todos os postos com o prefixo numérico «98» foram alterados.

Em vez de «98» marque «293»
Seguidos dos restantes algarismos.

Não se esqueça pois são cerca de 2600 postos que mudaram de prefixo.

LEMBRE-SE DESTA ALTERAÇÃO

oxford
O NOVO CINEMA DE CASCAIS
AV. J. F ULRICH · TEL. 280048
(AR CONDICIONADO)
Sessões às 15.30 - 18.30 - 21.45 e 00.30 H.
LIV ULLMANN · GENE KELLY · EDWARD ALBERT
40 Idade Perigosa
uma história de apaixonante interesse!
TECHNICOLOR
GRUPO D-18 ANOS

Por A. ESTEVES BELO

ACTUALIDADE DE BENTO DE JESUS CARAÇA

Na avalanche de comunicados, programas, declarações de princípios, entrevistas, notícias e comentários que, finalmente, a Imprensa livre do nosso país nos proporciona, dentro da missão que lhe cumpre de informar e esclarecer com verdade para que nos tornemos efectivamente cidadãos conscientes e participantes de uma sociedade democrática, tive a oportunidade, com imensa satisfação, de ler no vosso jornal, em «Tribuna Livre» a formulação, em termos muito bem fundamentados, da realização de iniciativa ou iniciativas de homenagem a essa grande figura que foi o prof. Bento de Jesus Caraça.

Nesta hora de grande regozijo nacional, não podemos efectivamente deixar de recordar, com profunda saudade e sentida mágoa, todos os que trabalharam e lutaram, com determinação, coragem e sacrifício, numa entrega generosa, pela destruição do fascismo e pela edificação de uma sociedade progressiva e humana.

E são tantos, tantos os portugueses antifascistas que nesta longa página negra da nossa história foram ficando pelo caminho sem que tiverem tido a feliz ventura de ter podido assistir, ver e, fundamentalmente, participar no amplo momento nacional que libertou o nosso país.

Na emoção incontida de uma alegria transbordante pela conquista de uma sociedade democrática não se poderá, efectivamente, deixar de pensar, por justiça e por gratidão, nesses homens grandes da nossa terra — intelectuais, camponises, operários e militares — que abdicando de si próprios se aliaram e combateram por uma vida digna e humana de todos os portugueses.

Para quem conheceu e conviveu com Bento Caraça, na aula, na conferência, no convívio ou na luta, julgo que a homenagem mais imediata e urgente consistirá, essencialmente, em que cada um de nós reveja e analise a sua própria posição como cidadão e, em consequência, contribua de forma activa para que todos possamos ter uma vida digna.

Penso que, efectivamente, cada um de nós deveria meditar nestas belas e profundas palavras de Bento Caraça: «As ilusões nunca são perdidas. Elas significam o que há de melhor na vida dos homens e dos povos. Perdidos são os cépticos que escondem sob uma ironia fácil a sua impotência para compreender e agir; perdidos são aqueles períodos da história em que os melhores, gastos e cansados, se retiram da luta sem enxergarem no horizonte nada a que se entreguem, caída uma sombra uniforme sob o pântano estéril da vida sem formas. Benditas as ilusões. Benditas as ilusões, a adesão firme e total a qualquer coisa de grande que nos ultrapassa e nos requer».

E este chamamento à reflexão e à compreensão dos problemas do nosso tempo e é este desafio à capacidade de realização desinteressada e abnegada, que se impõe a cada um de nós de forma a que no respeito das ideias, nos determinemos e nos estimulemos na procura e concretização das soluções justas e progressivas exigidas pela colectividade.

A grande tarefa posta à nossa geração é, como escrveu Bento Caraça, a de **despertar a alma colectiva das massas**, já que, «ou ela a realiza e ascendemos a um estado superior de **unidade** ou fracassa e amanhã assistiremos a um novo gesto de renúncia e o individual continuará a sobrepor-se ao colectivo numa adulteração criminosa da moral social».

E neste espírito e com esta invocação que dou a minha mais decidida adesão a todas as iniciativas que venham a ser estudadas para que de forma actuante se consiga ajudar, a cada um de nós, a ser um cidadão de alma colectiva como foi, com toda a lucidez, coerência e firmeza, o prof. Bento Caraça.

TORQUATO DA LUZ

Coisas mais urgentes

Farei um dia, se a tanto me der tempo a vida, a história circunstanciada destas crónicas semanais. Por ora, não posso: há coisas mais urgentes. Mas é-me importante adiantar, desde já, que muitas das coisas que lestes aqui, em cada segunda-feira, eram apenas uma parte do que eu pretendia dizer.

Explico: treinei-me, em mais de um decénio de profissão, na linguagem das entrelinhas; levei a metáfora aos extremos últimos; exerci-me uma feroz censura própria. Humilhado e ofendido me confesso: entre o fazer isso e o não dizer nada, optei. Se o saldo foi positivo, compete aos leitores julgar; a mim me ficou a certeza de ter cumprido o meu dever.

Importa, todavia, acrescentar que as múltiplas censuras me desorientaram por vezes — e não foi só o Exame Prévio. Artigos já compostos e paginados, nos quais o lápis azul apenas introduzira alguns cortes ou totalmente autorizara, jamais chegaram a sair. O boicote à actividade dos jornalistas independentes exercia-se também a outros níveis, através daqueles que arbitrariamente detinham o Poder.

Por coisas que nunca me foi possível dizer ou pelo que apenas parcialmente me foi permitido, não raras vezes recebi insultos e cartas anónimas de leitores enfurecidos. Qualquer tentativa de esclarecimento público era utópica: o fascismo queria-nos vítimas sem hipótese de defesa.

Não me iludo, porém: a parte que sofri na perseguição fascista aos jornalistas portugueses é mínima, já pelo tempo de carreira, já pela incidência dessa perseguição. Isso, todavia, é o que menos importa; sinto-me solidário com todos os meus camaradas silenciados e que, apesar disso, prosseguiram sem mudar de rumo, em obediência a uma exemplar consciência profissional — essa consciência que é preciso preservar, sem prejuízo da união com todos os trabalhadores espoliados.

Farei um dia, repito, se a tanto me der tempo a vida, a história destas crónicas semanais. A algumas, integralmente cortadas, ressuscitarei. Por ora, no entanto, há coisas mais urgentes. E tenho de fazê-las.

FRANCISCO CORREIA GUEDES

Convite a uma reflexão sobre alguns grandes problemas nacionais

São muitos e muito graves os problemas que a Comunidade Nacional tem que enfrentar no seu arranque para uma via diferente. Está dito e repetido.

Chamados ao fim de tantos anos de sequestro a colaborar e participar na vida e na construção colectiva, todas as ideias, todas as sugestões devem ser atendidas, ponderadas e, se for caso disso, rejeitadas somente depois de provadas impraticáveis ou insensatas.

E esta a atitude do presente convite. Porque estou convencido que a via aqui sugerida é uma hipótese de trabalho que vale a pena ser reflectida por todos, entrego a minha pequena contribuição que acompanho de uma homenagem muito sentida a todos os que tornaram possíveis os dias luminosos que temos vivido.

Sabemos bem das dimensões do problema nacional da emigração. Milhões de portugueses procuraram, fora do seu país, o que este, sistematicamente, lhes negou. Muitos desses portugueses estão hoje assimilados pelos países que os receberam. Mas muitos e muitos outros, que no estrangeiro não passaram de uma mão-de-obra explorada, utilizável, tão somente nos serviços rejeitados pelos nacionais daqueles países, vêm hoje renascida a esperança de voltar ao seu país. Ainda outros se verão coagidos a abandonar o país que os acolheu e e eminente o seu regresso, na consequência da crise internacional recentemente desencadeada. Como poderá o nosso país recebê-los? Eis um primeiro problema.

Um quarto das famílias portuguesas, para não ser demasiado pessimista, vive em condições de habitação deploráveis. Estimativas de diversas proveniências afirmam ultrapassar o milhão o numero de fogos que seria necessário construir para alojar, em condições medianas, outras tantas famílias que não dispõem do mínimo de condições de conforto e bem estar, na situação presente. Eis um segundo problema.

Perguntamos agora, tendo presente o primeiro dos problemas enunciados: que actividades, que indústrias se apresentam com potencialidades de criação de postos de emprego, em termos de poder responder, em futuro breve, ao desafio do retorno dos emigrantes? Serve o modelo neo-capitalista até aqui usado pelo Estado Novo? Os grandes investimentos feitos nos ultimos anos, públicos e privados, têm-no sido, prevalecentemente, em indústrias de alta concentração capitalística. Quer isto dizer que, por cada mil contos, por exemplo, nelas investidos, se cria um numero de postos de trabalho sensivelmente inferior ao que poderia ser criado pelos mesmos mil contos, quando investidos em industrias de intensidade capitalística mais baixa. Ora, entre todas as indústrias, é justamente a construção civil aquela que, por unidades de capital investido, mais empregos cria. Não só directamente, mas pelos efeitos de arranque sobre grande numero de industrias afins.

Temos então os três ingredientes de uma solução que exige nada mais do que a imaginação e a capacidade criadora dos homens. De que forma aproximar os meios dos fins?

No que se escreveu estão as premissas da nossa sugestão.

Nos ultimos anos, temos assistido a uma intensificação doentia da criação de credito, que o crescimento real do Rendimento Nacional não justifica em absoluto. Nas críticas e analises explicativas da inflação portuguesa, estranhamente, tem-se tendido a minimizar a importância do credito criado pelo desconto bancário de efeitos que, em grande parte, não se dirigem ao circuito produtivo, mas à especulação e outras actividades, diríamos, parasitarias.

(Todos sabemos como grande parte do credito «pessoal» se aplicou na compra de acções). Essa criação de credito, que nos ultimos anos tem crescido a taxas que ultrapassam os 25 por cento, deixava-se na penumbra, enquanto se clamava muito contra as transferências dos emigrantes que injectavam muitos milhões de contos de moeda. Assim se esquecia que a «injecção» corresponde apenas ao saldo dos pagamentos com o exterior e que, quando 100 francos chegam ao Banco de Portugal, criando 500 escudos de moeda portuguesa, 500 escudos que se transformam em francos inteiramente neutralizam os primeiros.

Na presente situação, o aplicador de poupanças, enquanto não seduzido pelos faceis lucros especulativos, foge dos títulos de rendimento fixo, deixando o seu dinheiro em depositos a prazo, por não poder fazer nada melhor.

Por outro lado, dispersos por não sei quantos fundos, Previdência, etc., desperdiçam-se (no melhor dos casos) as «economias de escala» que a gestão centralizada dos recursos para aplicar na Habitação, poderia proporcionar.

De todo o exposto, ocorre a possível solução.

Vamos segui-la com um exemplo e com numeros, propositadamente «forçados», mas ao que julgamos não disparatados.

Suponhamos que o objectivo e a construção de 1 000 000 de fogos em 10 anos, à carência, portanto, de 100 000 fogos por ano. Supunhamos que o custo medio por fogo e de 200 contos, contando que, paralelamente, uma política de solos para habitação com o indispensavel combate maciço à especulação, permita um abaixamento do preço do metro quadrado do terreno.

Suponhamos que o Estado promove uma emissão, cada ano, de vinte milhões de Obrigações de 1000 escudos, das quais, naturalmente, o mesmo Estado «compra» uma parte importante. Estas Obrigações pagam, por exemplo, 7 por cento e serão «indexadas» da maneira que veremos a seguir.

Agora o outro lado da questão.

Um sistema a organizar faria a distribuição das casas, respeitando as seguintes condições:

a) Qualquer família cujo agregado seja constituído por n pessoas terá direito a uma casa com um número de metros quadrados relacionado com **n**.

b) As rendas a pagar por essa casa nunca poderão exceder, por exemplo, 25 por cento do rendimento anual da família em questão, impedindo-se o acesso a famílias cujo rendimento agregado exceda um «plafond» a determinar.

A importância das rendas será, evidentemente, consignada ao pagamento de juros e amortizações.

As rendas acompanharão o crescimento do rendimento familiar, mantendo-se, constantemente nos 25 por cento ou

Continua na pág. 8

SOCIEDADE IMOBILIÁRIA

COSTA & FILHOS

S. A. R. L.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores accionistas:

Nos termos da lei e dos estatutos, cumpre-nos submeter à apreciação e deliberação de V. Exas o Relatório do Conselho de Administração e as Contas referentes ao exercício de 1973.

A Administração e contrato de arrendamento das quatro fracções de propriedade horizontal do prédio urbano da Rua Castilho, foram os factos mais relevantes deste exercício. A Sociedade Inquilina procedeu, sob nossa fiscalização a vultosas obras de acabamento, adaptação e equipamento das nossas propriedades. As lojas foram posteriormente inauguradas com características de acontecimento de relevo para o meio comercial lisboeta.

No referente às contas que vão ser apreciadas por V. Exas, observa-se que as mesmas revelam um prejuízo de Esc. 2 424 094$70 que é consequência da actual fase de investimentos da Sociedade.

Assim, propomos que a importância de Esc. 2 424 094$70 acima indicada transite em saldo para regularização em exercícios seguintes.

Por último, quer o Conselho de Administração expressar ao Conselho Fiscal a sua gratidão pela colaboração prestada.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Pedro Rodrigues Costa Junior

Vogais

Pedro António Nazareth Costa
Costa e Filhos, Lda., representado por Manuela Maria de Paiva Nazareth Costa

CONTA DE GANHOS E PERDAS

segundo alínea o) do Artº 46.º do Código da Contribuição Industrial

	DEBITO	CREDITO
SALDO DO EXERCÍCIO ANTERIOR	67 171$00	
RECEITAS por Rendas de aluguer dos 4 Condóminos	-$-	840.000$00
JUROS e DESCONTOS Juros de Bancos	-$-	6.928$50
DESPESAS GERAIS conforme desenvolv.	913.181$70	-$-
CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS Liquidação da Sisa	1.920.000$00	-$-
REINTEGRAÇÕES E AMORTIZAÇÃO conforme Mapa	437.841$50	-$-
		846.928$50
PREJUÍZOS Exercício de 1972		67.171$00
Presente exercício		2.424.094$70
ESCUDOS	3.338.194$20	3.338.194$20

Lisboa, 31 de Dezembro de 1973

O Técnico de Contas — Os Administradores

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE «DESPESAS GERAIS»

Despesas Confidênciais

Despesas Confidênciais		500$00
Impressos e Material de Expediente		235$40
Remunerações:		
Corpos Gerentes	870.000$00	
Técnico de Contas	36.000$00	906.000$00
Transportes		40$00
Jornais e Revistas		156$80
Publicações de Relatórios		6.035$50
Certidões		200$00
Reconhecimento de Assinaturas		14$00
	ESC.	913.181$70

Lisboa, 31 de Dezembro de 1973

O Técnicos de Contas — Os Administradores

PARECER DO CONSELHO FISCAL

No cumprimento da lei e dos estatutos, cumpre a este Conselho informar os senhores Accionistas de que procedemos a cuidadosa análise e verificação dos elementos da gestão e de contabilidade da Sociedade, por forma a assegurar que as contas se encontram devidamente escrituradas de harmonia com as normas de técnica contabilística e observância da legislação em vigor.

Procedeu-se à verificação dos valores patrimoniais segundo os Balancetes respectivos e analisaram-se os documentos, tudo se encontrando na devida ordem.

Nestas circunstâncias, o Conselho Fiscal propõe à Assembleia Geral dos accionistas que:

1.º — Aproveis o Relatório, o Balanço e as Contas do exercício de 1973, apresentadas pelo Conselho de Administração.

2.º — Aproveis um voto de louvor ao Conselho de Administração pela forma diligente e cuidadosa com que promoveu a sua actuação neste seu primeiro exercício.

Lisboa, 30 de Março de 1974

O CONSELHO FISCAL

Presidente
Dr. João Flores

Vogais
Dr. José Paulo de Carvalho Batalha Ribeiro
Victor Manuel Brandão Pinto de Sousa

Balanço geral do exercício de 1973

ACTIVO

1. de GIRO — Circulante		
1.1. — Maneável		
1.1.1. — Disponível		
— Caixa	49 815$80	
— Depósitos em Bancos	365 809$50	415 625$30
2. de FRUIÇÃO		
2.1. — Andares de Rendimento «CASTIL» IMOVEL para fins comerciais		20 000 000$00
3. FIXO		
3.1. — Incorpóreo (Gastos plurienais iniciais)		
Despesas de Constituição	78 518$00	
Selagem de títulos ref. a 7 000 acções de 1 000$00 na Casa da Moeda	35 002$50	113 520$50
4. SITUAÇÃO LÍQUIDA		
Prejuízos:		
— do exercício anterior	67 171$00	
— do exercício	2 424 094$70	2 491 265$70
		23 020 411$50
CONTAS DE ORDEM		
Títulos em Caução		300 000$00
	Escudos	23 320 411$50

PASSIVO

1. EXIGÍVEL		
1.1. a longo prazo		
letras a pagar	12 500 000$00	
1.2. a curto prazo		
Impostos sociais a pagar	106 400$00	
Credores por abonos dos accionistas em vista ao próximo aumento de capital	2 950 000$00	15 556 400$00
2. de COMPENSAÇÃO		
2.1. Reintegrações e amortizações		464 011$50
2.2. Capital		7 000 000$00
		23 020 411$50
CONTAS DE ORDEM		
Credores por títulos em caução		300 000$00
	Escudos.	23 320 411$50

Nome das pessoas que assinaram o Balanço no livro de Inventário e Balanços:

Técnico de Contas: **Maria de Jesus Horta**

Administradores: **Pedro Rodrigues Costa Júnior; Pedro António Nazareth Costa; Costa e Filhos, Lda., representada por Manuela Maria Paiva Nazareth Costa.**

Contas aprovadas no dia 25 de Março de 1974

O TECNICO DE CONTAS

OS ADMINISTRADORES

A GREVE NA MESSA

Do conselho de administração da «Messa — Máquinas de Escrever» recebemos o seguinte esclarecimento à nossa reportagem sobre a greve na sua fábrica em Mem Martins:

. «1. Em 15 do corrente, ao princípio da tarde, foi entregue à administração da empresa um caderno de reinvindicações dos seus trabalhadores, com o pedido de obterem uma resposta no prazo de 48 horas.

Debruçou-se logo a administração da Messa sobre o assunto, procurando encontrar uma solução para os pedidos apresentados; verificou, no entanto, que as reivindicações sobre salários e horários excediam a actual capacidade económica e financeira da empresa, carecendo de soluções extra-sociedade e, até, da definição da política económica nacional, incompatíveis com o prazo fixado.

2. Não obstante tal facto, mas que querendo protelar qualquer comunicação com o pessoal, logo em 16, pela manhã, efectuou uma reunião com os representantes dos trabalhadores, onde se satisfizeram todos os pedidos apresentados, à excepção dos relativos a horários e salários, para os quais, pelos motivos atrás referidos, se pediu o alargamento do prazo concedido. Deu-se, então, conhecimento de estudo oportunamente apresentado às entidades oficiais, tendo em vista a expansão da empresa, sua condição de sobrevivência, o qual não tivera qualquer seguimento até 25 de Abril. Era evidente que esse estudo carecia de revisão (pois as pretensões apresentadas traduziam-se num aumento de encargos da ordem dos 84 000 contos ano) para poder ser apresentado ao Governo Provisório, que nesse dia tomava posse.

3. Comunicada esta posição da Administração, que nada quiz prometer ou conceder sem ter assegurado a estabilidade da empresa, decidiram-se os trabalhadores imediatamente por uma greve com ocupação da fábrica, com controlo de entradas e saídas que impediam a plena liberdade de circulação de empregados. Por tal motivo, temendo confrontações, a Administração solicitou a intervenção da J. S. N., que enviou um destacamento militar, cujo comandante procurou uma plataforma de conciliação.

Goradas as diversas tentativas, em virtude da posição intransigente assumida pela Comissão de Trabalhadores, retirou-se a Administração pelas 5 horas do dia 17, ficando a fábrica ocupada pelos trabalhadores em greve.

4. Apesar dessa situação, a administração da empresa, dentro do prazo de 48 horas que lhe fora indicado, efectuou nova reunião com os representatnes dos trabalhadores, a quem deu, ao longo de 6 horas de conversações, largas explicações sobre todos os pontos que lhe foram presentes. Foi também possível assegurar a reabertura da fábrica, a partir do dia 18, com plena liberdade para todo o pessoal, aderente ou não à greve e, portanto, em condições de segurança.

Confirmou porém a necessidade de poder dispor de mais tempo para se pronunciar sobre os salários mas, para evitar a possibilidade de especular com a demora pretendida, tomou o compromisso de retroagir, para aquele mesmo dia 17, todas as deciões que viessem posteriormente a ser acordadas, aceitando ainda que a assembleia geral dos trabalhadores fixasse um prazo limite para esse acordo.

5. Não obstante aquela posição, os trabalhadores decidiram manter-se na situação de greve com ocupação total das instalações.

A Comissão de Trabalhadores enviou, também, um telegrama à administração informando que, de futuro só aceitariam negociar com 2 administradores, que designavam, e que reuniões da administração não poderiam ser efectuadas na sede social da empresa, a qual continuavam a ocupar totalmente.

Ainda posteriormente (no dia 21) a Comissão de Trabalhadores comunicou à administração uma decisão de saneamento atingindo praticamente a totalidade da Direcção da Empresa.

Não pode a administração da Messa deixar de se confessar surpreendida por estas atitudes que igualmente lamenta, por considerar que não beneficiam nem os trabalhadores nem a empresa e, portanto, prejudicam a economia nacional.

Sabendo que a satisfação das reinvindicações apresentadas significa, a curto prazo, a falência da empresa, mantemos a nossa posição inicial, o que também quer dizer que continuamos disponíveis para o diálogo.

A nossa atitude é determinada pelo desejo de cumprir o mandato que recebemos dos accionistas da empresa e ainda porque assim estamos a defender com coragem e sentido das realidades — embora contra as aparências momentâneas ou atitudes demagógicas — os verdadeiros interesses dos trabalhadores.

SINDICATO DOS ESCRITÓRIOS DE LISBOA

Convidam-se os empregados de escritório (dois nomáximo) que façam parte das Comissões de Empresa que já estejam formadas para uma reunião de trabalho a realizar na terça-feira, dia 28, às 21 e 30, na Rua do Alecrim, 46-1.º, para análise das acções desenvolvidas e seus resultados.

A DIRECÇÃO PROVISÓRIA

DOIS NOVOS COMBOIOS «FOGUETES» ENTRE LISBOA E PORTO

A partir do dia 26 de Maio próximo, vão passar a circular, entre Lisboa e Porto e vice-versa, dois novos comboios «Foguetes», formados por carruagens de 1.ª classe e «bar», com o seguinte horário:

Comboio N.º 7 «Foguete»			Comboio n.º 8 «Foguete»	
16-55		Lisboa (Santa Apolónia)	10-55	
19-28	19-33	Coimbra-B	8-29	8-34
20-07	20-09	Aveiro	7-53	7-55
20-49	20-57	Gaia	7-12	7-15
21-05		Porto (Campanhã)		7-05

Além destes dois novos comboios, que não têm paragem em Entroncamento e Espinho, continuarão a efectuar-se os quatro restantes «Foguetes» constantes do horário em vigor, com aquelas paragens.

TV DL/ESPECTÁCULOS

EU SOU UM REVOLUCIONÁRIO DO QUILÉ

canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

Greves.

Greves por todo o lado.

E paralisações de trabalho.

E reuniões de protesto, e de estudo, e organização.

Chovem as reivindicações. As mais surpreendentes. As mais aventureiras. Digamos: as mais insensatas. Ou até — as mais suspeitas.

Para saber isto abram-se os jornais. Os jornais, antigamente não piavam. Agora, desforram-se. Reportagens. Relatos. Notícias de greves, com ou sem ocupação.

Mas não é preciso abrir os jornais. Lá onde os jornais não chegam, a televisão portuguesa se encarrega de informar.

Porque a televisão portuguesa agora é livre. Informa. Conta das greves, da grande movimentação dos trabalhadores. Também ela agora se desforra. Antigamente, não passava dos ministros a inaugurar, campainhas de porta. E era para quem queria! Agora é um ver se te avias!

Sem falar nas manifestações. Que partem do Rossio para não sei onde, de não sei onde para o Rossio. Manifestações contra isto e contra aquilo. A qualquer hora. Em qualquer dia. Em recintos abertos. Em recintos fechados.

E a liberdade. Pedir a Lua é a liberdade. Não se consegue a Lua mas sempre se faz um vistão diante dos amigos. Isto o que é preciso é ser revolucionário.

E não admitir que haja ninguém mais revolucionário como nós. Nem mesmo tão. Se houver um tipo à minha esquerda, não ganha nada, que me hei-de pôr mais à esquerda do que ele.

E verdade: as terras que os camponeses ocuparam no Chile, empurrados pelos mirlunáticos, ainda estarão em poder deles?

Pergunto só por perguntar, está claro. E peço muita desculpa. Não sou reaccionário, não. Até sou muito revo, graças a Deus. Ora reparem: *Viva a Foice e o martelo! Morte à Burguesia! Fim à Guerra Colonial, Ja, Ja, Ja, se não eu zango-me!*

Então, sou ou não sou um valente? Podem prender-me e massacrar-me e torturar-me, *ke lá saber!* Cumpri o meu dever de revolucionário. Sou um revolucionário do quilé.

//

Há dois meses é que era bom que fosse assim. Há dois meses, já não digo há dois anos. Ou há 20 anos.

Só há dois meses.

Há dois meses, imaginem: algumas centenas de revolucionários sobem a Rua Augusta. Espectáculo histórico!

Há dois meses, os operários, cansados de morrer à fome, dão com os pés. Exigem. Reclamam. Ameaçam. Ocupam.

Há dois meses, os meninos da quarta classe expulsam os professores e recusam-se a soletrar o b-á bá.

Crescem as reivindicações.

As greves.

As greves paralisam as forças de produção e de repressão.

Os jornalistas batem o pé à Censura e mandam o Geraldes Cardoso a um sítio que eu cá sei. Tomam conta das redacções.

Ai era tão bom que fosse assim há dois meses! Há dois meses? Tá quieto ó mau! Vamos mas é a ter juizinho que estes gajos não são para brincadeiras. Como é que a gente há-de fazer isto se não tem liberdade?

Se a Censura corta?

Se a polícia carrega?

Se a PIDE tortura?

Se a gente abafa?

Olha pá, vamos aguentando e cara alegre!

Era assim, mas não havia dúvida de que crescia um desejo unânime: libertarmo-nos do fascismo.

///

E agora?

Agora parece, pelo contrário, que desejamos todos regressar ao fascismo. Parece que temos saudades.

Reforçar a aliança das massas populares e do Movimento das Forças Armadas parecia ser, e deveria ser, desde o dia 25, a nossa maior preocupação para a defesa das liberdades conquistadas. Pois, a julgar pelas notícias transmitidas na televisão, há quem esteja interessado em quebrar, em manchar essa aliança.

O burguês medroso pensa que, lá porque Alvaro Cunhal está no Governo, o comunismo tomou o poder; o revolucionário histérico pensa que, lá porque lhe retiraram o Caetano lhe deram a revolução. E falam na necessidade de completar a revolução com a mesma aparente confiança com que o aldrabão da praça fala da banha da cobra...

Pode chamar-se a isto uma ilusão. Ou pode charmar-se-lhe um crime. Qual o dever do autêntico revolucionário: contribuir para que as massas se organizem ou activá-las cegamente, sem atender à correlação de forças, sem olhar à complexidade de uma realidade nos seus aspectos políticos, económicos, sociais, sem atender à situação interna e externa? Onde está a experiência histórica, onde está a fundamentação teórica que, tendo em atenção o caso específico português, demonstre ter qualquer possibilidade de êxito a tentativa de transformação radical?

Mas nada de alarme. Certamente o povo português saberá defender a sua aliança com o Movimento das Forças Armadas. Certamente o povo português compreenderá que a sua segurança passa pelo esforço dessa aliança.

...Porque, se ela viesse a quebrar-se, não teríamos tão cedo outro 25 de Abril.

Com perdão dos «revolucionários», está claro.

JOAQUIM NAMORADO: «NADA PODERÁ VENCER-NOS»

Dizer que foi uma emissão memorável. Dos grandes momentos da televisão portuguesa. Dizer isso, que é a verdade, e verificar depois as deficiências de ordem técnica de todo o género — desde a iluminação à colheita do som, da imagem insegura à imagem aberrante, da completa improsação à desarrumação, o que deve ter feito aparecer cabelos brancos aos técnicos que se afadigavam, se multiplicavam, na tentativa de apagar os fogos que iam surgindo. Não há dúvida: também na televisão portuguesa a herança da maldição deixou terríveis marcas: há que estruturar devidamente um sector tão importante como é o da televisão, há que dotá-lo com os meios técnicos indispensáveis, capazes de fazer face às tarefas, mais importantes hoje, que lhe competem.

Se digo isto já, é para me libertar das situações incómodas. Recordando que, noutras ocasiões, tais deficiências técnicas seriam um desastre; ontem naquele clima de fraternidade e de força popular, se não passaram totalmente despercebidas, terão sido no entanto imediatamente esquecidas ou perdoadas. Pelo menos não seja o medo das imperfeições técnicas que impeça a televisão portuguesa de tomar iniciativas destas ou iguais a estas. Podemos dizer: *Foi uma barraca.* Mas di-lo-emos com um sorriso, de camarada para camarada. Sem veneno.

Ali estiveram connosco homens como Fernando Lopes-Graça, Sophia de Mello Breyner, José Gomes Ferreira, Carlos de Oliveira, Mário Dionísio, João José Cochofel, Joaquim Namorado, Luísa Irene, Antunes da Silva. Ali estiveram com a sua música e os seus poemas identificados com a luta, a resistência do povo português nas mais duras provas do fascismo. A vitória não se alcança apenas desta ou daquela forma: a vitória alcança-se com a união das mais diversas formas de combate. Também com a música, também com a poesia. Quando em 1945 aconteceu a explosão popular que, pela vez primeira, fez estremecer de medo o regime instalado em Portugal (explosão popular que viria desaguar no Largo do Carmo na manhã de 25 de Abril) nessa altura os operários, os camponeses, os burgueses pequenos, os poetas, os músicos, os adultos e os jovens, homens e mulheres vieram para a rua, braço com braço.

Os nossos poetas falavam de amor, da paz, da alegria de viver, da fraternidade. As canções corriam de boca em boca, de terra em terra, conquistavam novos lutadores para a defesa do futuro.

O fascismo teve medo dessas canções: perseguiu-as. O fascismo era uma árvore que não dava canções: dava repressões. As palavras do fascismo não pegavam: foram proibidas as palavras que os poetas arrancavam, e devoviam à alma popular.

Esse foi o grande encontro de ontem. O encontro com uma lição histórica: os poetas, os músicos, os artistas não podem divorciar-se das lutas do seu povo, pois com elas se enriquecem e se justificam.

Os dois grandes êxitos do serão de ontem foram as canções de Joaquim Namorado e de João José Cochofel — uma canção de combate, uma canção de lirismo quase infantil tão simples... que até parecia fácil. Certamente vamos tornar a cantar essas e outras canções que já em 1945 tinham o sabor da vitória. Tinha (tem razão) Joaquim Namorado: *Nada podera vencer-nos.*

... Televisão, eu te amo. Beijo-te os pés de que descalçaste os sapatos carregados da lama de 17 anos. Em ti me revejo a construir-me e a construir o tempo. Agora, a tua emissão foi emoção. Raiz popular a nascer num televisor que para sempre se julgara estéril.

Eu te amo, televisão.

PROGRAMA

DIA 27 DE MAIO ÀS 18,30
OS TRÊS MOSQUETEIROS
de RICHARD LESTER · GRUPO B 10 anos

DIA 28 DE MAIO ÀS 18,30
O MEU TIO
de JACQUES TATI · GRUPO B 10 anos

DIA 29 DE MAIO ÀS 18.30
JULIETA DOS ESPIRITOS
de FEDERICO FELLINI · GRUPO D 18 anos

DIA 30 DE MAIO AS 18,30
PINTORES E RAPARIGAS
de FRANK TASHLIN · com JERRY LEWIS · GRUPO B 10 anos

DIA 31 DE MAIO ÀS 18,30
OS GRANDES ALDRABÕES
de LEO McCAREY com IRMÃOS MARX GRUPO B 10 anos

DIA 1 DE JUNHO ÀS 18,30
INDIA
de ANTÓNIO FARIA · interdito a menores de 18 anos

DIA 1 DE JUNHO ÀS 24.00
O ABOMINÁVEL DR. PHIBES
de ROBERT FUEST · GRUPO D 18 anos

III FESTIVAL
Apolo 70

PROGRAMAÇÃO LUSOMUNDO

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

Os mais célebres realizadores
CLAUDE LELOUCH (OS VENCIDOS)
MILOS FORMAN (O ACASO)
ARTHUR PENN (OS QUE VÃO MAIS ALTO)
JURI OZEROV (O COMEÇO)
MICHAEL PFLEGHAR (AS MULHERES)
MAI ZETTERLING (OS MAIS FORTES)
KON ICHIKAWA (OS MAIS RÁPIDOS)
JOHN SCHLESINGER (OS QUE VÃO MAIS LONGE)

filmaram para si o que Munique não viu!

VENCEDORES E VENCIDOS
(VISIONS OF EIGHT)

UM MOMENTO FANTÁSTICO NA HISTÓRIA DO CINEMA!

Brevemente LONDRES Para todos

COLORIDO

estúdio 444

AMANHÃ ESTREIA

GRANDE PRÊMIO DO FESTIVAL DE CINEMA FANTÁSTICO EM SITGES
UM FILME DE JUAN BUNUEL

AVIRGEM E O SORTILÉGIO
(au rendez-vous de la mort joyeuse)
FRANÇOISE FABIAN · JEAN-MARC BORY
YASMINE DAHM · RENATO SALVATORI
grupo D 18 anos United Artists

A MÚSICA NA RADIOTELEVISÃO

Do sr. Manuel Ivo Cruz, director do Serviço de Música da Rádiotelevisão Portuguesa, recebemos o seguinte esclarecimento a uma notícia publicada pelo nosso jornal:

No «Manifesto sobre a situação da Música em Portugal», inserido na edição de 14 de Maio do «Diário de Lisboa», fazem-se referências concretas à minha actuação como responsável pelo Serviço de Música da RTP, que, de modo algum, correspondem à verdade. Propõ-se nesse Manifesto, com efeito, a «reestruturação, aliás já em curso, da programação na Radiotelevisão Portuguesa, por forma a acabar com o alheamento daquela estação de televisão dos factos mais significativos da actividade musical portuguesa e com as situações de compadrio e de favoritismo meramente pessoais que vinham caracterizando o sector dirigido pelo sr. Manuel Ivo Cruz». Ora, verifica-se que ao longo dos 5 anos em que dirigi o referido Serviço de Música, praticamente todas as figuras marcantes do meio musical português, sem qualquer descriminação de ordem ideológica, gravaram para a Televisão, nomeadamente alguns daqueles cujo nome aparece entre os signatários do Manifesto. E se refiro a circunstância de certos nomes terem «aparecido» a assinar o Manifesto, e não muito concretamente o facto de ele efectivamente ter sido assinado, é porque tenho testemunho do que pelo menos 3 das 15 personalidades que o subscrevem no «Diário de Lisboa» não o assinaram nos termos em que foi publicado, o que implica uma forte suspeição contra a validade e representatividade do mesmo. Segue-se a lista vasta, e nem sequer exaustiva, das entidades que colaboraram por minha responsabilidade na programação da RTP, nos últimos 5 anos. Repete-se, todos os músicos com actividade profissional que aparecem como signatários desse Manifesto, constam na lista, com destaque aliás, pelo número de obras gravadas, para o compositor Lopes Graça, e pela diversidade de colaborações, para o compositor Jorge Peixinho; Acrescenta-se uma relação de programas especiais, de que sublinho os programas «Inventário Musical» de Francisco d'Orey, «Histórias da Música» de António Vitorino de Almeida, «Povo que canta» de Michel Giacomety, «Música Viva», «Música Portuguesa do Nosso Tempo», «Música do século XX», «Concertos em Diálogo» etc, bem como a encomenda, por minha iniciativa, da Opera «Canto da Ocidental Praia» a António Vitorino de Almeida e a cuja não realização a RTP foi completamente alheia.

Compreende-se mal como é que uma actividade que suscitou a colaboração *na altura nunca regateada*, de tantas e tão significativas personalidades, que praticamente cobrem o meio musical português, possa significar «alheamento» e «compadrio».

COMPOSITORES PORTUGUESES CONTEMPORÂNEOS

Lopes Graça, Jorge Peixinho, Frederico de Freitas, Luís Filipe Pires, Joly Braga Santos, Luís de Freitas Branco, Ivo Cruz, António Vitorino de Almeida Cláudio Carneyro, Manuel Faria, Cândido Lima, Rui Coelho, Berta Alves de Sousa, Croner de Vasconcelos, Francisco Lacerda, Artur Santos, Armando José Fernandes, Óscar da Silva, Olga Violante, Fernando Eldoro, César Batalha, Joaquim Coelho, Duarte Pestana, César Moraes, Sampaio Ribeiro, Joel Canhão, Hermínio do Nascimento, Fernandes Gil, Eurico Tomás de Lima, Almeida Garrett, Luís Costa.

ORQUESTRAS

Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, Orquestra Filarmónica de Lisboa, Academia dos Instrumentistas de Câmara da E.N., Orquestra Sinfónica do Porto, Orquestra Gulbenkian, Orquestra da Academia de Santa Cecília, Banda da G.N.R., Banda da Armada.

CONJUNTOS DE CÂMARA

Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Conjunto de Percussão, Trio de Cordas da Emissora Nacional, Quarteto de Cordas de Lisboa, Quarteto Filarmonia, Quinteto de Cordas da Orquestra Gulbenkian, Trio Pró-Arte, Quarteto de Instrumentos antigos do Conservatório Nacional, Conjunto Instrumental de Lisboa, Sopros da Orquestra Gulbenkian, Conjunto de Percussão da Banda da Armada, Octeto de Sopro da Banda da G.N.R., Octeto de Sopro da O.F.L., Quarteto de Cordas do Porto, Menestreis de Lisboa.

INSTRUMENTISTAS DE ARCO

Vasco Barbosa, Leonor Prado, Lídia de Carvalho, Gerardo Ribeiro, João Nogueira, Christa Ruppert, Manuel João Afonso, Vitorino Gomes, Otwin Noeth, Aníbal Lima, Herbert Zils, Gaio Lima, Simão Draiblate, Antonino David, Rennée Félix da Costa, Jean-Paul Garot, Gigino Maestri, Carlos fontes, Cunha e Silva, Moses Sequérra, Jennifer Smith, Ana Bela Chaves, Rogério Gomes, Fernando Jorge Afonso, António Oliveira e Silva, François Broos, José Luís Duarte, Tasso Adamopolos, Clélia Vital, Maria José Falcão, Lúcia Afonso, Mário Camerini, Lourdes Santos, Teresa Portugal Nùncio, Maria de Macedo, Elias Arizcuren, Isaura Pavia de Magalhães, Madalena Sá e Costa, Isabel Delerue, Ramon Miraval, Paula de Brito, Henrique Fernandes, João Murcho, Víctor Apolinário, José Maria Redondo, Carlos de Figueiredo, Luísa de Vasconcelos, Joaquim Pimenta.

INSTRUMENTISTAS DE SOPRO

Adácio Pestana, Álvaro Machado, Carlos Franco, Carlos Saraiva, Francisco Taneco, Luís Boulton, Emídio Coutinho, Jaime Guerriero, Ricardo Ramalho, Paulo Teixeira, Artur Moreira, Otílio Martins, Wilson Martin, Lopes Fernandes, Santos Pinto, Bernardino Quito, Felício Figueiredo, Américo Santos, Guilherme Marau, Rocha Martins, Hélder Ribeiro, Américo Cabral, Catarina Latino, Jorge Taneco, Gil Calado, Leal Calqueiro, Pedro Teixeira, António Serafim.

INSTRUMENTISTAS DE PERCUSSÃO

Raul Cardoso, Catarina Latino, António Barbosa, Carlos Girão Ferreira, David Guimarães, Estevão Ferreira.

PIANISTAS

Olga Pratts, Jorge Peixinho, Sequeira Costa, Sérgio Varela-Cid, Maria João Pires, Helena Costa, Adriano Jordão, Regina Cascais, Ana Margarida Jacobetty, Helena Matos, Grazy Barbosa, Natércia Couto, Mário Pellegrini, Lourenço Varela-Cid, Tânia Achot, Margarida Almeida Sousa, Arlete Pereira, Eurico Tomás de Lima, Maria Antónia Saldanha, Noémia Brederode, Fernando Laires, Maria Teresa Paiva, Cândio Lima, Katarina Heinz, Isabel Manso, Dinorah Leitão, Maria Cristina Lino, dr. João de Freitas Branco, Fernanda Salema, dr. José Carlos Picoto, Campos Coelho, Isabel Rocha, Teresa Vieira, Nella Maissa, Fernando Jorge Azevedo, Carlo Pasquali, Manuela Menano António Vitorino de Almeida, Maria José Moraes, Madalena Soveral Torres.

CRAVISTAS

Madalena Van-Zeller, Maria Malafaia, Santiago Kastner, Maria de Lurdes Alves, Cremilde Rosado Fernandes.

ORGANISTAS

Madalena Van-Zeller, Antoine Sibertin Blanc, Gertrudes Mersiowsky.

HARPISTAS

Mário Falcão, Clotilde Rosa, Fausto Dias, Henriette Ancet.

ALAÚDE, VIOLA, GUITARRA

Manuel Moraes, Pinheiro Nagy, Duarte Costa, Domingos Moraes, Lopes da Silva, Carlos Paredes.

CANTORES

Álvaro Malta, Luís França, Sara Rosa, Elsa Saque, Elisete Bayan, Carlos Jorge, Hugo Casais, Armando Guerreiro, Luís Brunner, João Rosa, Teresa Barbieri, Ana Lagoa, Helena Cláudio, João Vítor Costa, Manuela Piçarra, Lurdes Coutinho, Helena de Pina Manique, José Carlos Xavier, Fernando Serafim, Guilherme Kjölner, Manuela Bigail, Mário Rodrigo, Isabel Malaguerra, Carlos Fonseca, Fernanda Correia, José de Oliveira Lopes, Mário Mateus, Germana Medeiros, Anne Rose Arblebe.

COROS

Coro de Castelo Branco, Coral Luísa Todi, Coro Infantil Gulbenkian, Coros Sinfónico e de Câmara Gulbenkian, Grupo Harmonia, Coral Phydelius, Coro de Santo Amaro de Oeiras, Coro Polifónico de Viana do Castelo, Coral Ultramarino de Lisboa, Coros das Universidades de Lisboa e Coimbra, Coros da Incrível Almadense, Tabaqueira e Juventude Musical Portuguesa, Collegium Musicum do Porto.

MAESTROS

Silva Pereira, Jorge Peixinho, Alvaro Cassuto, Frederico de Freitas, Joly Braga Santos, Andreas Albert, Pierre Salzman, José Aquino, Piero Bellugi, Marcos Romão, Fernando Eldoro, Francisco d'Orey, José Robert, Dulcino de Vasconcelos, Leonor Moura Esteves, Mário Mateus, Manuel Ivo Cruz, Gunther Arglebe, Silva Dionísio, Michel Corboz, César Batalha, F.W. Verner, Jorge Manzoni, Alberto Nunes, Carlos Gama, António Gonçalves.

APRESENTADORES

Manuel Luís Peres Newton, Manuel Ivo Cruz, Jorge Peixinho, Francisco d'Orey, Manuel Jorge Veloso, dr. João de Freitas Branco, Filipe de Sousa, Ana Máscolo, Germana Medeiros, Olga Pratts, Helena Costa, António Vitorino de Almeida, Carlos Rego, Santiago Kastner, Mário Mateus, Hugo Casais, Maria Helena de Freitas, Álvaro Malta, Fernando Lima, Nuno Barreiros, Gil Miranda, José Carlos Picoto, João Paes, Gino Bechi, Trigo de Sousa, Margarida de Abreu, Vera Varela-Cid, Luna Andermat, Mário Matos e Lemos, José Atalaya.

SÉRIE DE PROGRAMAS ESPECIAIS

Histórias da Música, inventário Musical, Povo que Canta, Falando de Opera, História da música. Concertos em Diálogo, Duplo Centenário do Nascimento de Beethoven, Música Viva, Música do Nosso tempo, Música do Século XX, Jazz, Construindo a Música, «Folclore» de Artur Santos e Tomás Ribas, Reportagens dos Concursos Viana da Motta.

SÉRIES EM PREPARAÇÃO

A Música de Câmara Portuguesa, cenas de Opera, Música e Linguagem.

Se algum nome faltou, tal facto não representa menos consideração da minha parte mas apenas dificuldade de consulta.

MANUEL IVO CRUZ

CRÍTICA DE CINEMA — LAURO ANTÓNIO

AS ESTREIAS

O DIREITO DE AMAR

Título original: Le Droit d'Aimer
Realização: Eric Le Hung, 1972 (França)
Intérpretes: Florinda Bolkan, Omar Sharif, Pierre Michael, Gille Segal, etc.
Distribuição: Talma Filmes;
Estreia: Cinema Eden e Roma (21.5.1974)

Baseado num romance de Françoise Xenakis, com colaboração de Jean Claude Carrière na adaptação ao cinema, Eric Le Hung dirigiu o seu segundo filme de fundo, obra de alguma actualidade no momento presente, em Portugal, ainda que de realativo interesse de um ponto de vista absoluto. Ou seja, como **filme**, deslocado do nosso tempo português, **O Direito de Amar** é obra de alguma banalidade e muita imprecisão. Visto em Portugal, nestes dias de Maio de 74, funciona perfeitamente como ilustração de certos processos de uma polícia política em muitos aspectos semelhante á extinta DGS/PIDE.

O filme não refere declaradamente onde se passa a acção, mas é mais ou menos óbvio que tudo aquilo tem por cenário a Grécia fascista dos coronéis. Como história de primeiro plano temos uma aventura amorosa de um militante oposicionista e de uma estudante que por ele cai apaixonada. O militante é preso, á rapariga procura vê-lo no seu exílio — uma ilha onde o trabalho forçado, as sevícias, a brutalidade, a torutura são o pão nosso de cada dia. Pena é que Eric Le Hung não tenha tido a coragem de referir abertamente o país onde se passa a acção do seu filme. Assim, sem um cenário político perfeitamente desenhado, a obra perde força e agressividade.

Por outro lado, a forma como a película se estrutura em «flashs-back», entre a história de amor e o pano de fundo de denúncia política, acaba por criar um impasse de curiosas consequências: por um lado funciona emocionalmente junto de um grande público, por outro lado resvala para o melodrama que lhe retira profundidade na análise e na crítica da situação política. A prepotência e a ditadura são condenadas em nome de dois amantes separados pelas malhas de uma rede. O que, se funciona neste filme, não permite, todavia, generalizações que poderiam pecar por alusivas.

Tendo em conta tudo o que se acaba de dizer (e que limita o alcance de obra) parece-nos, ainda assim, de recomendar a visão deste **Direito de Amar**.

LUTA SEM TRÉGUAS

Título original: THE DON IS DEAD
Realização: Richard Fleischer, 1974 (EUA)
Intérpretes: Antony Quinn, Frederic Forrest, Robert Forster, Al Lettiere, etc.
Distribuição: Sonoro Filme;
Estreia: Cinemas Alvalade e Roxy (17.5.1974)

Digamos a abrir, que Richard Fleischer (a semelhança de um Donald Siegel, por exemplo) é um dos poucos cineastas americanos que conseguem filmar não importa o quê com a mesma segurança e profissionalismo de que tem dado ao longo dos anos sobejas provas. Fleischer é um bom técnico, um cineasta seguro e, os seus filmes acompanham-se com um inequívoco interesse. Tão depressa dirige um filme abertamente fascista, enaltecendo o papel da polícia (**Os Centuriões do Século XX**), **como uma história de amor despreconceituado (A Rapariga do Balouço Vermelho)** uma adaptação de Júlo Verne, das melhores (**20.000 Léguas Submarinas) ou uma ficção científica cheia de imaginação Viagem Fantástica**). Agora, porque a moda é a Mafia e os «Padrinhos», aí temos **Luta sem Tréguas**, onde se documenta a luta pelo poder no interior da Mafia americana.

Bem esgalhado num plano narrativo tradicional, **The Don is Dead** acaba, todavia, por nunca conseguir ultrapassar o nível das imagens que se vêem e depressa se consomem e esquecem.

QUANDO PARTI... FOI O FIM

Título original: QUAND C'EST PARTI, C'EST PARTI
REalização: Denis Héroux, 1973 (França-Canadá)
Intérpretes: Dominique Michel, Rene Simard, Regis Simard, Jean Lefebvre, etc.
Distribuição: Distribuidores Reunidos;
Estreia: Cinema Mundial (17.5.1974)

Dizem-nos que se trata da primeira co-produção franco-canadiana. Uma comédia totalmente desconchavada e inútil, sem ponta por onde se pegue, que mais uma vez demonstra a enorme decadência do humor gaulês. O Quebeque serve de pretexto para meia dúzia de piadas estúpidas.

A AVENTURA DE DARWIN

Realização: Jack Couffer, 1973 (Inglaterra)
Intérpretes: Nicholas Clay, Susan Yacready, Ian Richardson, etc.
Distribuição: Filmes Castello Lopes;
Estreia: Cinema Olympia

Os estudos de Darwin, a «evolução das espécies» vistas pelo prisma de filme fantástico de fancaria. As explicações ficam ao nível das condensações do **Reader's Digest** e a imagética é pobre e quase sempre pouco inspirada. O rigor científico é o que se calcula, mas aqui e ali ainda sopra um «ventinho de loucura» que apraz registar. A banalidade é, porem, a constante.

O HOMEM COM RAIO X NOS OLHOS

Título original: THE MAN WITH TEHE X RAY EYES
Realização: Roger Corman, 1963 (EUA)
Intérpretes: Ray Milland, John Hoyt, Harold Stone, Don Rickles, etc.
Distribuição: Sif;
Estreia: Cinema Olympia (20.5.1974)

Um homem com visão raio X que lhe permite assistir, por exemplo, a uma reunião de amigos e despi-los à distância. Um filme de Roger Corman é normalmente um filme com qualquer coisa de curioso. Este não foge à regra, mas tecnicamente é de uma pobreza de meios congrangedora. Depois os anos passaram, (o filme data de 1963), o guarda-roupa envelheceu e o mau gosto redobrou. Um filme quase **kitch** nalgumas das suas sequências essenciais.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de EMPREGADOS GERAIS

(Antiga designação — SERVENTES —)

Nos Hospitais Civis de Lisboa Serviço de Pessoal aceitam-se inscrições até ao dia 31 de Maio corrente, para a admissão de empregados gerais, categoria a que corresponde o salário mensal ilíquido de 2.400$00.

Os candidatos deverão obedecer às seguintes condições:

a) IDADE: mais de 18 e menos de 35 anos,
b) HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: aprovação no exame do 2.º grau do ensino primário elementar;
c) Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco.

As inscrições podem ser feitas mediante o envio de carta, onde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b).

A BEM DA NAÇÃO
O ADMINISTRADOR,
Fernando Pimenta

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de EMPREGADAS AUXILIARES

(Antiga designação — CRIADAS —)

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Serviço de Pessoal — aceitam-se inscrições até ao dia 31 de Maio corrente, para a admissão de empregadas auxiliares, categoria a que corresponde o salário mensal ilíquido de 1.700$00.

As candidatas deverão obedecer às seguintes condições:

a) IDADE: mais de 18 e menos de 35 anos;
b) HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: aprovação no exame do 2.º grau do ensino primário elementar;
c) Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco.

A sua inscrição pode ser feita mediante o envio de carta, onde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b).

A BEM DA NAÇÃO
O ADMINISTRADOR,
Fernando Pimenta

garanta o seu futuro e o de sua familia depositando no

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

Procure-nos para melhor o informarmos

DL/NACIONAL

CONVITE A UMA REFLEXÃO

Continuação da pág. 3

percentagem fixada. Quer dizer: uma família de 5 pessoas que tenha, no ano base, um rendimento de 80 contos/ano, pagará no máximo, 20 contos de rendas, tendo direito a uma casa com o número de metros quadrados relacionado com o número de familiares (5). Se o rendimento do agregado familiar subir, no ano seguinte, a 100 contos, passará a pagar 25 contos de renda. A forma de prevenir abusos aquando de aumentos sensíveis de rendimentos que faria ultrapassar o «plafond» indicado em b) resolver-se-ía com a amortização mais rápida da habitação distribuída. A «indexação» permite, assim, proteger o investidor contra a depreciação do valor real dos juros recebidos. (E bem assim, do capital representado nos títulos).

A fim de permitir aos mais interessados ver como se desenvolveria o programa financeiro, preparámos o quadro junto. O exercício (em que, para facilitar trabalhámos com valores não inflacionados: custo de construção constante, rendas constantes, juros constantes), não pretende mais do que ilustrar uma ideia e como tal deve ser visto. O rendimento anual medio do agregado familiar tipo foi tomado em 72 contos/ano (6 contos/mês), rendimento do agregado). Todos os anos são emitidas 20 milhões de obrigações a um juro de 7 por cento. Neste exemplo, ao fim de 30 anos, um milhão de famílias teria casa própria e, ao fim de 10 anos, tinha resolvido o seu problema de habitação. Por outro lado, com um programa destes, criar-se-ía qualquer coisa como 120 a 150 mil novos empregos, podendo imaginar-se a criação de mais 50 ou 60 mil noutras indústrias.

As Obrigações a emitir seriam, naturalmente, tomadas por todos os portugueses e estrangeiros que quisessem subscrever, particulares, empresas, cooperativas, e, em princípio, podiam ser, se fosse útil e necessário, descontadas nos bancos comerciais com garantia de redesconto pelo Banco de Portugal. As empresas de materiais de construção, por exemplo, podiam tomar Obrigações pagando em materiais e componentes. Evidentemente que, através da própria compra das Obrigações e de acordo com planos estudados pelo Estado, se proveriam as condições para assegurar, quanto possível, a aquisição da casa pelo arrendatário, antes da amortização estar concluída. Após ela, como é óbvio, a habitação passará para a propriedade do mesmo arrendatário.

E possível que o exemplo dado seja visto como uma utopia. Ele corresponderia a «duplicar» a capacidade produtiva do sector de construção civil, implicando outros investimentos extremamente elevados. A profunda reconversão levaria (talvez) bastante tempo. Também há outras prioridades de igual urgência: hospitais, escolas, liceus, transportes.

Em todo o caso, diz-me o coração que a revisão dos programas do antigo regime talvez permitisse encontrar parte da resposta. Talvez não haja que continuar a gastar muitos e muitos milhões de contos com tiros. Talvez não tenhamos necessidade de 14 milhões de contos de auto-estradas, nem de um aeroporto que nos vai custar para cima de 30 milhões em vinte anos. Talvez se possa gastar um pouco menos, quer ao nível público, quer ao nível privado, com o «doente» de Sines. E por aí fora, num nunca acabar.

Apenas sugestão para reflexão sobre um possível programa capaz de mobilizar a capacidade criadora dos portugueses reconciliados, atrevo-me a pensar que, na hipótese de que, pela vontade da maioria, uma social democracia e mesmo o Socialismo se venha a implantar no nosso país, a linha de reflexão aqui deixada pode dar resultados prometedores.

FRANCISCO CORREIA GUEDES

FALTAM 5 NOITES

PARA TERMINAR

A EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 23 H

MOBILIÁRIO Z-MARKS FABRICANTS

NA

MOVILAR PORTUGUESA

apresentação de novos modelos

Rua Marquês da Fronteira, 4 (loja)
S. Sebastião — L I S B O A

SINDICATO DOS ESCRITÓRIOS DE LISBOA

INDÚSTRIA QUÍMICA

Convidam-se os trabalhadores da **Indústria Química** (antigas Secções de Actividades 10.ª — Indústria Química e 14.ª — Comércio de Produtos Químicos) para uma reunião a realizar na

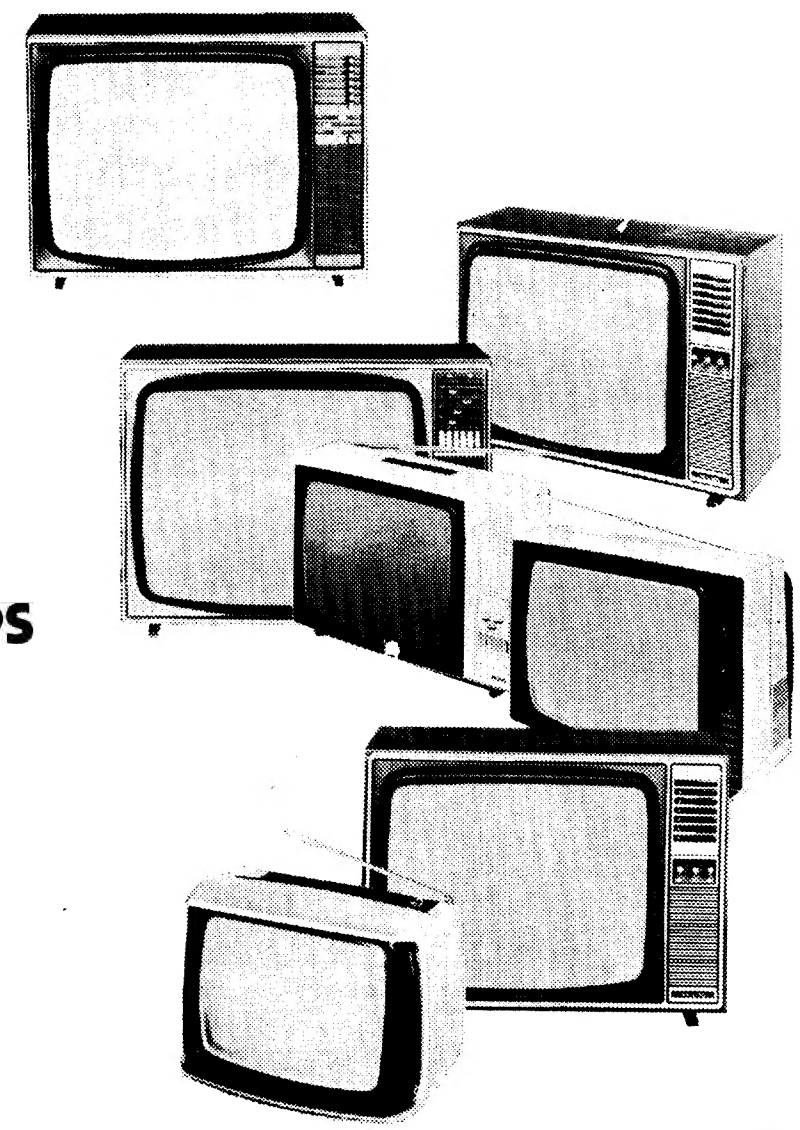
2.ª feira, dia 27, às 21.30 horas no
CLUBE ATLÉTICO DE CAMPO DE OURIQUE
Travessa do Cabo, n.º 3-A

com a seguinte Ordem dos Trabalhos :

1. **Análise da situação sindical actual;**
2. **Eleição do grupo de trabalho que substituirá as comissões directivas extintas;**
3. **Perspectivas de acção futuras.**

A DIRECÇÃO PROVISÓRIA

ESPIRAL 11-74



PHILIPS

para uma televisão nova a nova gama de televisores philips

Philips faz parte da sua vida

DL/NACIONAL

"Dispensa do sétimo ano: doze ou catorze valores?"

Em resposta ao artigo «Dispensa do sétimo ano: doze ou catorze valores?», da autoria da nossa camarada de redacção, Lourdes Féria, recebemos a seguinte carta do sr. dr. Henrique José Monteiro Chaves:

A estratégia que vou utilizar para expor aquilo que penso, é a de abordar o seu artigo à medida que os parágrafos lhe foram saindo da pena, não pretendendo entrar em análise de problemas mais fundos relativos ao ensino, pois isso parece-me impossível fazer-se por carta. Note-se que até me considero colocado numa posição privilegiada para essa discussão, uma vez que concluí com pleno aproveitamento (e no tempo em que se dispensava do 7.º ano com 16!...) o curso dos Liceus e me encontro actualmente no último ano do curso de Direito da Universidade de Lisboa.

Postas estas ideias introdutórias aqui estão os tais comentários:

— No 3.º parágrafo do seu desapaixonado artigo, qualifica a jornalista de provinda da «reacção camuflada sob a capa de sensatez» a contestação dos professores do Liceu D. João de Castro, contestação essa em que se manifesta uma opinião apenas parcialmente discordante da que foi expressa pelos alunos e professores dos liceus de Lisboa. Que me desculpe a sr.ª D. Lourdes Féria de eu achar extraordinariamente saudável esta opinião discordante, independentemente de concordar ou não com ela, uma vez que estando todos os bons portugueses, entre os quais me incluo, empenhados em construir a forma de sociedade mais perfeita de todas e que é a democracia, caracterizada pela liberdade de expressão, toda a gente tem o direito de manifestar a sua opinião, **sem que por tal manifestação deva ser apelidada de reacção.** Desenha-se efectivamente, quanto a mim, uma certa tendência em certos sectores, nomeadamente, em certas publicações para qualificar como «da reacção» as opiniões contrárias às desses sectores ou publicações. Ora, quanto a mim, a constatação deste facto só demonstra uma de duas coisas: ou falta de preparação para a aceitação do jogo e dos ideais democráticos, assente na intolerância ou na má fé, ou então uma nítida «pequenez de vistas». «A bom entendedor...»

— Continua a articulista pela manifestação de concordância com os problemas do Liceu D. João de Castro, quanto ao ponto de serem os condicionalismos socio-económicos «que determinam ou determinavam a exclusão da universidade da grande maioria dos filhos dos operários». Parece-me efectivamente que isto é uma realidade indiscutível, como também o é a de esses condicionalismos terem sido impostos por uma sociedade classista. Só já não posso é concordar com a afirmação de que tal realidade foi esquecida pelos professores do Liceu D. João de Castro. Dizem eles efectivamente que «quem segregou o povo das universidades e das estruturas do ensino geral não foram as médias de acesso às escolas mas os condicionalismos socio-económicos». Ora que eu saiba as realidades sociais e económicas são manejadas pelos homens e se elas são manipuladas de maneira a excluir certas pessoas do ensino, a conclusão lógica é a de que quem as manipula é nitidamente elitista, segregacionista e portanto classista. Não me parece pois que tenha havido qualquer esquecimento por parte dos professores em causa.

— O ponto que a seguir se aborda no artigo «Doze ou catorze valores?» é o da condição dos estudantes trabalhadores, apontando-o a sr.ª D. Lourdes Féria como tratando-se de mais um lapso de memória dos professores do Liceu D. João de Castro. Ora quanto a este ponto só tenho duas observações a fazer: a 1.a observação é a de que não me parece que em nome desses estudantes trabalhadores, que serão necessariamente em menor número do que os outros, se possa reduzir o nível de conhecimentos exigível, através de uma baixa da média de dispensa. A 2.ª observação é a de que na sociedade democrática que todos desejamos construir, e que procuraremos que seja efectivamente caracterizada por igualdade de oportunidades, o número de estudantes trabalhadores dimunuirá de forma, com certeza, bastante sensível, uma vez que se trabalhará apenas depois de ter estudado e porque (espera-se) já não será necessário trabalhar para poder estudar.

— Continuando a sua exposição recomenda a sr.ª D. Lourdes Féria aos professores do Liceu D. João de Castro uma revisãozinha ou a colocação em causa da sabedoria dos professores do Liceu D. João de Castro, aprendida na Universidade fascista. Ora parece-me que não são só os professores do Liceu D. João de Castro que têm de fazer esse exame de consciência. Somos todos nós portugueses com formação universitária e não universitária, e portanto também a sr.ª D. Lourdes Féria, a não ser que não tenha essa tal formação universitária ou a tenha adquirido há mais de 48 anos o que é o mesmo que dizer antes da implantação do fascismo em Portugal.

— O ponto que a seguir se me oferece comentar é o da crítica da articulista ao facto realmente lamentável e indiscutível de os professores liceais ministrarem um ensino imbuído de profunda ideologia fascista, e portanto nitidamente deturpado. Houve efectivamente neste campo uma colaboração tácita quando não mesmo expressa, com o antigo regime. Mas ela é quanto a mim desculpável pois o fruto de uma coação que até se estendeu à grande maio- pois foi fruto de uma coacção que até se estendeu à grande maioria dos portugueses. Bastava consultar a generalidade dos jornais antes do glorioso dia 25 de Abril para constatar este facto. Jornalistas que hoje se apresentam democratas de gema «lambiam as botas» (perdoe-se a expressão) e colocavam nos píncaros os Moreiras Batistas, Caetanos e restantes dirigentes do antigo regime. Com certeza que a articulista não estava nesse número e pode pois «atirar a 1.ª pedra».

— Finalmente afirma a jornalista que «numa nação de homens livres os métodos de ensino são escolhidos pelos alunos e não pelos professores». Para além do aspecto cómico que teria uma escolha de métodos de ensino por parte dos alunos do jardim infantil ou da instrução primária, só tenho a dizer-lhe sr.ª D. Lourdes Féria o seguinte:

— Numa nação de homens livres os métodos de ensino não são escolhidos nem pelos alunos nem pelos professores. São escolhidos sim, pelos alunos e pelos professores conjuntamente porque é aí que está a verdadeira concretização dos ideiais democráticos.

MUITOS PROFESSORES SÃO ANTIFASCISTAS

«Dispensa do sétimo ano: doze ou catorze valores?» também é comentado pelo sr. dr. José Castanho Fortes:

— Não passa de irresponsável demagogia o dizer-se que os liceus «estão repletos (sic) de elementos reaccionários que farão tudo (!!!) para prejudicar aqueles que se manifestarem antifascistas.

Aparte-os, ao menos aos órgãos que deverão vigiar pela desfascização das escolas, o autor ou autores de tal notícia, que assim provará que está bem informado.

— E poderá também esclarecer a quantos e a quais regimes é que os liceus habilmente se adaptaram.

Sou professor efectivo do 4.º grupo do liceu Nacional de Cascais e não posso deixar de vivamente repudiar tais afirmações dado que não é verdade o que se afirma tão categoricamente.

Estou no trigésimo ano da minha carreira docente e se é certo que conheci professores (?) como aqueles que a notícia refere, certo é também que eram e são uma insignificante minoria. A grande maioria era (e é, infelizmente) «neutra».

Mas, também, e felizmente, muitos foram aqueles que puseram em risco a própria existência quando tiveram que optar. De todos estes, destaco apenas os meus colegas e amigos António José Saraiva e Óscar Lopes.

Que sejam os nossos alunos a julgar-nos, mas não uma opinião pública (des) informada por demagogias.

«Se fosse a «Época» ou o falecido «Diário do Norte» (fui professor no Porto durante 16 anos) nem sequer me magoava.

Mas o «Diário de Lisboa!»

CDE DE CANEÇAS

Hoje às 21,30 na sala da Soc. Musical e Desportiva de Caneças, a CDE local promove um Colóquio de esclarecimento àcerca da situação política actual do nosso País, em que os temas principais serão: FASCISMO e GUERRA COLONIAL.

MÁQUINAS + GF + GEORGES FISCHER
PARA ROSCAR, CORTAR E CURVAR TUBOS
A A GONCALVES FERREIRA & C LDA
Rua dos Lusiadas, 50 1 Esq Telef 64 31 21 Lisboa

GSpécial
Citroën GS
a preço 'special

Porque um Citroën é um Citroën — GSpécial é equilíbrio e homogeneidade; conforto e segurança; técnica robusta ao serviço da economia — aerodinamismo para reduzir os gastos de energia, aproveitamento máximo do espaço e características técnicas exactamente iguais às do GS 1220, a excepção da cilindrada.
Porque cada vez mais Você precisa de um carro que responda a inúmeras exigências, a Citroën criou o GSpécial.

Consumo do GSpécial: 6,7 litros a 80Km/h.
GSpécial – porque 1 escudo é 1 escudo e 1 litro é 1 litro.

CITROËN GS

DL/GERAL

NOVO CASO DE ESPIONAGEM NA ALEMANHA FEDERAL?

BONN, 27 — (A.N.I.) — Sob a pressão dos desmentidos dos governos da Alemanha Federal e dos Estados Unidos, a revista «Capital» teve que desdizer-se das afirmações que ia publicar, segundo as quais agentes da CIA teriam informado Washington sobre a possibilidade de Guenther Nollau, director do gabinete federal para a protecção da constituição (contra-espionagem) ser agente do Governo comunista da Alemanha Oriental.

«Novas informações lançaram graves dúvidas sobre a autenticidade do papel que se afirmava ser um estudo secreto da CIA, e em vista das declarações de Nollau assim como dos categóricos desmentidos dos Governos alemão federal e norte-americano, a «Capital» publicará o artigo» — declarou o director da revista mensal Ferdinand Simoneit.

Nollau desmentiu a notícia, quando Simoneit anunciou, há quatro dias, que tencionava publicar o artigo.

A alegação contra Nollau deu origem à primeira crise do novo governo do chanceler Helmut Schmidt, explodindo apenas uma semana depois deste ter tomado posse do cargo, e preocupa sobretudo o Governo porque Willy Brandt, antecessor de Schmidt, demitiu-se precisamente depois da descoberta de um espião da Alemanha Oriental entre seus colaboradores.

Antes da desistência da revista Nollau fora ao tribunal exigindo que se proibisse a publicação do artigo difamador, e pedindo indemnização por danos causados pela propaganda pré-publicação.

O tribunal de Colónia, onde se encontram a sede da revista assim como o gabinete de Nollau, marcou para hoje o pronunciamento da sua decisao.

Entretanto, o jornal «Welt Am Sonntag» indica que Reinhard Gehlen, antigo chefe da agência federal de espionagem, desmentiu as declarações da «Capital», segundo as quais Gehlen teria dito uma vez ao governo que suspeitava que Nollau fosse um agente comunista.

Acrescentou que apenas se limitou a opor-se em princípio que fosse dado a um refugiado da Alemanha Oriental uma posição tão delicada.

Nollau fugiu da Alemanha Federal em 1950.

ORGANIZAÇÃO MANILAS ZAMORANO ESTUDOS E INVESTIMENTOS FINANCEIROS, SARL

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas,

É a primeira vez que temos a honra de nos dirigir a V. Exas para lhes submeter o relatório e contas referente à actividade da vossa empresa.

Durante este exercício iniciou-se a actividade com os estudos e estabelecimento dos contactos necessários ao arranque do esquema de actuação logo inicialmente traçado.

Foi extraordinariamente difícil encontrar o local onde se montará o primeiro estabelecímento mas após laboriosas negociações chegou-se a acordo para a participação numa instalação já existente que irá sofrer profundas alterações, ficando a cargo desta empresa todo o estudo de remodelação e arranque do novo conjunto.

De acordo com o que estava programado e aprovado desenvolveram-se as diligências para o aumento de capital social e é com natural satisfação que podemos anunciar terem sido já obtidas as respectivas licenças para que a Sociedade Manila, S. A. passe a ser também accionista participando no aumento de capital de acordo com o esquema previsto.

Prevê-se celebrar a respectiva escritura notarial em período relativamente curto.

Parece-nos oportuno dizer uma breve palavra para salientar a importância da entrada de Manila, S.A. empresa com créditos firmados ao longo de vários anos de actuação que lhe deram um conhecimento profundo deste tipo de actividade, como facilmente se pode constatar das inúmeras unidades que actualmente tem em exploração, e que por isso nos irá prestar uma valiosíssima colaboração.

O balanço e contas parece-nos que são suficientemente explícitos e reflectem, como não podia deixar de ser, os primeiros passos dados pela empresa. Propomos que o resultado do exercício seja transferido para o ano seguinte.

Queremos expressar aqui o nosso mais profundo agradecimento ao Banco da Agricultura junto de quem encontrámos a maior colaboração e entusiasmo por esta nossa iniciativa, e ao digníssimo Fiscal Unico que muito nos honrou com a sua colaboração.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1974

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Eng. Fernando Manuel Costa de Moraes
Dr. Juan Francisco Hernandez de Armijo
Manuel Fernandes Navas

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

ACTIVO

CRÉDITOS A CURTO PRAZO			
Devedores			9 550 000$00
IMOBILIZADO			
Gastos 1.º estabelecimento	82 679$00		
Amortizações	27 556$90	55 122$10	
Particip. em Out. Sociedades		2 450 000$00	2 505 122$10
			12 055 122$10

PASSIVO

DÉBITOS A CURTO E MÉDIO PRAZO		
Bancos	3 963 521$00	
Letras a Pagar	8 000 000$00	11 963 521$00
SITUAÇÃO LÍQUIDA		
CAPITAL E RESERVAS		
Capital	100 000$00	
	100 000$00	
Resultado do Exercício	— 8 398$90	91 601$10
		12 055 122$10

O Balanço foi assinado po": Eng.º Fernando Manuel Costa de Moraes
As contas do balanço foram aprovadas em: 30-Março-1974

O TECNICO DE CONTAS
Carlos Alberto de Castro Pereira

A ADMINISTRAÇÃO
ORGANIZAÇÃO MANILAS ZAMORANO
ESTUDOS E INVESTIMENTOS FINANCEIROS, SARL

RESULTADO DO EXERCÍCIO

DÉBITO		CRÉDITO	
AMORTIZAÇÃO	27 556$90	RENDIMENTOS ACESSÓRIOS	19 158$00
		RESULTADO DO EXERCÍCIO	8 398$90
	27 556$90		27 556$90

O TECNICO DE CONTAS
Carlos Alberto de Castro Pereira

As contas e o balanço foram aprovadas em: 30/3.1974
ORGANIZAÇÃO MANILAS ZAMORANO
ESTUDOS E INVESTIMENTOS FINANCEIROS, SARL

RELATÓRIO E PARECER DO FISCAL ÚNICO

Srs. Accionistas:

Durante o ano de 1973, e em conformidade com a lei comercial e os estatutos e na minha qualidade de fiscal único da Sociedade, procedi à regular verificação dos livros selados e outros registos contabilísticos, tendo sempre encontrado tudo na mais perfeita ordem e exactidão.

Assim, dando cumprimento às disposições do Decreto Lei n.º 49381, de 15 de Novembro de 1969, alterado em parte pelo Decreto Lei n.º 648/70, de 28 de Novembro, verifiquei com periodicidade os livros e os demais elementos contabilísticos postos à minha disposição, tendo encontrado sempre tudo na melhor ordem. Da parte do Conselho de Administração recebi sempre com prontidão respostas às perguntas solicita e beim assim todos os esclarecimentos pedidos no exercício da minha função.

Analisando o relatório do Conselho de Administração e o balanço e contas referidos a 31 de Dezembro de 1973, verifiquei que estes elementos satisfazem as disposições legais estatutárias, assim como os critérios valorimétricos adoptados conduzem a uma correcta avaliação do património e determinação dos resultados.

Como conclusão é meu parecer:

a) Que sejam aprovados, balanço e contas da administração referentes a 1973;
b) Que seja aprovada a aplicação dos resultados conforme é proposto pelo Conselho de Administração:
c) Que seja aprovado um voto de muito merecido louvor ao Conselho de Administração pela competência, zelo e dedicação demonstrados na gestão da Sociedade.

Lisbos, 13 de Março de 1974

O Fiscal Único
Álvaro Luís da Silva Domingues

Liga Portuguesa dos Direitos do Homem -corpos gerentes

. Os corpos gerentes da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem, tomaram posse, ficando assim constituídos: Assembleia Geral, Luis Ernâni Dias-Amado (presidente), Teófilo Carvalho dos Santos (vice-presidente), Nuno Godinho de Matos (secretário), Vasco Luis Ataíde Fernandes (secretário); Direcção: Vasco da Gama Fernandes (presidente), José Magalhães Godinho (vice-presidente), Henrique de Barros (secretário das relações exteriores), António Marcelino Mesquita (secretário-geral), Manuel Alpedrinha (secretário-adjunto), Carlos Alberto Ferreira de Andrade (tesoureiro), Maria Barroso, Miguel Serrano, Xencora Camotim (vogais); Conselho Jurídico: José Magalhães Godinho (presidente), Vasco Serrano de Castro, Manuel Macaísta Malheiros (vogais); Comissão de Estudos Sociais e Económicos: Henrique de Barros (presidente), Rogério Fernandes, Mário Sottomayor Cardia, Francisco Salgado Zenha, José Vera Jardim, Nuno Godinho de Matos (vogais); Comissão de propaganda: Xencora Camotim (presidente), Alvaro Guerra, Miguel Serrano, José Gamboa Vaz, Urbano Tavares Rodrigues, Mário Mesquita e Ramon Machado de La Féria (vogais).

Desaparecidas mais 24 viaturas

. Segundo nos informa o Comando-Geral da P. S. P. no período compreendido entre as 24 horas de anteontem e as 24 de ontem, desapareceram as seguintes viaturas: DA-43-89, Austin 1300; EE-50-17: Austin 1000; DA-79-78, Austin 1000; FC-73-15, Morris 1000; AH-88-77, Morris 1000; FP-11-51, Austin Mini; AG-51-34, Austin; BB-49-69, Austin; AG-51-34, Austin; BB-49-69, Austin; ID-70-83, Austin; FP-93-75, Morris; GB-78-53, Morris 1100; FC-85-32, Morris 850; DI-75-72, Morris Mini; DN-98-73, Morris; HN-20-38; Morris; AL-55-54, Austin; BB-80-57, Morris; MR-75-98, Fiat 850; EF-96-44, Fiat 600, EH-68-21, Datsun 1200; GG-50-82, Datsun 1200.

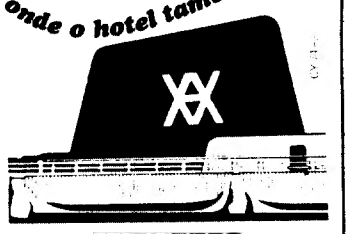
No mesmo periodo foram, entretanto, recuperadas 17 viaturas.

Reunião camarária na Lourinhã

A Câmara Municipal da Lourinhã deliberou adjudicar as obras de remodelação de uma conduta adutora de água no valor de 1400 contos e a compra de um equipamento electromecânico no valor de 300 contos.

Nessa reunião foi ainda aprovado um concurso para aquisição de uma viatura de lixo com comparticipação do Estado e o envio de um projecto para construção do Palácio de Justiça.

CRUZEIROS YBARRA 1974
onde o hotel também viaja



PAQUETES
CABO SAN ROQUE
CABO SAN VICENTE
MAGNÍFICOS CRUZEIROS
CRUZEIRO À RUSSIA
De 1 a 15 de Julho
PREÇO DESDE: 11.712.00
PAÍSES NÓRDICOS
de 5 a 25 de Julho
PREÇO DESDE: 16.185.00
MAGNA GRÉCIA
De 15 a 29 de Julho
PREÇO DESDE: 12.065.00
CAPITAIS NÓRDICAS
De 26 de Julho a 13 de Agosto
PREÇO DESDE: 15.301.00
MEDITERRÂNEO
De 30 de Julho a 12 de Agosto
PREÇO DESDE: 11.437.00
MAR BÁLTICO
De 14 de Agosto a 1 de Setembro
PREÇO DESDE: 15.301.00
ILHAS DO ATLÂNTICO
De 12 a 24 de Agosto
PREÇO DESDE: 10.300.00
MAR NEGRO
De 24 de Agosto a 9 de Setembro
PREÇO DESDE: 12.477.00
VENEZA E JUGOSLÁVIA
De 10 a 22 de Setembro
PREÇO DESDE: 8.770.00
viagens nascimento
experiência em turismo
R. das Flores, 71 - Tel. 32 04 00/36 18 23
32 14 79/32 72 77/8/9 - Lisboa 2

NÃO PINTE OS CABELOS
USE RESTAURADOR OLEX
E OS SEUS CABELOS VOLTARÃO A SUA COR PRIMITIVA
FRASCO 32$50
Correio 7$50
Couto, Lda. - Porto

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Rosado Costa. «Tabacaria Arcada», Praça da Renovação, 8-B ALMADA

DL/NACIONAL

ÁLVARO CUNHAL À JUVENTUDE:

"A SOLUÇÃO DA GUERRA COLONIAL NÃO PODERÁ SER OUTRA QUE NÃO SEJA O SEU FIM"

. Aqueles que, neste momento decisivo, procuram dividir o nosso povo procuram criar atritos e pontos de ruptura entre o movimento popular e as Forças Armadas, que em vez de combaterem a ameaça da reacção fascista combatem o Governo Provisório, que tomam como principal objectivo dos seus ataques o Partido Comunista Português — a principal força política do nosso país, sem a qual não é possível prosseguir o processo de democratização — esses que assim procedem servem objectivamente (e talvez alguns deles com plena consciência) os interesses da reacção e do fascismo. Estas palavras são de Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português e ministro sem pasta do Governo Provisório, proferidas durante o Grande Encontro Nacional da Juventude Trabalhadora, que decorreu, na tarde de ontem, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa.

Noutro ponto do seu discurso, Álvaro Cunhal, referindo-se ao problema da guerra colonial, sublinhou que a sua solução «não poderá ser outra que não seja o fim da guerra colonial e do colonialismo, com o reconhecimento do direito dos povos à autodeterminação e à independência».

REIVINDICAÇÕES

Nesse encontro, organizado por iniciativa das comissões executiva e central do Movimento da Juventude Trabalhadora, e que reuniu alguns milhares de jovens de ambos os sexos, vindos de diversos pontos do país, usaram da palavra os representantes dos diversos distritos, tendo o representante de Lisboa lido o «manifesto à juventude trabalhadora», que proclama com urgente as seguintes reivindicações dos jovens trabalhadores: *a melhoria das condições de vida e de trabalho e a aplicação do princípio de salário igual para trabalho igual; a proibição do trabalho infantil; o reconhecimento dos direitos sindicais desde a idade em que começa a trabalhar; o estabelecimento do direito de voto a partir dos 18 anos; o acesso ao ensino, à cultura e ao desporto, uma reforma geral e democrática do ensino; a garantia de habitação condigna a melhoria das condições de saúde e assistência social.*

Falaram também, para dirigir saudações à juventude trabalhadora portuguesa, vários oradores representantes de movimentos de juventudes democráticas de vários países, tendo a reunião terminado com um convívio musical, em que intervieram José Jorge Letria, Luísa Bastos e o Grupo Coral de Aljustrel, constituido por mineiros.

COMÍCIO NA PÓVOA DE SANTA IRIA

Um comício promovido pelo Partido Comunista Português na Póvia de Santa Iria teve a presença de seiscentas pessoas — seiscentas pessoas que repudiaram o fascismo, saudaram o dia novo que surge para Portugal e evocaram todos quantos sofreram e perderam a vida na luta contra o regime que nos oprimiu quase durante meio século.

Os oradores fizeram referência «ao capital acumulado que deve ser posto ao serviço de todos os portugueses para uma melhor integração de todos os trabalhadores no actual sistema antifascista».

NÃO ÀS GREVES SELVAGENS

«As greves selvagens não podem servir as causas dos trabalhadores» — afirmou-se em Braga numa reunião magna de Sindicatos a que assistiram dez mil pessoas.

Pio Baldelli, socialista italiano, em Portugal desde 25 de Abril, dirigiu vibrante saudação aos trabalhadores ali reunidos, dizendo a certa altura:

. «Esta é uma assembleia de massas e não de politiqueiros».

Instituto Português de Cinema

MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

A Cinemateca Nacional apresenta no Salão de Cinema do Palácio Foz, a partir de 30 de Maio, às 18,15 e 21,30, o CICLO ERNST LUBITSCH:

. 5.ª-feira, 30 de Maio, DER STOLZ DER FIRMA (1914); SCHUHPALAST PINKUS (1916)
. 2.ª-feira, 3 de Junho, DIE AUGEN DER MUMIE MA (1918)
. 5.ª-feira, 6 de Junho, CARMEN (1918)
. 2.ª-feira, 17 de Junho, DIE AUSTERNPRINZESSIN (1919)
. 5.ª-feira, 20 de Junho, MADAME DUBARRY (1919)
. 2.ª-feira, 24 de Junho, DIE PUPPE (1919)
. 5.ª-feira, 27 de Junho, KÖHLHIESELS TÖCHTER (1919)
. 2.ª-feira, 1 de Julho, SUMURUM (1920)
. 5.ª-feira, 4 de Julho, ANNA BOLEYN (1920)
. 2.ª-feira, 8 de Julho, DIE BERGKATZE (1921)

. Este Ciclo é repetido pelo Instituto Alemão a partir de 4 de Junho.

Motivos imprevistos podem fazer alterar este programa.

— Grupo A (maiores de 6 anos).

Os convites são distribuídos na Agência de Turismo nos Restauradores, no próprio dia de cada uma das sessões.

A ABRIL CULTURAL APRESENTA UMA OBRA ESPECTACULAR, SOBRE A FORMAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA VIDA, NO NOSSO PLANETA.

"O MUNDO EM QUE VIVEMOS".

A GRANDE EPOPEIA DA HISTÓRIA NATURAL
É UMA SUPER PRODUÇÃO EDITORIAL EM 32 FASCÍCULOS SEMANAIS, ONDE SE FICA CONHECENDO TUDO SOBRE A VIDA E A FORMAÇAO DE UM PLANETA CHAMADO "TERRA" E SOBRE O UNIVERSO QUE O CERCA

NOS 32 FASCÍCULOS DE **"O MUNDO EM QUE VIVEMOS"**, VOCÊ ENCONTRARA ILUSTRAÇÕES MARAVILHOSAS E INEDITAS EM CORES DESLUMBRANTES, COM DESENHOS E FOTOGRAFIAS DRAMÁTICAS DA VIDA, MUITAS DELAS EM PÁGINAS TRIPLAS DESDOBRÁVEIS.

NÃO PERCA A OPORTUNIDADE DE COLECIONAR **"O MUNDO EM QUE VIVEMOS"**.

À VENDA SEMANALMENTE, AS 6as. FEIRAS, A 17$50, EM TODAS AS LIVRARIAS E TABACARIAS DO PAÍS.

distribuição exclusiva da **LIVRARIA BERTRAND**

TRABALHADORES-ESTUDANTES DIZEM "NÃO" À GREVE

Da comissão de Imprensa do MDP/CDE de Lisboa recebemos o seguinte comunicado das bases do Movimento da Juventude Trabalhadora das Escolas Nocturnas:

. **Considerando que a greve é uma das armas mais poderosas que as massas trabalhadoras têm ao seu dispor e que portanto só deve ser utilizada como ultimo recurso;**

. **Considerando ainda que na situação concreta actual a sua utilização indiscriminada só pode servir objectivamente as forças da reacção, as bases do Movimento da Juventude Trabalhadora, nas Escolas Nocturnas Marquês de Pombal, Veiga Beirão, Afonso Domingues, Machado de Castro, D. Dinis e Camões, reunidas no dia 25 de Maio, decidiram fazer um apelo a todos os estudantes para que retomem as aulas.**

A SITUAÇÃO NA «GRIS»

Da comissão interna de trabalhadores da empresa Gris Impressores recebemos o seguinte comunicado:

«Dentro da linha definida desde 24 de Maio de 1974, às 17 horas, os trabalhadores de Gris Impressores (Cacém) ocuparam as instalações da empresa, dada a resposta que receberam da Administração à lista de reivindicações apenas sociais que esses trabalhadores apresentaram.

Esteve presente na Gris, solicitados pelos seus trabalhadores, representantes do Exército português e uma delegação do Sindicato das Artes Gráficas.

Foi feito notar a essas entidades que a Gris, com 400 empregados, faz parte de um «trust» de empresas gráficas, que engloba a Editorial Verbo, o Clube do Livro, Sepura (Revistas «Livre» e «Gente»), Crediverbo, Unibolso, Verbo Escolar, etc.

Desta empresa tipográfica — montada com os mais modernos processos de composição (Fotocomposição, utilizando um computador 1130 da IBM), impressão e encadernação — saíram os célebres «Livros RTP», e a revista «Observador» e toda a vasta gama de livros da Editorial Verbo.

Em colaboração com o Fundo de Fomento de Exportação encontra-se a trabalhar em encomendas de edições estrangeiras que alcançam alguns milhares de contos.

Os trabalhadores mantêm a firma em plena produção, embora tenham tomado conta das instalações, cientes que a greve só iria prejudicar toda a economia não só da empresa como no âmbito nacional.

Três pontos fundamentais são impostos pelos trabalhadores:

— Reconhecimento da comissão de trabalhadores;

— Que três delegados da comissão de trabalhadores tenham acesso a reuniões da Administração e direito a voto;

Que a admissão ou despedimento de pessoal tenha de ser subordinada à decisão da comissão interna de Trabalhadores, reservando-se esta o direito de readmitir trabalhadores despedidos sem justa causa desde 1 de Janeiro de 1974.

Uma análise gramatical da resposta da Administração revela a seguinte estrutura:

3 parágrafos para dizerem que é altamente desejável uma estruturação.

1 parágrafo a dizer que se tem de criar um futuro na organização e um estatuto.

2 parágrafos a focar a apologia da sinceridade.

1 parágrafo a dizer que dão as reivindicações se se definir uma organização e uns estatutos.

O resto já não lemos porque cansa ou pretendia cansar-nos... esqueceram só que somos jovens!

CRÍTICA QUE FAZEMOS:

Consideramos que a resposta da Administração, assinada pelo sr. Fernando Guedes — Administrador Delegado — está apropriada à pessoa — à pessoa que durante muitos anos editou livros especialmente feitos para confundir as pessoas.

VIVA O PORTUGAL LIVRE»

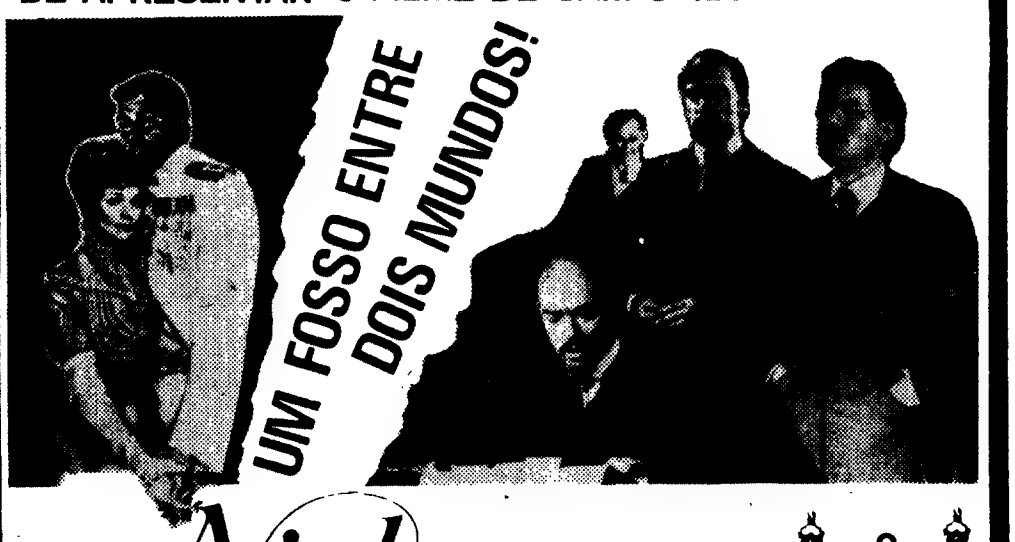
SATISFAÇÃO ENTRE OS METALÚRGICOS

A homologação do novo contrato dos metalúrgicos — que conquistaram pela primeira vez importantes regalias, como o décimo-terceiro mês, subsídio de Natal e salário mínimo de 4.500$00 — causou natural satisfação na classe.

Destaque-se o facto de o salário mínimo acima assinalado dizer respeito **a todo o País**, o que tem especial incidência na generalidade da província, onde grande número de ordenados estavam abaixo daquele quantitativo.

O contrato — no qual também se destaca a conquista **a trabalho igual salário igual** —, além de ter sido recebido com alegria, foi compreendido pela classe no seu significado político, no momento actual, nomeadamente nas regiões onde os metalúrgicos se encontram devidamente organizados no enquadramento sindical.

O CINEMA **MONUMENTAL** MANTENDO A TRADIÇÃO DE ESTREAR AS MELHORES SUPER-PRODUÇÕES COMO "DOUTOR JIVAGO" "O VIOLINO NO TELHADO" "FUNNY GIRL" ORGULHA-SE DE APRESENTAR O FILME DE SAM SPIEGEL



Nicolau e Alexandra

2 "OSCARS"

GRUPO D 18 ANOS

O MUNDO MUDOU PORQUE DUAS PESSOAS NAO QUISERAM MUDAR!

O filme que todos anseiam ver!

ATENÇÃO: Devido à grande metragem do filme as sessões começam às 14,45 e 21,30

AMANHÃ ESTREIA NO **MONUMENTAL**

O tema musical deste filme está gravado em discos DECCA, representada por VALENTIM DE CARVALHO.

DL/NACIONAL

Mutilados da guerra não venderam a alma

A hora do almoço para os mutilados no Lar Militar

Segundo informação colhida junto de elementos das Forças Armadas, anda à volta de três mil o número dos nossos mutilados de guerra ao fim de treze anos de luta em Africa. O regime de Salazar-Caetano não cuidou da subsistência destes homens, conferindo-lhes pensões baixíssimas (que vão dos 864$00 aos 2500$00, isto no que se refere a militares sem graduação ou pequenos graduados, que são, também, a grande maioria dos mutilados), nada fazendo para que a sua reintegração na vida nacional se processasse com a dignidade que o seu sacrifício merece.

Por outro lado, embora lhes permitisse a passagem por centros de recuperação e lhes custasse a sua deslocação ao estrangeiro para obtenção de mecanismos que substituíssem membros decepados, o Departamento da Defesa Nacional do Governo deposto em 25 de Abril não se debruçou como devia sobre os problemas da manutenção dos inválidos, estudo um novo regime de pensões, assim como o projecto para a construção de lares militares em vários pontos do País, a começar por Coimbra, Porto e Beja.

«AS EMPRESAS RECUSAM-NOS»

— **Não há direito. As empresas portuguesas recusam-se a dar trabalho aos paraplégicos e mutilados como eu ou, se nos oferecem emprego, procuram logo valer-se da nossa situação, propondo-nos salários miseráveis.**

E um mutilado do Lar Militar quem fala: António José Freire, ferido em Angola em 1968, na Pedra Verde. Conta agora 27 anos e, agarrado a uma muleta, faz serviço de porteiro naquele estabelecimento.

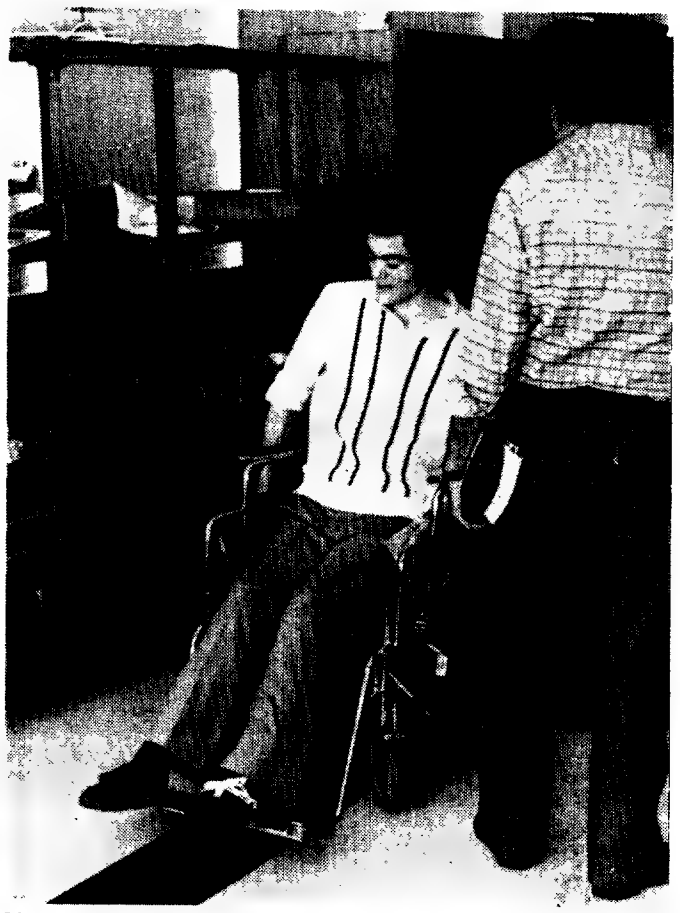
— **Eu já trabalhei fora do Lar** — acrescenta, a face torcida num esgar dramático. — **Mas o salário que me pagavam dava-me apenas para morrer de fome. Penso que se trata de uma injustiça, que tem de ser reparada. Primeiro, os senhores patrões esquecem-se que foi ao serviço da nossa terra que chegámos a esta triste situação. Segundo, acontece que, quando bem preparado, um paraplégico, se aproveitado num serviço em que possa revelar todas as suas capacidades, dá o mesmo rendimento que um trabalhador normal. Assim, eu não concordo com a discriminação. Muitos dos meus camaradas de desgraça têm família a sustentar e não é com uma pobre pensão e com um salário ainda mais pobre que poderemos levar por diante a vida digna a que temos inteiro direito. Ao contrário do que deveria ser, os patrões, em vez de nos ajudarem, exploram-nos, escravizam-nos.**

Esta voz que pede justiça não deve ser esquecida. Procurar ajudar dignamente os mutilados de guerra não nos parece que seja apenas um caso de compensação para a débil economia do País, pois é, muito mais, um caso de consciência nacional.

No Lar Militar existem oficinas que preparam os mutilados para certas profissões que lhes servirão para se defenderem, **com o que lhes resta**, das durezas da vida. Desde tipografia, a relojoaria, PBX, carpintaria, electrónica, encadernação, etc., os militares, cuja invalidez não seja absoluta, têm por onde escolher. Porém, de que lhes vale entregarem-se afincada e corajosamente a uma revalorização pessoal, se, ao saírem do lar, verificam que estão abandonados, à mercê da incompreensão dos homens escorreitos, da avareza ou da ignorância?

— **Era bom que se fizesse, através dos órgãos da Informação** — diz-nos ainda António José Freire —, **uma advertência aos proprietários ou administrativos das empresas de todo o País, mentalizando-os a tomar parte na responsabilidade da recuperação socio-económica dos inválidos da guerra. E esperamos que os serviços sociais das Forças Armadas possam, a partir de agora, ajudar-nos a recuperar a menor parte daquilo que perdemos. Isto não é um pedido. É a exigência de um direito.**

Texto de JOSUÉ DA SILVA
Fotos de RUI PACHECO



Ainda somos gente. Os mutilados da guerra não venderam a alma

Deram-me duas pernas metálicas, mas eu preferia as minhas

864$00 POR DUAS PERNAS

Visitámos o Lar Militar, de alto a baixo. As instalações são, na realidade, magníficas. Tudo arejado, limpo, espaçoso. Nós, porém, quisemos ver algo mais. Quisemos conhecer o **ambiente humano** que ali se vive. Não é, de maneira nenhuma, eufórico. Por mais de uma vez nos chegaram as lágrimas aos olhos. **O espectáculo** não tem muito de dignificante: jovens de vinte e poucos anos ceifados nas suas virtualidades, desesperados. Sem mãos, criando-lhes situações de verdadeiro desespero. Repare-se que, neste momento, existe só um Lar para militares atingidos pelos horrores da guerra, com a capacidade de ocupação não superior a setenta pessoas. Há, portanto, milhares de homens espalhados pelo País, vivendo em condições miserrimas, se atendermos à exiguidade das pensões e ao facto de, na sua quase totalidade, os militares mutilados pertencerem a famílias pobres e sem recursos.

Entretanto, tivemos conhecimento, no decorrer das diligências para a reportagem que levámos a cabo no Lar Militar, em Lisboa, de que a Junta de Salvação Nacional considera afincadamente o problema dos mutilados, encontrando-se em guerra que lhes triturou os corpos, lhes roubou a alegria de viver dos vinte e poucos anos. Certamente revoltados, julgando-nos a todos cúmplices do acto que os lançou na ruína de corpo, na angústia que os vai consumindo por se saberem caídos no irremediável. E quem terá a coragem de lhes negar que todos somos um pouco cúmplices da sua desgraça?

Cherno Jaló, natural da Guiné, fazia parte das milícias. Uma mina levou-lhe as duas pernas.

— **Ofereceram-me estas pernas mecânicas** — contanos ele, arregaçando as calças ate ao joelho. — **Fui a Hamburgo, onde me exercitaram a usá-las. Mas eu preferia as minhas pernas. Em troca, dão-me 864$00 por mês. O senhor acha que eu me sustento com esse dinheiro? Quero regressar à minha terra, mas quero levar uma pensão que me baste para viver e não para morrer de fome. No entanto, dizem que não tenho direito a mais, porque sou voluntário...**

Carrega na frase com ironia. Sorri. E num entre dentes, adianta: — **Todos sabem que não somos voluntários. Obrigam-nos a alinhar na milícia. Como é que vêm agora dizer-me que sou voluntário e que, portanto, não tenho direito a uma pensão maior?**

O caso seguinte é impressionante: Dembo Candé, de 23 anos, também natural da Guiné e das milícias e, igualmente ferido por uma mina, ficou sem a vista e sem as duas mãos. Com a cabeça encostada a um «transistor», procura nos sons que o aparelho lhe transmite a cor do mundo que a guerra lhe roubou. Fizeram-lhe um corte no coto do braço direito e é nesse corte que ele engancha a colher para comer. Também se queixa de que não vai poder viver com uma pensão de 864$00. A verdade é que Dembo quase não fala. A sua linguagem é monossilábica. Perdeu o contacto com a vida, tudo lhe deve parecer estranho, distante.

Alguns agarram-se ao estudo: Manuel Luís Martins e Fernando Ribeiro, o primeiro ferido na Guine e o segundo em Moçambique, frequentam o 1.º Ciclo dos Liceus, a expensas do Lar.

Luís Pires de Brito, mutilado em 1969, num combate em Moçambique, não se deixa submeter. Vive numa cadeira de rodas, mas quer manter-se vertical, olhando bem de frente o mundo que o rodeia:

— **Isto aqui não é mau. A comida, o alojamento, está tudo bem. Não tanto as relações humanas. Há quem faça pressão sobre nós para não dizermos certas verdades. É que a verdade dói. As pessoas, porém, devem convencer-se que nós não somos só os restos de um erro. Destruiram-nos o corpo, mas nós não vendemos a alma. Por exemplo: o Lar recebe mensalmente 500 contos de subsídio. Queremos saber como se gasta esse dinheiro, como é ele administrado. Não concordamos com determinadas coisas, como a discriminação que se faz entre negros e brancos, não em relação ao tratamento, mas em relação à paga de serviços prestados no Lar. Assim, um negro que trabalha ao lado de um branco, no mesmo ofício e com o mesmo nível de rendimento, aufere um ordenado muito mais pequeno. Isto está bem?**

Abana a cabeça, olha em torno. O capitão Ambar distanciou-se de nós, Luís Pires fala à vontade.

— **Gostaríamos que o Lar estivesse noutras mãos. O Exército é que o devia gerir. Além do mais, torna-se necessário rever imediatamente o problema das pensões. Não mereceremos mais alguma coisa, depois de termos deixado parte de nós no campo de batalha?**

Esta pergunta, com que fechamos o nosso apontamento, é mais do que uma pergunta: é uma chamada de atenção. Na realidade, os mutilados das Forças Armadas merecem mais alguma coisa que uma cadeira de rodas ou uma cama de hospital. Enfim — uma certa dignidade de viver. Mais ainda: é preciso que não aumente o número de mutilados da guerra no nosso País. É preciso que acabe este horrível cenário em que nos envolveram, este cenário de corpos e almas destroçados. É preciso acabar com a guerra.

Sindicato dos Escritórios de Lisboa

REUNIÃO DE TRABALHADORES DOS SINDICATOS

Em virtude de a lista «B» ter reservado a sala da Rua do Alecrim para segunda-feira, dia 27, às 21 horas, informa-se que a reunião dos empregados dos sindicatos «convocada» para o mesmo local e hora se realizará no **Salão dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, Rua Camilo Castelo Branco, nº 33 — Lisboa**

Lisboa, 25 de Maio de 1974

A DIRECÇÃO PROVISÓRIA

DL/NACIONAL

UM EX-PRESO POLÍTICO

Peniche era uma máquina de torturar homens

Por FERNANDA MESTRINHO

«Peniche era uma máquina de desfazer, de torturar homens É realmente muito difícil falar da hipocrisia das suas instalações Quem lá vai visitar aqueles pavilhões, desconhece que Peniche era o exemplo mais fascisticamente organizado de como não se pode viver preso» — assim se referiu Jacinto Martins, ex-preso político, à prisão de Peniche.

Jacinto Martins foi preso em Janeiro de 1959 e libertado em Julho de 1964. Acusação: pertencer ao Partido Comunista Português. A sua prisão efectuou-se durante a duríssima repressão, após a campanha eleitoral de Humberto Delgado para a presidência da República.

Esteve em interrogatórios na António Maria Cardoso, sede da PIDE/DGS. Esteve depois em Caxias. Após reivindicações dos presos de Caxias, por alturas do Natal, Jacinto Martins foi um dos transferidos para a delegação da PIDE no Porto. Aqui permaneceu perto de um ano.

—Em 1961 fomos inaugurar as novas instalações de Peniche. Tudo aquilo aparentemente é bonito. É o resultado de lutas constantes dos presos que estiveram lá antes de nós e que nós continuámos. Na reportagem que eu li no «Diário de Lisboa» afirmava-se que há rádios e televisões. No meu tempo, lutávamos para ter gravadores onde pudessemos aprender ou aperfeiçoar línguas. Também se fala nas instalações sanitárias. Pois é, mas os presos não se podiam servir delas a partir das nove horas da noite. Tinham que se servir de latas e quanto à água quente para o banho, isso é muito discutível. Apenas podiamos tomar um banho por semana — e se a água era quente.

O nosso interlocutor, contudo, manifesta-se especialmente pelo ambiente criado aos presos pelos próprios guardas:

—O chefe dos guardas, Vitor Ramos, vinha receber ordens à PIDE em Lisboa, e todas as semanas lá iam agentes da António Maria Cardoso. Ele conseguiu criar todas as condições para destruir os homens ali detidos. Os rostos dos guardas não tinham reacções. O chefe dos guardas retirava aos rostos dos guardas a sua expressão humana. Um dia tive oportunidade de ler qual era uma das ordens de serviço desse sr. Vitor Ramos. Dizia assim: «Os presos têm de sentir que estão sempre a ser vigiados». Isto era seguido à letra pelos guardas.

A propósito do convívio entre os presos Jacinto Ramos declarou-nos: **«É a coisa mais bela e que nos marca para toda a vida. Sentir em todos os momentos, fraternidade, convivência e ajuda por parte dos militantes do Partido Comunista Português. Ajudávamo-nos uns aos outros. Lembro-me de um camponês que estava no Aljube connosco. Como estavamos presos há poucos dias e tinhamos ainda muita comida que as famílias mandam sempre nos primeiros tempos. Dividimos tudo democráticamente e nessa altura, o camponês, vendo a parte que lhe cabia declarou: «Se isto é ser comunista, então eu quero ser comunista». Também nos estudos nós nos ajudávamos uns aos outros. As prisões políticas foram as grandes Universidades do povo. No tempo em que estive em Peniche, esta era a única prisão onde não podiamos ter aulas.**

Jacinto Ramos fala repetidamente de reivindicações dos presos. Foram eles que alcançaram as melhorias de condições para poder sobreviver em cadeias como a de Peniche. Conta-nos uma:

—Os guardas evitavam que nós falassemos uns com os outros. Revistávam-nos. Os pátios eram revistados para ver se os detidos que tinham estado antes no intervalo, tinham deixado algum bilhete. No entanto, em 1962, nós sincronizámos as nossas reivindicações e actuámos. De três em três horas chegávamos às janelas e gritávamos: «Comer, visitas e delegado do Ministério da Justiça». Era impressionante. A GNR foi chamada e apontou as pistolas-metralhadoras. A população de Peniche quando ouviu os nossos gritos, alta noite, veio até junto do portão. No outro dia o portão de madeira foi substituido por um de ferro e os guardas espacaram alguns presos nas celas individuais. O facto de eu ter vindo prestar estas declarações é informar as pessoas que não se devem iludir com as instalações aparentemente bonitas esquecendo-se que Peniche era de facto uma máquina de torturar homens. E muitos não resistiram.

Jacinto Martins: «As cadeias políticas foram as grandes universidades do povo»

COMBOIO DIRECTO PORTO-ALGARVE

Com o fim de proporcionar aos utentes uma viagem mais rápida ao Algarve, a C.P. vai organizar, às sextas-feiras, um comboio directo do Porto ao Algarve, que circulará durante a época de Verão.

O horário é o seguinte:

Partida de Campanhã às 20 horas, com chegada a Vila Real de Santo António às 10,20 horas. Partida daquela vila algarvia às 21,50 horas de sábado, com chegada a Campanhã às 13 horas de domingo.

Este comboio faz serviço de 1.ª classe e de camas, de 1.ª classe (compartimentos de uma cama) e de 2.ª classe (compartimentos de duas camas). Assegura o transporte de automóveis acompanhados entre Lisboa (Santa Apolónia) e Albufeira (e vice-versa) e entre Porto (Campanhã) e Albufeira (e vice-versa).

Este comboio tem ainda serviço de auto-expresso.

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

MOBILIÁRIO EM AÇO E MADEIRA E MÁQUINAS PARA ESCRITÓRIO

EQUIPAMENTOS DE POSTOS MÉDICOS E APARELHAGEM DE RAIOS X

Mobiliário diverso, estofos, utilidades diversas, artigos eléctricos

Mobiliário de sala, doméstico e p.ª escritórios, Carrinha Austin, etc.

IMPORTANTE

LEILÃO

AMANHÃ, 3.ª F.ª DAS 15 ÀS 20.30 HORAS

AV. CASAL RIBEIRO, 17

será vendida pela maior oferta e sem base de licitação toda a enorme existência, mais descriminada, nos jornais da manhã

Exposição amanhã das 10 às 13 h.

SOC. DE LEILÕES AFRA FILHOS, LDA

CASAS ALUGAM-SE novas c/ 2 e 3 assoalhadas próx. da estação de Oeiras. Tratar c/ SILVA COITO na R. Gregório Lopes, L. 1512 (Junto à Av. das Descobertas (Restelo)

FERIADOS EM LONDRES

JUNHO

9 a 12 e 12 a 16

Preços excepcionais desde* 2.500$

INCLUINDO:

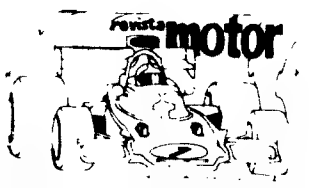
- Viagem em avião a jacto TRIDENT
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita turística de Londres
- Taxas hoteleiras
- Sobretaxa de combustível
- Acompanhante abreu

* a vantagem dos voos especiais

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu Fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sofia 2 • Telefs. 2 701/2

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS



viagens apolo 74

EM AVIÃO
MADEIRA 8/15 dias desde 2 900$00
MAIORCA 8/15 dias desde 3 240$00
CANÁRIAS 8/15 dias desde 3 320$00

EM AUTOCARRO
PRAIAS DO MEDITERRÂNEO 8/15 dias desde 2 290$00

NO SEU CARRO
BENIDORM 8 dias desde 525$00
TORREMOLINOS 8 dias desde 1 770$00

LONDRES 8/15 dias desde 2 990$00
LONDRES E ESCÓCIA 8 dias desde 6.230$00
(Viagens em avião)

viagens apolo

Consulte a sua Agência de Viagens habitual

DL/ESTRANGEIRO

ELEIÇÕES NO LUXEMBURGO

Acentuado o desvio à esquerda

LUXEMBURGO, 27 — (R.) — Os resultados preliminares das eleições legislativas no Luxemburgo revelam um acentuado e surpreendente desvio à esquerda e uma crescente desafecção ao Partido Democrático cristão, que domina a cena política do Grão-Ducado há mais de meio século.

Previa-se, com efeito, um ligeiro decréscimo na audiência da democracia cristã, mas as proporções do desvio suscitaram novas especulações sobre a hipótese de uma nova coligação de centro-esquerda, em substituição do gabinete demissionário de centro-direita.

Quase todos os resultados conhecidos se referem a pequenas aldeias do Leste e do Norte do Luxemburgo — bastiões tradicionais da democracia cristã. No entanto, os contornos da situação só começarão a definir-se claramente quando forem anunciados os resultantes respeitantes ao Sul industrializado e ao centro populoso, fortemente socialistas.

Por enquanto, o voto democrata cristão decresceu uniformemente, a favor dos liberais de centro-esquerda. Também tem registado ganhos consideráveis o Partido Social Democrático, que se afastou do Partido Socialista durante a última legislatura, o que indica uma cisão no eleitorado socialista.

Os 206 mil eleitores luxemburgueses são compelidos por lei a votar.

Na capital, ninguém diria que era dia de eleições. Aproveitando o claro dia primaveril, as famílias passeavam pacatamente pelas ruas, detinham-se na praça central para ouvir tocar uma banda de música e não prestavam a mínima atenção aos cartazes de propaganda dos diferentes partidos.

Sete agrupamentos políticos disputam os 59 lugares do Parlamento alargado, que continha anteriormente 56, e pela primeira vez os jovens entre os 18 e os 21 anos puderam votar.

No entanto, os democratas cristãos não esperam que a esquerda beneficie do voto juvenil e pensam que pelo menos 90 por cento dos jovens votarão como os pais.

Os socialistas na oposição foram prejudicados durante a campanha eleitoral por apresentarem uma frente dividida, consequência da cisão que deu origem ao Partido Social Democrático. Por outro lado, dois partidos comunistas disputam-se os votos da extrema esquerda, prevendo-se que obtenham êxito no Sul industrial. Os comunistas ocupavam seis lugares no Parlamento dissolvido.

Durante a anterior legislatura, o primeiro-ministro desde 1959, Pierre Werner, da democracia cristã, presidia à coligação composta por 21 membros do seu partido e 11 liberais do centro-esquerda, que foram os únicos a registar ganhos significativos nas últimas eleições, há cinco anos.

Os resultados finais são oficialmente anunciados hoje. Mas os resultados parciais permitiram desde cedo conhecer a tendência geral da votação.

Paulo VI: o sentido da dignidade da palavra

. CIDADE DO VATICANO, 27 — (ANI) — Os meios de comunicação social — «escola nova e maravilhosa de potência superlativa» à qual é dedicado o dia 26 de Maio no Calendário Litúrgico Pascal — foram tema central da alocução proferida por Paulo VI perante milhares de fiéis e peregrinos congregados na Praça de São Pedro para receber a benção pontifícia dominical.

Depois de acentuar «o interesse especialíssimo que a Igreja dedica» aos meios de comunicação, o Pontífice recordou que estes foram o objecto de um documento do Concílio Ecuménico, e contam com uma Comissão Pontifícia específica na Cúria Romana. Além disso, existe um dia mundial anual da Igreja, dedicado a santificar e ilustrar a sua função no mundo — «sua função evangelizadora e civilizadora».

«Mas, porquê tantas honras? — perguntou o Papa — não estamos acaso no campo da Imprensa, do jornalismo, da televisão, das comunicações modernas, das notícias, das imagens, do pensamento quer dizer: no campo puramente profissional e técnico e, portanto, um campo profano e — suspira — tantas vezes profanado?

. «Sim, sim — salienta o Santo Padre — mas é um campo de instrumentos valiosíssimos para a difusão da palavra, da Informação, da linguagem fonética, impressa e figurada. E o campo intenso e multiforme entre os homens. E uma escola de nova e maravilhosa potência superlativa».

Sublinhando como os «mass média» constituem uma palavra que tende a tornar-se universal e ao mesmo tempo educadora e libertadora, Paulo VI fez notar como esta prerrogativa é característica do Evangelho.

«Porque o Evangelho, que é por excelência divina o anúncio da humanidade, não haveria de valorizar como seus estes instrumentos? São trombetas — diz o Papa — trombetas aos quatro ventos. Porque não se deveria servir deles a mensagem da Verdade e da Salvação, ou melhor, não deveria verter a intrínseca intenção profética que os qualifica e enobrece?

. «E claro. Se temos o sentido da dignidade e a necessidade da palavra — observa o Pontífice — **devemos estar espiritualmente apaixonados pelo fenómeno colossal dos modernos meios de comunicação social».**

E referindo-se aos seus objectivos, que a todos devem premiar, chamou a atenção para dois aspectos fundamentais: sua eficiência — «Teremos nós, católicos, os meios eficientes ou pelo menos suficientes?» — E depois a sua «ecologia»: «Serão os meios sãos, moralmente higiénicos, aqueles que circulam no nosso ambiente ou, será a difusão insana de certas expressões destes mesmos meios que, em lugar de promover a formação ideal do homem, o envilecem e lhe causam dano?»

A concluir, disse ainda o Sumo Pontífice: «Há que reflectir, formular propósitos e desenvolver a consequente actividade pela causa justa e verdadeira dos meios de comunicação social.

MADRID — Espectacular parada militar comemorou ontem o 35.º aniversário da vitória franquista. Na foto, tanques passam defronte da tribuna onde se encontravam o generalíssimo Franco e o príncipe Juan Carlos

Comemorações franquistas e condições atmosféricas

MADRID, 27 — (ANI) — A Espanha celebrou ontem o triségimo quinto aniversário da vitória dos nacionalistas do generalíssimo Franco, na guerra civil espanhola.

Franco, de 81 anos, assistiu ao desfile das Forças Armadas e de unidades da Polícia, realizada na Avenida Generalíssimo Franco, em Madrid.

Vestindo o uniforme caqui de comandante-chefe das Forças Armadas e ladeado pelo príncipe de Espanha, D. Juan Carlos e altas patentes militares, o generalíssimo Franco permaneceu em sentido, assistindo ao desfile durante 85 minutos, olhando as tropas com vivo interesse e correspondendo à sua continência.

Observadores diplomáticos concordaram em que o velho «leader» parecia mais forte e saudavel do que no desfile do ano passado, altura em que demonstrou visível fadiga.

Desfilaram mil homens e 450 veículos. Sobrevoaram a cidade cinquenta aviões. Participaram no desfile unidades policiais e guarda civil para-militar e Polícia de choque, com capacetes de protecção, canhões de água e carros blindados.

A guerra civil de 1936 e 1939 terminou no dia 1 de Abril, mas o desfile comemorativo efectua-se em fins de Maio porque as condições atmosféricas são mais propícias.

KOWEIT

Trágica derrocada de um prédio em construção

KOWEIT, 27 — (R.) — Cerca de 150 operários conseguiram salvar-se quando um prédio em construção abateu espectacularmente, a cerca de 20 metros do edifício do Parlamento. Morreram 4 homens e 9 horas depois do desastre havia ainda 18 desaparecidos.

Quando ministros do Governo visitaram o local a meio da tarde, ouviram-se vozes gritando, de entre os escombros, que 10 sobreviventes se encontravam ainda na cave, podendo vislumbrar a claridade do sol através das ruinas. Pediam socorro e água.

As equipas de salvamento procuram desimpedir o caminho até aos trabalhadores sitiados, servindo-se cuidadosamente de gruas, alavancas e das próprias mãos para não precipitarem um novo desabamento.

Um trabalhador iraniano contou que a sua equipa estava ocupada a cobrir com cimento o telhado do quinto andar, pouco antes do termo do turno da noite, quando de súbito sentiu faltar-lhe o apoio debaixo dos pés. «O chão cedeu uma e outra vez, aos arrancos» — declarou, acrescentando: «Eramos cerca de 100 a trabalhar no último andar e havia cerca de 75 a dormir nos andares inferiores.»

. O porta-voz do Governo, Abdel Aziz Hussein, ministro de Estado, anunciou que tinham sido recolhidos quatro corpos, havendo dois trabalhadores feridos e 18 desaparecidos.

Os números sugerem que a maioria dos trabalhadores conseguiram fugir ou abrir caminho entre as ruínas. Dois dos sobreviventes tinham acabado de sair a fim de irem comprar pão para o pequeno almoço dos seus camaradas.

O gabinete ordenou um inquérito urgente às circunstâncias do desastre e a suspensão das obras em curso num complexo semelhante que esta a ser construído noutro ponto da cidade.

Hussein era um dos ministros que se encontravam de visita ao local quando um elemento das equipas de socorros apareceu a anunciar que havia 10 homens vivos na cave.

No entanto, soube-se posteriormente que os pedidos de socorro ouvidos provinham de um só homem que, aparentemente tentava apressar a sua própria salvação.

Informadores oficiais declaram que foram localizados mais três sobreviventes presos entre as estruturas abatidas dos andares superiores, mas ignora-se quanto tempo será necessário para os libertar. A Polícia receia que o balanço final seja muito superior ao número conhecido de mortos e desaparecidos.

KISSINGER ENTRE DOIS FOGOS

Incerteza quanto ao futuro das relações Siria-Israel

DAMASCO, 27 — (R) — O secretário de Estado americano, Henry Kissinger, iniciou a sua 12.ª conferência com os dirigentes sírios, enquanto volta a reinar a incerteza sobre os resultados das suas diligências para que sírios e israelitas cheguem a acordo quanto à separação das suas forças no Golan.

Os altos funcionários americanos que o acompanhavam na viagem de Jerusalém a Damasco revelaram que as suas negociações com o presidente Hafez Al Assad se prolongariam, devido às diferenças que subsistem entre as duas partes interessadas e que impedem um acordo nos pontos fundamentais — a redução das forças sírias e israelitas de cada lado da zona-tampão separando os dois Exércitos na frente do Golan e o número de soldados da Força das Nações Unidas que patrulhariam a zona.

Os mesmos informadores declararam que Kissinger deve permanecer em Damasco a fim de ajudar a redigir o texto do acordo, se acaso se puder entrever uma maneira de solucionar essas divergências. Porém, seja o que fôr que acontecer, o secretário de Estado regressará ainda hoje a Israel — acrescentaram.

Se, por outro lado, se alcançar um acordo durante a sua actual visita à capital síria, o tratado será provavelmente rubricado aqui e depois em Jerusalém pelos dirigentes israelitas, devendo a assinatura do documento celebrar-se em Genebra.

Os altos funcionários americanos tinham asseverado que Kissinger estava resolvido a estar de regresso a Washington, mas os observadores locais já deixaram de prestar atenção a esses prazos, que têm já sido tantas vezes adiados.

Kissinger, na quinta semana da sua missão, parece não ter ainda conseguido furtar-se a aceder aos pedidos dos dois lados para que «tente apenas mais uma vez» arrancar concessões ao partido contrário no momento em que se parece ter chegado a acordo.

Apesar da efusão de optimismo registada ontem à noite de que se estava próximo de uma solução, os funcionários da sua comitiva indicaram esta noite que persistem profundas divergências em pontos fundamentais.

Rapto falhado

CORDÓVA, (ARGENTINA), 27 — (EFE-ANI) — Um cientista bioquímico Carlos Lozano, matou a tiro um presumível extremista que ontem tentava raptá-lo em pleno centro de Córdova.

Lorenzo, de 36 anos, estacionava o automóvel em frente da sua residência, quando três homens e uma mulher, de pistola em punho o convidaram a ir com eles.

O cientista largou o volante e empunhou um revólver (que levava consigo sempre no automóvel ao calcance da mão) e disparou pela janela aberta, matando um deles.

Os outros fugiram, disparando tiros, que feriram levemente o pai de Lorenzo, que, entretanto, saira á rua ao ouvir os disparos.

Os documentos encontrados no raptor frustrado são falsos, mas tudo indica que era membro do «Exército Revolucionário Popular», organização trotskista.

Morreu Stewart Alsop

..WASHINGTON, 27 — (UPI-ANI) — Morreu ontem Stewart Alsop, redactor e comentador político, que estava internado no Instituto Nacional de Saúde, perto de Washington, e contava 60 anos.

..Alsop sofreu durante meses de uma rara espécie de leucemia. No princípio deste ano escrevera um livro contando as suas experiências — e a sua filosofia acerca disso — chamado «Adiamento de Execução».

..Ele e o seu irmão Joseph escreveram durante muitos anos uma coluna para uma cadeia de jornais, coluna que continua a ser escrita por Joseph Alsop.

DL/ESTRANGEIRO

O CESSAR-FOGO JÁ VIGORA NA GUINÉ

Continuação da pág. 1

tro plenipotenciário para as conversações José Neves deverá estar a trabalhar junto das representações da Frelimo e MPLA. Neves manteve estreito contacto, com esses movimentos enquanto viveu aqui em Londres, até recentemente.

Mas mário Soares tem ainda outro ponto a ocupar-lhe o resto do tempo: os contactos com o Governo trabalhista britânico com o qual mantém óptimas relações através de contactos pessoais de lonha data na Internacional Socialista.

O interessado aqui parece ser segundo tudo indica James Callaghan, homólogo de Mário Soares. A definição de uma política portuguesa face a África ajudará a Grã-Bretanha a estabelecer todo o seu esquema para com a África, aceitando a partir de agora alinhar com as pressões sobre a Rodésia, tornando efectivo o bloqueio que nunca funcionou graças em parte à cumplicidade do anterior regime português.

Neste processo, Mário Soares tem igualmente conduzido uma aproximação acentuada com países da África negra, a qual permitirá a Portugal definir em breve a sua estratégia diplomática naquele continente, em vista do iniciado processo de descolonização.

Têem convergido a Londres numerosos emissários da África, Ásia e América Latina que têm estabelecido contactos com o Governo provisório português através do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, cuja presença neste centro diplomático — um dos maiores do mundo, com mais de cem embaixadas — é assim inteiramente justificada, para além da sua importância nas conversações com o PAIGC, cuja delegação não é chefiada por Aristides Pereira, como inicialmente a Imprensa em geral acentuava, especulando acerca de um impasse. Apesar do seu carácter fortemente militar, a delegação do PAIGC tem mais poderes de decisão política do que os que lhe foram atribuídos.

Quanto às conversações propriamente ditas, talvez seja oportuno acentuar que os africanos do PAIGC ns estão a fazer um favor. É aos portugueses que o fim da guerra interessa neste momento.

Os guerrilheiros não têm pressa em acabar uma guerra que estão a ganhar e diz-se mesmo que o movimento necessita de ganhar tempo perante uma hipótese de independência a curto prazo. Com o tempo o PAIGC poderá resolver as contradições étnicas e certas divergências ideológicas. Também só com o tempo as duas partes poderão despoletar a força dos aguerridos 17 mil africanos que combtatem ao lado dos portugueses. Daí se poder pensar que as duas delegações possam estar de certo modo a trabalhar em conjunto para a resolução de problemas comuns.

. Esperança e cordialidade rodearam os primeiros contactos entre o Governo de Lisboa e o PAIGC, em Londres. As duas partes fozeram declarações neste tom ao abandonarem o hotel onde decorrem as conversações rodeadas de segredo, de parte a parte.

O prof. Jorge Campinos, embaixador «ad hoc» para as conversações e que, com o coronel Almeida Bruno, constitui o grupo de apoio a Mário Soares nas negociações, secretariadas por Andresen Guimarães, do lado português, declarou ainda que as conversações deveriam acabar rapidamente o Pedro Pires que é o chefe da delegação do PAIGC declarou-me também que, por sua parte, achava que as conversações poderiam acabar hoje com entendimento. Essa a declaração feita por Gil Fernandes, porta-voz do PAIGC.

Ao perguntar-lhe que resultados satisfariam o PAIGC, Pedro Pires declarou: «Só a independência, a independência pela qual lutamos há 17 anos.

Tudo indica que o carácter destes contactos é fundamentalmente militar, pois a delegação do PAIGC é formada por seis jovens comandantes das guerrilhas daquele movimento, chefiados por Pedro Pires. Daí naturalmente se pensar que Almeida Bruno desempenhe importante papel nas conversações, pois é o único português a negociar que tem um profundo conhecimento da Guiné.

Será para avançar no sector político que Mário Soares e Campino aqui estão, enquanto José Neves, outro membro do conselho directivo do Partido Socialista estará eventualmente a estabelecer contactos com outros sectores de movimentos de libertação, representados em Londres, sem que participe nas conversações actuais. A sua nomeação para ministro plenipotenciário indica justamente que essas poderão ser as suas funções.

A IMPORTÂNCIA DE CABO VERDE

Ontem, Mário Soares avistou-se com o seu colega James Callaghan. Uma manhã de domingo a trabalhar, portanto, um domingo de muito trabalho, pois as conversações prosseguiram durante todo o dia no Hotel Hyde Park.

Esse contacto é de grande importância a Grã-Bretanha pretende obter do Governo português apoio total para sua política de apoio do do anterior regime português através do vizinho Moçambique.

Neste momento, 82 países reconhecem a existência da República da Guiné-Bissau. No entanto, politicamente, e de acordo com o que a maioria dos observadores pensa, Portugal insistirá essencialmente no cessar-fogo para nessas condições se proceder a um referendo. Aqui em Londres, Mário Soares disse que a questão do Arquipélago de Cabo Verde não foi abordada, mas que ele estava preparado para o discutir se o PAIGC levantasse esse ponto. A importância estratégica de Cabo Verde seria tão grande que os americanos teriam enviado um navio espião e equipas de observação para essa zona, de acordo com informações provenientes de Paris

Um ponto decerto será amplamente discutido: A da força de dezassete mil africanos, a maioria de raça Fula, que tem combatido ao lado das tropas portuguesas e que o coronel Almeida Bruno conhece muito bem, pois dirigiu-as quando escreve na Guiné em comissão de serviço sob o comando do general Spínola, que acelerou o processo da africanização da guerra, ao mesmo tempo que intensificou a acção psico-social.

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Mário Soares (ao centro), ontem, durante um encontro em Londres com o seu homólogo britânico, Jim Callaghan, ao qual assistiu Andersen Guimarães, segundo secretário da Embaixada de Portugal. Supõe-se que o ministro trabalhista levantou a questão do reforço das medidas económicas contra a Rodésia, território interior que tem utilizado Moçambique como ligação com o mar (Telefoto UPI-Telimprensa-«D »)

MÁRIO SOARES PODERÁ ADIAR O REGRESSO PARA AMANHÃ

LONDRES, 27 — (Por David Reid, da Reuter) — O ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Mário Soares, espera materializar o seu objectivo declarado de chegar hoje a um acordo de cessar-fogo com o Movimento de Guerrilheiros do Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Ilhas de Cabo Verde (PAIGC) nas conversações que estão a decorrer nesta capital.

Contudo, -quando o diálogo em Londres entra no terceiro dia, fontes bem informadas revelaram que o dr. Mário Soares se preparava para adiar até amanhã, se se tornar necessário, o seu regresso a Lisboa.

A delegação de quatro membros do novo regime português e os sete representantes do autoproclamado Estado independente da Guiné-Bissau afirmaram que as delicadas negociações se estão a travar numa atmosfera cordial.

Um informador do PAIGC disse a noite passada, respondendo a perguntas: «Penso que chegaremos a acordo.»

Anunciou-se, porém, que os negociadores, que se reunem na elegância calma de um hotel do West End, estão a deparar com alguns problemas complicados na tentativa para acabar com um estado de guerra que dura há 13 anos. Fontes bem informadas disseram que esses problemas incluiam o futuro de cerca de 17 mil homens da milícia africana, que lutam sob comando português, e dos prisioneiros portugueses em poder dos guerrilheiros.

O PAIGC, que proclamou em Setembro último a independência da Guiné-Bissau, pretende também que o Estado abranja as estratégicas ilhas de Cabo Verde, ao largo da costa Ocidental de Africa, que são uma importante base naval e aérea, embora não se tenha registado luta nesse arquipélago.

Num discurso proferido a noite passada à comunidade portuguesa que vive em Londres, o dr. Mário Soares, um socialista que passou cinco anos no exílio em França até ao pronunciamento de «25 de Abril», declarou que o Portugal livre, sob a chefia do presidente António de Spínola, começara já a tarefa da descolonização.

«Queremos acabar com a mortandade que ocorre ainda em Africa», disse o dr. Mário Soares no meio das aclamações dos seus ouvintes.

«Principiamos com a Guiné e vamos continuar com Angola e Moçambique» — acrescentou.

Por outro lado, o dr. António de Almeida Santos, o novo ministro responsável pelos territórios ultramarinos, era aguardado às primeiras horas de hoje em Londres, após uma missão para apuramento de factos em Moçambique e Angola. Espera-se que participe no que os portugueses aguardam ser a fase final das conversações nesta capital sobre um cessar-fogo na Guiné-Bissau.

O novo Governo português prometeu já que o futuro dos territórios africanos será decidido por meio de referendo, embora detalhes da forma como isso se concretizará tenham ainda de ser planeados.

FIM DA DEPURAÇÃO -anunciou Tito

BELGRADO, 27 — (R.) — O presidente Tito revelou que o seu país ultrapassara uma luta faccional pelo poder, que ameaçara os seus alicerses políticos, e prometeu que a Jugoslávia continuará com o seu cunho independente de comunismo.

O dirigente jugoslavo, de 82 anos, declarou no décimo congresso da Liga Comunista — em que participam delegações de alto nível da União Soviética e dos seus aliados do Pacto de Varsória — «que ninguem tenha vãs esperanças de que a Jugoslávia possa mudar. Uma Jugoslávia independente, socialista e não alinhada serve melhor os interesses da paz e do progresso no mundo».

Tito declarou que o partido emergira «mais unificado ideologica e politicamente» depois de extirpar vários grupos de nacionalistas, unitaristas e liberais, alguns ocupando altos postos.

A actividade faccionalista ameaçara minar a comunidade social da Jugoslávia e criar uma grave crise.

O presidente assinalava o tempo formal de uma depuração de dois anos e meio, durante a qual dezenas de altos funcionários foram expulsos e cairam em desgraça, e foi imposta mais firme disciplina a fim de reafirmar a disciplina. Todos os adversários foram derrotados — acentuou o presidente.

A campanha contra várias formas de deviacionismo político e ideológico, incluindo «tecnocracia» e «carreirismo», espalhou-se rapidamente por todo o país por iniciativa do presidente Tito.

Cifras oficiais revelam que houve 50 370 expulsões do partido entre 1969-73.

«Não se podia tolerar mais o que os faccionalistas estavam a fazer» — declarou Tito aos 1 600 delegados no início do congresso do partido, de quatro dias.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras (a partir das 20 horas)

Investidura de Giscard no cargo de presidente

PARIS, 27 — (UPI-ANI) — Abriu-se hoje um novo capítulo na história da França, com a investidura de Valery Giscard d'Estaing, um conservador pró-ocidente, no cargo de vigésimo presidente gaulês.

Prometendo realizar uma revolução pacífica nos hábitos rígidos do país, o novo chefe do Estado decidiu começar por transformar a cerimónia de investidura num teste de popularidade, ao pedir a todos os convidados que aparecessem no Palácio do Eliseu em fatos normais, sem os fraques, e solicitando que viessem a pé durante parte do caminho, em vez de o percorrerem no interior de um automóvel à prova de bala.

Mais de mil agentes e polícias à paisana foram mobilizados para assegurar a segurança de Giscard durante o seu passeio a pé até ao eliseu, ao longo de cerca de 750 metros.

Outras forças policiais foram destacadas com o mesmo fim para o caminho que o novo presidente fará a pé ao longo da Avenida dos Campos Elísios, até ao Arco do Triunfo, onde irá depor uma coroa no túmulo do soldado desconhecido.

INTERVENÇÃO NO ULSTER

. BELFAST, 27 — (R.) — Tropas britânicas intervieram na greve que há treze dias fazem militantes protestantes, tomando conta de depósitos de combustível e de estações de venda de gasolina na Irlanda do Norte.

Um comunicado do ministro britânico encarregado dos assuntos referentes à Irlanda do Norte, Melyn Rees, afirma que as ordens de controlo da distribuição de combustível se tornaram necessárias face à contínua interferência, apoiada por ameaças e violência.

Escritores e jornalistas presos em 31 países

NAÇÕES UNIDAS, (NOVA YORK), 27 — (UPI-ANI) — A «amnistia internacional», organização mundial para a defesa dos direitos humanos, publicou hoje uma lista de 175 escritores e jornalistas presos em 31 países.

A lista, apresentada à comissão das Nações Unidas pela dr.ª Amélia Augusta, directora executiva da amnistia nos Estados Unidos, foi compilada pelos elementos da própria organização e abrange países do leste, ocidente e terceiro mundo.

«São todos prisioneiros da consciência — afirma o documento —, estão todos detidos em violação do artigo 9.º da declaração universal dos Direitos do Homem, que assegura o direito de qualquer um receber e transmitir informações através de qualquer meio de informação», como parte integral do direito de liberdade de expressão.»

TECNOPLANO

TECNOLOGIA E PLANEAMENTO, S. A. R. L.

SEDE: Avenida João Crisóstomo, 66-4.°, Esq.° — LISBOA

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

Vimos submeter à apreciação de V. Ex.ª o Relatório e Contas do exercício de 1973.

Apesar da curta existência desta Sociedade não queremos deixar de formular algumas considerações, embora breves, sobre a actividade da mesma durante o ano transacto.

Para facilidade de apreciação, o presente relatório é dividido em capítulos, os mais significativos, do trabalho desenvolvido neste período.

1 — CONTRATOS

Embora, como já referimos, se trate de uma Sociedade jovem, os contratos celebrados permitem-nos encarar o futuro com certa tranquilidade, uma vez que se garante, através deles, uma continuidade de trabalho nos próximos anos.

2 — GABINETE TÉCNICO

Dadas as características especiais desta Sociedade, cuja sobrevivência é garantida unicamente pela venda de serviços, assume particular importância a qualidade do seu Quatro Técnico. Assim, tem sido nossa preocupação a angariação e selecção do pessoal em termos que garantam essa qualidade. Embora, na conjuntura actual, não seja fácil atingir este objectivo dada a rarefacção de pessoal qualificado estamos certos que, embora com prejuízo da quantidade, possuimos um Quatro Técnico à altura da qualidade dos Serviços que nos impusemos.

3 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não seriam de esperar, neste primeiro ano de existência, grandes resultados financeiros. Apesar disso, como V. Ex.ª poderão constatar pela análise das Contas, congratulamo-nos em poder apresentar um saldo que, embora reduzido, nos permite encarar o futuro com optimismo.

A terminar estas considerações não queremos deixar de agradecer a todos quantos trabalham nesta casa e em cujo esforço se depositam as maiores esperanças para o desenvolvimento e progresso da empresa.

Para concluir, propomos que ao saldo da Conta de Ganhos e Perdas seja dada a seguinte aplicação:

Para Fundo de Reserva Legal	5.000$00
Para Fundo de Reserva Livre	85.000$00
Para Conta Nova	7.409$20

Lisboa, 1 de Março de 1974

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

a) Eng.° Nelson de Vasconcelos Montes

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

ACTIVO

DISPONÍVEL		
Caixa	9.728$15	
Bancos	34.974$10	44.702$25
IMOBILIZADO		
Mobiliário e Material.....	558.795$40	
Instalações	72.439$90	
Desp. Constituição	13.866$80	645.102$10
		689.804$35

PASSIVO

EXIGÍVEL		
Credores	235.473$85	
Letras a pagar.....	33.152$60	268.626$45
AMORTIZAÇÕES		
Fundo Amort. Mob. e Material...	61.902$40	
Fundo Amort. Instalações	7.244$00	
Fundo Amort. Desp. Constit.	4.622$30	73.768$70
CAPITAL		
Capital		250.000$00
RESULTADOS		
Ganhos e Perdas		97.409$20
		689.804$35

O TÉCNICO DE CONTAS
a) Manuel J. Simão

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
a) Nelson de Vasconcelos Montes

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE GANHOS E PERDAS

CRÉDITO

CUSTO DAS VENDAS	213.833$50
GASTOS DE GESTÃO	297.535$90
GASTOS C/ ÓRGÃOS SOCIAIS	110.000$00
GASTOS COM PESSOAL	444.344$70
ENCARGOS FISCAIS E PARAFISCAIS	95.858$00
FUNDO AMORT. P/ MOBIL. E MATERIAL	61.902$40
FUNDO AMORT. P/ INSTALAÇÕES	7.244$00
FUNDO AMORT. P/ DESP. CONSTITUIÇÃO	4.622$30
SALDO PARA O ANO SEGUINTE	97.409$20
	1.332.750$00

DÉBITO

VENDA DE SERVIÇOS	1.332.750$00
	1.332.750$00

O TÉCNICO DE CONTAS
a) Manuel J. Simão

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
a) Nelson de Vasconcelos Montes

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Em cumprimento das disposições da Lei e dos Estatutos, temos a honra de submeter à apreciação de V. Ex.ª o nosso parecer sobre o Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas respeitantes ao exercício de 1973.

1. Que a Contabilidade, o Balanço e a conta de Ganho e Perdas se encontram elaborados de forma a dar plena satisfação às disposições legais vigentes e estatutárias;
2. Que os critérios valorimétricos adoptados foram os legais e são de molde a possibilitar uma avaliação do património da Empresa e dos resultados apresentados.

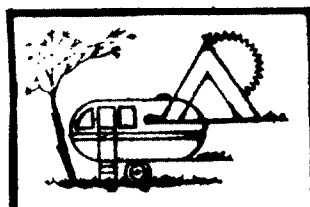
Nesta conformidade, temos a honra de propor:

1. Que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1973, apresentadas pelo Conselho de Administração;
2. Que seja aprovada a proposta do Conselho de Administração quanto à aplicação do saldo da Conta de Ganhos e Perdas;
3. Que se manifeste ao Conselho de Administração o nosso muito apreço pela forma como desenvolveu a sua actividade durante o exercício;
4. Que se expresse a todos os colaboradores o reconhecimento da Sociedade pelo zelo com que a serviram.

Lisboa, 4 de Março de 1974

O CONSELHO FISCAL

a) António Lourenço da Silva
a) Dona Maria Luiza Brandão Neves Mendes Moreira Gomes Marques
a) José de Almeida



PARQUE DE TURISMO DE LAGOS — CAMPISMO
Telef. 620 35/6/7

Veja o Campeonato do Mundo de Futebol!!!

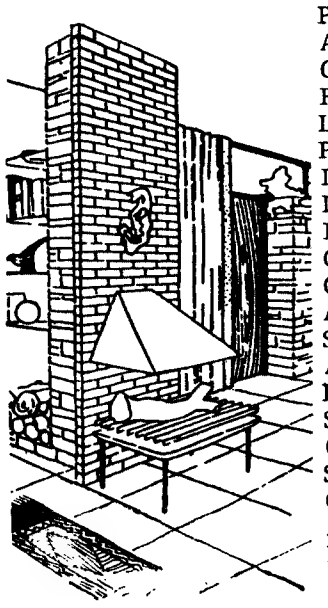
GOZE AS SUAS FÉRIAS NO MOTEL DO P. DE T. DE LAGOS

APARTAMENTOS REQUINTADAMENTE MOBILADOS TODOS COM TV E MÚSICA E... PISCINA OLÍMPICA (50 m)

CAMPO DE FUTEBOL RELVADO E RESTAURANTES

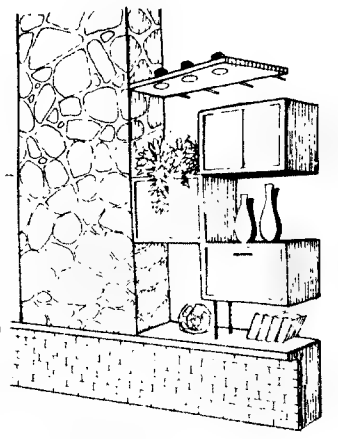
DECORE A SUA CASA E GANHE DINHEIRO ESTUDANDO

DECORAÇÃO



POR CORRESPONDÊNCIA, A UM PREÇO MÓDICO, QUE LHE DARÁ DIREITO A RECEBER CADERNOS DE LIÇÕES E MATERIAL COMPLEMENTAR E A DISPOR DE UMA ASSISTÊNCIA PEDAGÓGICA PERMANENTE E COMPLETA QUE INCLUI CORRECÇÃO DE EXERCÍCIOS E RESPOSTA A TODAS AS DÚVIDAS E CONSULTAS SOBRE A MATÉRIA, APROVEITANDO OS TEMPOS LIVRES, SIGA UM CURSO DE ALTA QUALIDADE QUE O CETOP SE ORGULHA DE OFERECER AO PÚBLICO. APRENDA A DOMINAR ESTA ARTE DE PLENA ACTUALIDADE.

Você pode seguir este excepcional **CURSO DE DECORAÇÃO** na sua própria casa, beneficiando das múltiplas vantagens que o seu estudo lhe proporcionará. *Decorará a sua casa* e, assim, além de a embelezar, estará também a adquirir prática. Provará desse modo o seu bom gosto e aplicará os conhecimentos aprendidos no curso. *Poderá ganhar dinheiro logo enquanto estuda*, pois durante o curso estará já em condições de fazer projectos e arranjos de decoração, e bastar lhe-á o que recebe por um projecto para pagar totalmente o curso. Tendo o curso completo, *possuirá um arquivo profissional* constituído por uma colecção de mais de 600 gravuras *e uma autêntica enciclopédia* de 1800 páginas.
Quando for decorador - ou decoradora — terá as maiores facilidades em conseguir bons rendimentos, pois *são inúmeras as oportunidades que esperam por si*. Poderá, por exemplo, *colaborar com arquitectos*, encarregando se da parte decorativa dos projectos e instalações. Se preferir, poderá empregar se em *lugares com alto ordenado* e de trabalho agradável e interessante em empresas de decoração e mobiliário ou em outras actividades. Mas poderá também *estabelecer se por conta própria*, dedicando se a decorar interiores de habitações, estabelecimentos comerciais, salas de espectáculos, lugares públicos, etc.



Que estudará? O curso dá lhe uma completa formação técnica, de natureza muito prática, sobre todas as matérias de decoração.
Ficará preparado para todos os trabalhos que um decorador deve saber realizar, estudando, em termos práticos, «Teoria de Decoração» e outras disciplinas, como «Complementos Decorativos», «Conjuntos e Projectos», «Esbocos e Desenhos», «Técnica do Móvel», «Estilos Artísticos».

preencha com letra clara o cupão junto e envie-o, por favor a
CETOP — Centro de Ensino Técnico e Orientação Profissional
Apartado 7 — Mira Sintra - Mem Martins — Portugal
a escola em sua casa

Queiram enviar-me, sem compromisso, o folheto do curso de

Nome: _____

Morada: _____

Localidade: _____

Ref.ª D 121

CETOP Membro do Conselho Europeu de Ensino por Correspondência

DL/GERAL

"Assim ia a corrupção"

Com pedido de publicação, recebemos da firma Jayme da Costa, Mecânica e Electricidade, SARL, a seguinte carta

. Publicou o «Diário de Lisboa», jornal que nos merece a maior das considerações pela sua isenção e desejo de bem informar, uma notícia no seu número de 18 de Maio de 1974, sob o título «Assim ia a corrupção»...», em que é mencionado o nome da nossa delegação em Luanda, a propósito de um processo disciplinar movido ao chefe de Repartição de Inspecção Provincial de Crédito e Seguros de Angola.

Desde ja importa-nos solicitar a publicação das seguintes informações baseadas no acordão proferido no processo disciplinar referido (Ministerio do Ultramar, Conselho Superior de Disciplina do Ultramar, Processo n.º 35/72, livro A, Diário do Governo n.º 115, II Série, 17 de Maio de 1974) sem prejuízo de outras informações que reputemos necessárias:

. 1. Foi a delegação de Jayme da Costa, Lda. em Luanda que tomou a iniciativa de enviar uma carta datada de 30 de Julho de 1969 ao senhor Inspector Provincial de Crédito e Seguros de Angola, epio gerente da sua Delegação local, carta entrada nos respectivos serviços em 2 de Agosto do mesmo ano, e na qual em seguimento do relato verbal sobre a matéria feito ao mesmo inspector provincial, veio o aludido gerente dar conta da maneira como o arguido se apresentou no escritório da sua delegação a oferecer os seus serviços de advogado.

2. Propunha o arguido encarregar-se da defesa da firma nos processos de transgressão que contra ela corriam por não ter utilizado em tempo oportuno determinado número de boletins de registo de importação para se realizarem as transferências necessarias ao pagamento de mercadorias já importadas (efectivamente não utilizou os boletins por impossibilidade de, no prazo de 90 dias posterior à sua emissão, realizar ou dispor dos necessários fundos).

3. A delegação da firma Jayme da Costa, Lda, em Luanda, não chegou a utilizar os serviços do arguido mas sim os do seu advogado avençado (págs. 3312, do mesmo Diário do Governo).

4. A autuação das transgressões em que a firma incorreu por não ter utilizado mais cedo as suas licenças de importação, não impediu a autorização para que as transferências respectivas viessem a processar-se, mas aconteceu que o expediente necessário para as mesmas poderem efectivar-se só veio a concluir-se cerca de 6 meses depois do pedido que esteve na origem das autuações.

5. O sr. Instrutor no relatório do processo de averiguações (fls. 112 e 113 do volume apenso) chegara a entender que a efectivação de transferência do valor da mercadoria importada a que os boletins respeitavam foi propositadamente retardada de vários meses, certamente para se exercer pressão sobre a firma no sentido de aceitar as condições propostas pelo arguido.

6. Pelo que fica exposto, cabe-nos sublinhar desde já o seguinte:

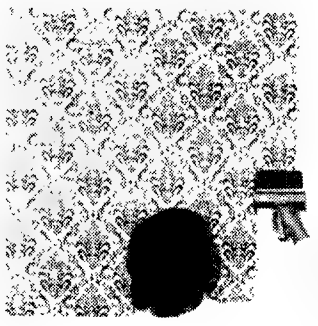
a) Foi Jayme da Costa, Lda, quem participou voluntariamente os factos, sendo *vítima* e não *causadora* da actuação ilegal do arguido;

. b) Os serviços do arguido foram-lhe propostas por ele numa altura em que anormal e inexplicavelmente se verificava um atraso na efectivação de transferências do valor de mercadorias importadas a que respeitavam os boletins que determinavam os autos de transgressão;

c) A Sociedade não utilizou os serviços do arguido, sendo as contestações elaboradas pelo seu próprio advogado avençado, como se lê do Acordão em questão. Embora, inicialmente, quando da visita do arguido tivesse aceite de boa fé os seus serviços e julgando-os legais, logo que se apercebeu da ilegalidade em que podia incorrer, se dirigiu ao sr. Inspector Provincial dar conta da maneira como o arguido oferecera os seus serviços de advogado.

7. Como na notícia publicada se teve em conta mais desenvolvidamente o teor da nota de culpa do que a parte decisória do julgado, resultando da sua fundamentação o que acima acentuamos, julgamos da maior conveniência para o esclarecimento da opinião pública que fiquem ainda mais bem definidos os factos, sendo essa a razão principal que nos leva a solicitar a publicação da presente carta

N.R. — Gostosamente publicamos esta carta, que, não desmentindo os factos por nós publicados, antes os pormeniza, salientando o facto de a firma Jayme da Costa ter ela própria tomado a iniciativa de participar os factos que deram origem à demissão do aludido funcionário público. O que só abona a posição da firma no caso.



PINTURA DECORATIVA
com
MAQUINETA E ROLO
«RIGO»
VENDEMOS
LISMUNDO
Calçada do Tojal, lote 1
T. 749101 LISBOA - 4

pontualidade com
Memomatic
Omega

Omega Memomatic
O relógio de pulso que o ajuda a ser pontual, que o previne, com um sinal sonoro, da hora a que terá de satisfazer o seu próximo compromisso. É, por isso, de uma utilidade incomparável.
Omega Memomatic Ω
a sua memória automática
AGÊNCIA OFICIAL
RELOJOARIA MAURY
Rua do Ouro, 202
LISBOA

ALUGAM-SE
ESCRITÓRIOS C/AR CONDICIONADO
LOJAS
CAVES
COM ESTACIONAMENTO PRIVATIVO
Ver no LOCAL — GAVETO DAS AVENIDAS CINCO DE OUTUBRO/DUQUE D'ÁVILA E RUA FILIPE FOLQUE
Informa Rua Nova da Trindade, n.º 15-D, cave.
Telefones 322669/326553/35258 e 367187.

ALMADA
★ — Lotes para construção imediata de prédios de rendimento
★ — No melhor local da cidade, urbanização moderna, com amplas zonas verdes
★ — Junto ao Liceu e Escolas Técnicas, edifícios de 11 a 20 pisos com vasta zona comercial
★ — Alvará de loteamento n.º 18 devidamente aprovado, licenças, a pagamento
★ — Trata o próprio com os próprios através do telefone 247 58 71 apartado n.º 40 — Almada.

DL/NACIONAL

Dispersa por forças policiais a manifestação no Largo da Estrela

. Forças da PSP (com dois canhões de água) e um esquadrão de cavalaria da GNR dispersaram às 17 e 40 de ontem, uma concentração de militantes do MRPP os quais exigiam a libertação do capitão Peralta, junto do Hospital Militar Principal.

Milhares de pessoas permaneciam no grande largo, agitado desde a véspera pelas mais intensas manifestações anticoloniais desde o 1.º de Maio. Às 17 e 5, a PSP mandara evacuar a Estrela até às 18 horas.

Na operação participaram 36 elementos da cavalaria da G. N. R.. Foram disparadas numerosas granadas de gases lacrimogeneos e tomaram parte forças policiais de capacete de aço e bastão. As forças da ordem retiraram sob uma chuva de paralelipípedos arrancados dos passeios. O dispositivo militar (autometralhadoras e PM), que estacionava no Largo, nao interveio.

A segunda carga policial coube exclusivamente à GNR, que cerca das 18 horas investiu, vinda da Rua da Estrela, sobre manifestantes do MRPP concentrados no princípio da Rua Domingos Sequeira. Saindo dum comício da Liga Comunista Internacionalista, no interior do Jardim da Estrela, centenas de jovens lançaram-se sobre a retaguarda do esquadrão, que, sob as pedradas que de dois lados o atingiam trepou a íngreme Rua Domingos Sequeira e retirou, já em Campo de Ourique, pelo troço oriental da Rua Coelho da Rocha.

Não houve feridos graves, tanto quanto pudemos averiguar. No entanto milhares de pessoas incluindo os militares da guarnição das autometralhadoras e os que se encontravam junto do gradeamento do Hospital sofreram os efeitos das granadas lacrimogéneas disparadas para diante e para dentro do Jardim. Uma hora depois, quando as duas manifestações (a do MRPP ao alto da Calçada da Estrela a da LCI diante da Basílica) se reorganizavam, voltando os oradores a gritar as respectivas palavras-de-ordem através dos megafones portáteis, ainda pairava no ar, a baixa altura, uma nuvem de gás,que só ao princípio da noite se dissipou completamente.

No Largo patrulhado apenas por dois jipes de Polícia Militar, estacionando a certa distância os carros da PSP, permanecia uma concentração de manifestantes, sob as bandeiras do MRPP. Os manifestantes da LCI tinham entretanto resolvido terminar o seu comício.

Sob as bandeiras vermelhas ou sob o nome das suas organizações — LUAR (Liga da União e Acção Revolucionária), PRP (Partido Revolucionário do Proletariado), LCI (Liga de Comunista Internacionalista), CBS (Comissões de Base Socialistas), URML (União Revolucionária Marxista-Leninista) e CIC (Comités para a Independência Imediata e Incondicional das Colónias) — empunhando bandeirolas com palavras de ordem anticolonialistas e anticapitalistas, os manifestantes partiram do Rossio às 17 horas de sábado. Desfilaram pelas ruas da cidade, do Terreiro do Paço ao Cais do Sodré e daí, pela 24 de Julho até S. Bento, cerca de 10 mil pessoas.

Com larga participação da população o desfile fez a sua primeira paragem em S. Bento onde se realizou um comício, em que usaram da palavra representantes das seis organizações e um jovem africano dos movimentos de libertação.

DUAS FORÇAS

Pelas 20 horas, milhares de jovens portugueses e coloniais dirigiram-se de S. Bento para diante do edifício principal do Hospital Militar, ocupando o Largo da Estrela a partir das 21 horas.

Já desde as 21 horas se encontrava no largo uma coluna de Cavalaria 7, comandada pelo major Neves. Parte dos manifestantes que então se sentavam no Largo rodearam os veículos militares, gritando: **«as armas dos soldados não se viram contra o povo, os soldados são filhos do povo»**, **«as armas dos soldados devem estar ao lado do povo»**, e **«soldados libertem o Peralta»**.

Os três milhares de jovens, que a essa hora ocupavam toda a embocadura da Calçada da Estrela, depois de uma tentativa de forçar os portões de ferro do Hospital, sentaram-se no chão, forçando a interrupção do trânsito. Começava o comício que duraria toda a noite.

Três das organizações que tinham convocado a manifestação anticolonial da tarde retiraram-se então: o PRP, as Comissões de Base Socialistas e a LUAR.

Os manifestantes não aceitaram a proposta que cerca das 21 horas lhes foi transmitida pela PM de enviarem uma comissão para conversações na Cova da Moura, exigindo, ao contrário, que viesse à Estrela um representante da JSN, o que nunca se chegou a verificar. No entanto, mais tarde, o major Casanova, da PSP, falando ao altifalante de um carro patrulha, afirmou que «superiores interesses nacionais se opunham à libertação do capitão Peralta», e que era inteiramente falsa e sem fundamento a informação da troca de Peralta por um agente da CIA preso em Havana».

3 horas da madrugada de domingo, cerca de três centenas de militantes do MRPP concentraram-se nas vizinhanças do Largo da Estrela, realizando a sua própria manifestação. O confronto entre os dois grupos opostos originou acesos incidentes, que se agravariam durante a tarde de domingo. Os dois grupos de manifestantes, gritavam cada um as suas próprias palavras de ordem, gorando-se as tentativas de unificar as duas demonstrações.

Peralta foi transferido para local ignorado cerca das 16 horas de domingo, por uma força de blindados que entrou no HMP pelos portões da Rua de S. Bernardo.

INTERVENÇÃO DA EMBAIXADA DE CUBA

Peralta foi gravemente ferido num braço pelas balas do destacamento do Exército que o capturou na Guiné, em 18 de Novembro de 1969, mas não precisa já de tratamento hospitalar.

Segundo reconheceu o Tribunal Militar de Santa Clara, em 3 de Maio, Peralta foi abrangido pela amnistia decretada pela Junta de Salvação Nacional. O Estado Maior General das Forças Armadas, afirmou ontem, no entanto, que «este caso não se encontra abrangido por qualquer legislação dimanada de órgãos competentes após o Movimento de 25 de Abril», o que constitui uma posição jurídica nova.

A transferência de Peralta do Hospital da Estrela para outro local foi anunciada aos manifestantes pelo major Casanova, pouco antes das investidas policiais.

O encarregado de Negócios de Cuba em Lisboa declara «desconhecer inteiramente o paradeiro de Peralta».

O diplomàta está a desenvolver contactos junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros para que seja reconhecido e executado o seu direito de contactar com Peralta. Direito que, conforme nos afirmou, deriva das disposições do **Convénio de Viena Sobre Relações Consulares**, tratado a que Portugal e Cuba aderiram.

O art.º 36.º, cláusulas B e C, do Convénio, instituem o direito dos cidadãos no estrangeiro contactarem, sejam quais forem as circunstâncias, com o representante consular do seu país. Esta a base jurídica para as diligências do diplomata.

RÁDIO RENASCENÇA E RÁDIO CLUBE IMPEDIDOS NA REPORTAGEM

Durante as primeiras dez horas dos acontecimentos, duas equipas do Rádio Renascença e do Rádio Clube Português acompanharam a manifestação, o comício e a ocupação sentada da rua e passeios frente aos portões principais do hospital, transmitindo em directo o evoluir da situação. No entanto, cerca das 3 horas, as duas emissoras receberam ordens militares para interromper as reportagens. As duas estações de rádio emitiram comunicados protestando contra aquelas ordens.

O comunicado do Estado-Maior General das Forças Armadas

Texto do comunicado dimanado do gabinete do Chefe do Estado-Maior general das Forças Armadas:

«Durante os dias 25 e 26 do corrente indivíduos, afirmando-se representantes de correntes políticas da extrema esquerda, concentrados no Largo da Estrela, junto ao Hospital Militar, vêm exigindo a libertação do oficial cubano, Capitão Peralta, preso em território da Guiné, quando actuava contra as nossas tropas. Apesar de já lhes ter sido afirmado, por oficiais do Exército, que este caso não se encontra abrangido por qualquer legislação dimanada de orgãos competentes, após o Movimento de 25 de Abril, tais indivíduos vêm tomando atitudes que poderão conduzir a um inevitável confronto com as Forças Armadas e tornar-se, assim, culpados de crimes contra a ordem política instaurada.

A fim de serem evitados dissabores a todos aqueles que se integraram dentro do espírito do seu programa, e o desejam ver cumprido, as Forças Armadas solicitam à população de Lisboa e à Imprensa, Rádio e Televisão que evitem reforçar atitudes que em nada servem os superiores interesses da Nação.»

Os pescadores da Nazaré continuam em greve

Cerca de 350 pescadores dos botes da Nazaré encontram-se em greve desde o passado dia 12, por não terem visto satisfeitos os pontos reivindicativos que consideram absolutamente indispensáveis para voltarem à faina.

Uma delegação dos pescadores esteve esta manhã no Ministério do Trabalho a apresentar o caderno reivindicativo e a expor os seus problemas. Ontem à tarde, na Nazaré, efectuou-se uma manifestação de apoio aos pescadores na Praça da Liberdade (antiga Praça Sousa Oliveira), seguida de uma sessão na Casa dos Pescadores para análise da situação.

Os pescadores estão absolutamente dispostos a não transigir perante as suas pretensões, reafirmadas após uma contraproposta dos proprietários dos 17 botes. Assim, pretendem 6,5 partes do pescado por barco e aparelho; 1,5 por embarcação auxiliar, uma parte para o mestre; 1,5 para o motorista; 1,25 para o ajudante; uma parte para o camarada; 1,5 para o chamador e 0,25 para o conteiro. Querem, alémdisso, dois quinhões à maior; 20$00 por alagem nas embarcações auxiliares; 50$00 por alagem a bordo do bote; informação do preço da isca antes de irem para o mar; apresentação semanal das facturas; presença de dois camaradas na lota no acto da venda do peixe, para fiscalização, não podendo o mestre dispensar peixe sem autorização dos camaradas; às contas deverão estar sempre presentes todos os camaradas ou a sua maioria; no que se refere à Previdência, deverá caber 6.2 por cento aos proprietários das embarcações e 3,2 por cento a cargo dos tripulantes.

A greve que está a decorrer tem sido apoiada pelos trabalhadores do concelho, que, de várias formas (caixas de apoio, manifestações populares, etc.) têm mostrado a sua solidariedade. A Rádio Popular Nazaré (a funcionar no posto de Turismo) tem também apoiado o movimento reivindicativo dos pescadores.

"Flama": quinto dia de greve

A Redacção da «Flama» entrou hoje no seu quinto dia de greve.

Continuando a ocupar as instalações, os jornalistas esperavam hoje a comparência da administração para resolver a situação.

Foi na 5.ª feira, às 18 horas, que a Redacção daquela revista deciciu inicar a paralisação total do trabalho. Esta atitude deve-se à falta de resposta no prazo marcado às suas reivindicações.

Num telegrama enviado no sábado aos membros do Conselho de Administração, os trabalhadores manifestavam já o desejo de diálogo. A mensagem conclui com a reafirmação de que «continuam à espera da comparência da administração na Redacção». No entanto, esta manhã, o seu desejo de diálogo ainda não tinha encontrado resposta.

Se a situação ficar resolvida, entretanto, os jornalistas publicarão o próximo número da «Flama». Esta decisão foi tomada durante uma reunião que tiveram há dois dias com a Direcção do seu Sindicato.

Porteiros de prédios particulares

..Continuam a ser tratados por um advogado os assuntos inerentes aos porteiros e porteiras de prédios particulares.

..A comissão destes trabalhadores foi eleita no decorrer de uma assembleia geral efectuada no passado dia 12, na Sociedade Voz do Operário.

Organizações de trabalhadores no partido socialista

Numerosas delegações de trabalhadores representando as suas empresas têm acorrido à sede do Partido Socialista pedindo apoio para a solução dos seus problemas. Muitos grupos sem enquadramento sindical têm participado nas reuniões que se sucedem na sede ou na delegação do PS, na Avenida Duque de Avila, para estudarem com técnicos sindicais o lançamento de acções organizativas. Trabalhadores do Porto de Lisboa, da Informática, das Câmaras Municipais e de outras escalas do funcionalismo público começam a encontrar soluções concretas.

Hoje na sede do partido (Largo de S. Pedro de Alcântara, 81) reunem-se os trabalhadores da FIAT, estando presente o eng. Pedro Coelho, do Conselho Directivo do PS. Está já marcada também uma reunião de funcionários da FNAT com os militantes do GAPS, no dia 30, às 21 horas.

Diversas sessões de esclarecimento sobre a linha sindical do PS têm sido levadas a efeito em fábricas de vários pontos do País, com o apoio de representantes do partido, os quais mantêm frente, aos problemas concretos, o princípio de só os trabalhadores são capazes de encontrar soluções.

TÊXTEIS: Propostas rejeitadas

..PORTO, 27 — Associados do Sindicato Nacional dos Profissionais das Indústrias Têxteis do distrito do Porto, reunidos no Pavilhão dos Desportos do Palácio de Cristal, num comunicado aos trabalhadores do ramo decidiram não aceitar as contrapropostas apresentadas pelas Associações dos Industriais Têxteis e de Malhas, devido ao facto de as mesmas serem contrárias aos interesses dos trabalhadores, manifestados no intenso movimento da classe, a que se tem assistido.

Varinas e pescadores

. Realizou-se na sede do Partido Socialista, por iniciativa do Grupo Autónomo do Partido Socialista (G.A.P.S.), uma reunião de cerca de uma centena de vendedeiras de pescado. Foram abordados problemas de interesse da classe, tendo as vendedeiras dado a conhecer as reivindicações que consideram mais imediatas: a) extinção dos «barracões» de pescado; b) organização de um mercado único e livre para todos os vendedores; c) preços iguais de compra de pescado; d) respeito do peso legal; e) formação de um sindicato que abranja todos os empregados no comércio de pescado; f) direito de encerramento dos locais de venda, ao domingo.

As vendedeiras presentes na reunião afirmaram o seu propósito de se constituir em Comissão que promova a satisfação das suas reivindicações.

Proximamente, o G.A.P.S. promoverá uma reunião com pescadores, completando assim um ciclo de encontros com os trabalhadores das pescas, no sentido de se conseguir melhores condições de vida e o abaixamento de preço do pescado.

FUNDINVESTE
Sociedade de Investimentos, Estudos e Gestão, SARL

Av. 5 de Outubro, 10, 1.º D.º Lisboa

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas,

De acordo com as disposições legais e estatutárias vimos apresentar o relatório referente ao exercício de 1973.

Podemos dizer que durante este período se atingiram os objectivos propostos, tendo-se assim prestado os serviços que tinham sido previstos.

Para isso, e tal como tinha sido programado, foram admitidos novos elementos que vieram reforçar a estrutura existente, o que permitiu melhorar a qualidade dos trabalhos realizados.

A conta de ganhos e perdas apresenta um resultado negativo que propomos transite para o ano seguinte.

Ao Fiscal Único e a todo o pessoal da empresa o nosso muito obrigado pela magnífica colaboração que sempre nos prestaram.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1974

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente

Eng. Fernando Manuel Costa de Moraes
Dr. Juan Francisco Hernandez de Armijo
Manuel Fernandez Navas

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

ACTIVO

DISPONIBILIDADE			
Caixa		17 068$60	
Bancos		74 919$80	91 988$40
CRÉDITOS A CURTO PRAZO			
Clientes		80 000$00	
Devedores		6 751$00	
Cauções e Depósios		200$00	86 951$00
IMOBILIZADO			
Gastos 1.º estabelec...	28 083$70		
Amortizações	− 18 628$00	9 455$70	
Mob. e Mat. Escritório	448 257$30		
Amortizações	− 78 558$70	369 698$60	379 154$30
art. Outras Sociedades			200 000$00
			758 093$70
CONTA DE ORDEM			
Títulos recebidos em caucão			30 000$00
Devedores acções depositadas em caução			40 000$00
			70 000$00

PASSIVO

DÉBITOS A CURTO PRAZO		
Credores		72 428$50
SITUAÇÃO LÍQUIDA		
CAPITAL E RESERVAS		
Capital	1 000 000$00	
	1 000 000$00	
Prejuízos de exerc. anteriores	− 209 976$10	
	790 023$90	
RESULTADO		
Resultado de exercício	− 104 358$70	685 665$20
		758 093$70
CONTA DE ORDEM		
Responsabilidade de títulos em caução		30 000$00
Acções depositadas em caução		70 000$00
		70 000$00

O balanço foi assinado por:
Eng.º Fernando Manuel Costa de Moraes
As contas do balanço foram aprovadas em: 30-Março-1974
FUNDINVESTE
Sociedade de Investimentos, Estudos e Gestão, SARL
O Administrador-Delegado

O TÉCNICO DE CONTAS
Dr. Álvaro Luís da Silva Domingues

RESULTADO DO EXERCÍCIO

DÉBITO

AMORTIZAÇÕES	54 186$00
GASTOS DE PESSOAL	1 232 707$20
IMPOSTOS E TAXAS	3 596$30
SERVIÇOS E FORNECIMENTOS DO EXTERIOR	143 720$70
OUTROS GASTOS DE GESTÃO	194 082$70
	1 628 292$90

CRÉDITO

RENDIMENTOS FINANCEIROS	1 475$50
RENDIMENTOS DE EXPLORAÇÃO	1 522 437$70
RENDIMENTOS ACESSÓRIOS	21$00
RESULTADO DO EXERCÍCIO	104 358$70
	1 628 292$90

O TÉCNICO DE CONTAS
Dr. Álvaro Luís da Silva Domingues

As Contas e o Balanço foram aprovadas em 30/3/74
FUNDINVESTE
Sociedade de Investimentos, Estudos e Gestão, SARL

RELATÓRIO E PARECER DO FISCAL ÚNICO

Sis. Accionistas.

Durante o ano de 1973, e em conformidade com a lei comercial, e os estatutos e na minha qualidade de fiscal unico da Sociedade, procedi à regular verificação dos livros selados e outros registos contabilísticos, tendo sempre encontrado tudo na mais perfeita ordem e exactidão.

Assim, dando cumprimento às disposições do Decreto Lei n.º 49381, de 15 de Novembro de 1969, alterado em parte pelo Decreto Lei n.º 648/70 de 28 de Novembro, verifiquei com periodicidade os livros e os demais elementos contabilísticos postos à minha disposição tendo encontrado sempre tudo na melhor ordem. Da parte do Conselho de Administração recebi sempre com prontidão respostas às perguntas solicitadas e bem assim todos os esclarecimentos pedidos no exercício da minha função.

Analisando o relatorio do Conselho de Administração e o balanço e contas referidos a 31 de Dezembro de 1973, verifiquei que estes elementos satisfazem as disposições legais estatutarias, assim como os critérios valorimetricos adoptados conduzem a uma correcta avaliação do patrimonio e determinação dos resultados.

Como conclusão e meu parecer:

a) Que sejam aprovados o relatoorio, balanço e contas da administração referentes a 1973;
b) Que seja aprovada a aplicação dos resultados conforme e proposto pelo Conselho de Administração;
c) Que seja aprovado um voto de muito merecido louvor ao Conselho de Administração pela competência, zelo e dedicação demonstrados na gestão da Sociedade;
d) Que idêntico voto seja aprovado relativamente à direcção e extensivo nas suas respectivas categorias e funções, a todo o restante pessoal e demais colaboradores da Sociedade.

Lisboa, 13 de Março de 1974

O Fiscal Unico
José David Martins

DL/NACIONAL

Aprendizagem sem método repugna aos alunos de Medicina do Porto

PORTO, 27 — «Não queremos um ensino como quem vai ao cienama ou ao teatro, mas sim colaborar activamente na vivência diária dos diversos serviços hospitalares» — lê-se numa proposta aprovada pelos alunos do sexto ano da Faculdade de Medicina do Porto, que proclamam repugnar-lhes a aprendizagem feita sem metodo, sem sequência, sem programação».

Entre os vários portos inseridos na proposta destaca-se a que preconiza um esquema de ensino feito por grupos de trabalho activamente integrados nos diversos serviços hospitalares (Internamento, Consultas e Banco) e que se comece desde já a estruturar a prática clínica com base num esquema geral de trabalho em que a integração rotativa se inicie em 27 de Maio e termine em 28 de Outubro, sendo de férias o período compreendido entre 4 de Agosto e 30 de Setembro.

Auxiliares de limpeza reivindicam ingresso no funcionalismo público

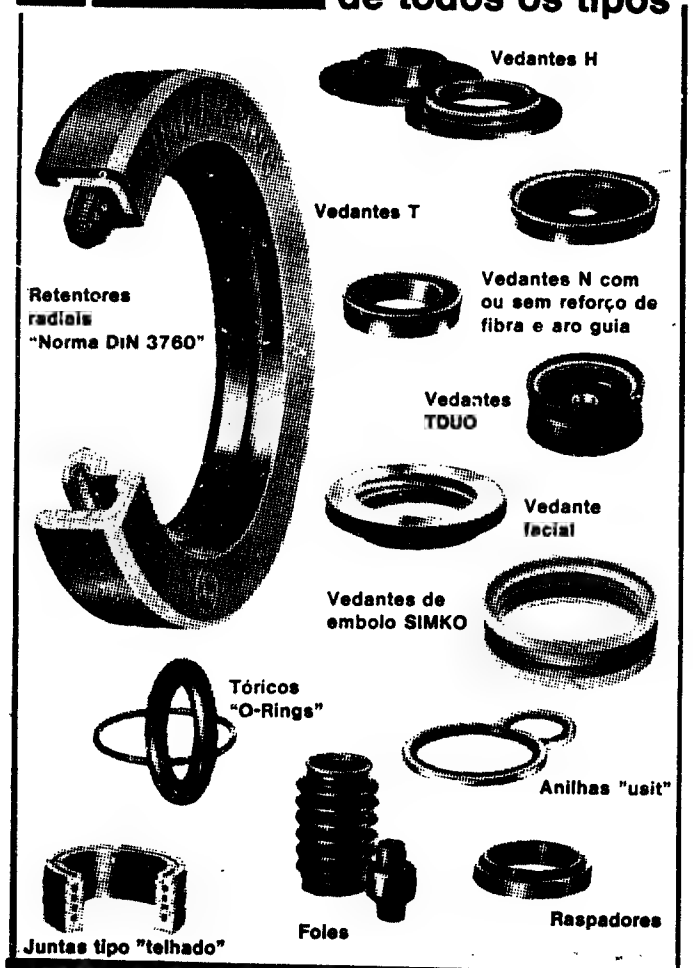
As auxiliares de limpeza das escolas primárias do distrito de Lisboa, reunidas em assembleia geral, deliberaram por unanimidade levar ao conhecimento do ministro da Educação e Cultura a seguinte exposição: — Depois de termos durante anos lutado contra o desdém de quem jamais escutou os nossos apelos, vimos agora, atendendo ao período de renovação que a nação atravessa, apresentar a V. duas reivindicações que consideramos absolutamente justas e justificáveis.

PRIMEIRO — Que seja efectivado o nosso ingresso no funcionalismo público; *SEGUNDO* — Que esse ingresso se faça na categoria de contínuas, categoria essa que corresponde exactamente às funções que efectivamente desempenhamos.

Edição especial de "O Bolchevista"

O Partido Comunista de Portugal (ML) começou a distribuir uma edição especial do seu órgão central, «O Bolchevista».

SIMRIT Vedantes de todos os tipos



FAG PORTUGUESA, LDA.
PORTO - R. DELFIM FERREIRA, 719 a 739 - TELEF 64141
COIMBRA AV FERNAO de MAGALHAES, 458 1º TEL 22729
LISBOA - RUA do TELHAL, 8 - C - TELEF 35620

DL/DESPORTOS

TAÇA DE PORTUGAL

Olhanense: o intruso no negócio dos grandes

. Sporting, Benfica, F.C. do Porto e Olhanense são as únicas equipas ainda candidatas ao triunfo na «Taça de Portugal», segunda competição, em valor absoluto, no luso futebol. Mantêm-se em prova à custa do Boavista, Farense, Cuf e União de Tomar, respectivamente, depois de quatro encontros com pouco que contar. Futebol de fim de época, jogado à torreira do sol e pouco atraente para os espectadores. Apenas em Faro, num encontro marcado para a noite, se pode dizer que houve mesmo futebol de certa qualidade. No resto, melhor seria nem falar...

Assim foi em Alvalade. Os novos campeões nacionais enfrentavam o Boavista, numa atmosfera abafante, de nuvens baixas e bastante calor. Pouco público nas bancadas, as novidades de Jose Carlos a quarto defesa, no lugar de Alhinho e de Chico no «team», quando se esperava Paulo Rocha. Por parte do Boavista, a evidência: c a Salvador todas as suas ranças de salvação.

Um golo logo aos dois minutos e ainda por cima um autogolo de Amândio, tornou claro o que se receava: o Sporting não estava para grandes canseiras. O adversário não exigia mais, e importante, importante, era ganhar o campeonato e esse já não fugia. Além disso, o marcador de serviço na equipa andava por longe. Daí os vagares, o jogo enrolado a nula vontade de acelerar para desfazer a resistência do Boavista para os lances de contra-ataque e a confirmação de que Chico não pode ser ponta-de-lança. Falha mais golos por ele do que todos os seus colegas da avançada reunidos.

No saldo destas oportunidades perdidas há que contar também duas do Boavista, especialente uma recarga de Salvador, o poste e dois remates de Nélson e Dinis igualmente à madeira. O segundo golo do Sporting foi marcado por Nelson, de cabeça.

Quanto ao jogo das Antas, a nota base: Flávio entrou por ordem da multidão, já o encontro se encaminhava para o prolongamento. A cabou por marcar os dois golos do triunfo. Até então, muito mal jogaram F. C. do Porto e Cuf...

Por parte do Porto, o ataque cego do costume; por banda da Cuf, defesa sem apelo e tentativas súbitas de contra-ataque que lançaram a confusão no anfiteatro. Ao fim e ao cabo o cansaço e Flávio derrotariam os pupilos de Fernando Caiado que ontem se despediram do seu técnico. Golos: Manuel Fernandes, Abel e Flávio.

No Algarve, dois jogos. O primeiro opôs Farense e Benfica, no sábado à noite, com o Benfica a superiorizar-se facilmente na segunda parte. A resistência do Farense desmoronou-se e os quatro golos (Humberto, Vitor Baptista, Jordão e Eusébio) foram lógico corolário da superioridade.

Ontem, houve sarilho em Olhão. O União de Tomar, que joga no escalão secundário, foi impor um empante a Olhão. A forma como foi obtido o empate, por João Carlos na repetição de uma grande penalidade, exasperou a multidão que invadiu o campo, e interrompeu o jogo por largos minutos. Acalmada a turba, o árbitro Nemésio de Castro acedeu a arriscar-se mais um pouco e o jogo continuou até ao desempate, no prolongamento. Resultado final: 4-2 para o Olhanense.

Golos no tempo regulamentar: Bolota, João Carlos, pelo União e João Poeira, dois, pelo Olhanense. No prolongamento marcaram José Rocha e Lo Bello.

Resta aos clubes em prova um domingo mais — já o próximo — para tentar o acesso à final nacional. Logo, um pouco mais de atenção ao futebol para os adeptos do Benfica, Sporting, F.C. do Porto e Olhanense. Depois acaba-se para tudo renascer de novo, lá para Setembro, esperanças reactivadas pelo calor de valor. Assim é o futebol.

O lance do segundo golo do Sporting. Nelson vai lá acima, baixar a bola, de cabeça, para a rede.

Farense-Benfica: Artur leva a melhor tal qual fez o ex-campeão na noite algarvia de sábado.

Castro e Cubillas cruzam armas no Estádio das Antas. Abel parece ser o beneficiário do duelo.

O União de Tomar a defesa, em Olhão. Renato, capitão do «team» algarvio, é o único no assédio à baliza de Quim Pereira.

Chico: uma perdida mais nas muitas em que foi perdulário. Por ele, o Sporting não chegaria ao golo.

MODALIDADES

UM SPORTING-BENFICA EM HÓQUEI

Para início da 2.ª volta do campeonato metropolitano de hóquei em patins, efectuam-se esta noite os seguintes jogos: Sporting-Benfica, Oeiras-Sporting de Tomar, Cascais-Belenenses, Paço de Arcos-CUF e Juventude Salesiana-Estremoz.

ANDEBOL

Na primeira «mão» do campeonato nacional de andebol o Belenenses de Lisboa derrotou a sua filial de Luanda por 25-9.

HÓQUEI EM CAMPO

A turma do Palmense conquistou o troféu «Jaime Franco», que foi disputado por diversas equipas de hóquei em campo. Na final do torneio, o êxito do Palmense sobre o Hóquei foi tangencial: 1-0

ESGRIMA

Hélder Reis foi o melhor floretista na quarta prova de esgrima que conta para o campeonato nacional.

XADREZ

Alvaro Pereira (Grupo Alekine) venceu o torneio interno de 1.ª categoria organizado pelo seu clube.

BADMINTON

A taça «Plume d'or» pertence à formação belga de Badminton, que se superiorizou à Suíça, à França e a Portugal (último classificado) na competição que se desenrolou no Pavilhão dos Desportos de Lisboa.

BASQUETEBOL

No campeonato nacional de Basquetebol, que está a processar-se em Lourenço Marques, o Benfica tem uma vitória (97-82 sobre o F. C. de Luanda) e uma derrota (78-84 perante o Malhangalene). Outros jogos já realizados: Sporting de Lourenço Marques, 82-Malhangalene, 78 e Sporting de Lourenço Marques, 113-F. C. Luanda, 98. Classificação antes da terceira jornada: Sporting de Lourenço Marques, 4 pontos; Malhangalene e Benfica, 3; F. C. Luanda, 2.

CICLISMO

Joaquim Agostinho terminou em 8.º lugar na corrida «Midi-Libre» em que triunfou o francês Danguillaume.

RÂGUEBI

O CDUL é campeão nacional de râguebi, após a sua vitória de ontem sobre o Benfica.

Assembleia no CDUL

. A Comissão Reestruturadora do Desporto Universitário e Escolar convocou, para esta noite, uma reunião de sócios do CDUL e de praticantes desportivos universitários a fim de debater os novos caminhos e opções do desporto universitário lisboeta.

Da ordem dos trabalhos constam os seguintes números: 1. Informação; 2. Elaboração de propostas de trabalho a desenvolver no CDUL.

A reunião está marcada para as 21 e 30 desenrolando-se na sede do CDUL.

SOBRE FUTEBOL

DL/DESPORTOS

ATLÉTICO: A SURPRESA DE UM DOMINGO DE PRAIA

A dominical nota «escandalosa» do campeonato nacional de futebol da segunda divisão ocorreu à custa do Atlético: derrotado por 0-3 nas Caldas da Rainha, perante uma das equipas mais fracas de todo o torneio, as portas para o comando da zona sul ficam escancaradas ao União de Tomar que, na próxima 4.ª-feira, pelas 17 e 30, defronta o Portimonense (em terreno algarvio) no jogo que lhe competia em relação à jornada 34 ontem efectuada.

Lembramos os desfechos dos encontros sulistas: Torriense,2-Alhandra,1; Torres Novas,2-União Sport,0; Sesimbra,1-Odivelas,1; Marítimo,3-Sintrense,1; Marinhense,2-Cova da Piedade,0; Tramagal,1-Sacavenense,3; Caldas,3-Atlético,0; Lusitano,1-Peniche,0 e Almada,3-União de Leiria,0.

Na zona norte, os resultados foram os seguintes: Espinho,1-Varzim,0; União de Lamas,3-Oliveirense,0; Sanjoanense,2-Gil Vicente,1; Fafe,4-Aves,1; Famalicão,1-Riopele,4; Salgueiros,3-Tirsense,0; Sporting de Braga,1-Lourosa,0; Penafiel,3-Vilanovense,0; União de Coimbra,3-Feirense,0 e Gouveia,1-Chaves,1.

Classificação da zona norte: Espinho, 44; Sanjoanense, 43; Fafe, 42; União de Coimbra e Penafiel, 41; Varzim, 40; Braga e Tirsense, 39; Chaves, 38; Riopele, Lourosa e Salgueiros, 37; Famalicão, 34; Gil Vicente, 30; Vilanovense, 29; Feirense, 28; Oliveirense, 27; Lamas, 23; Aves, 17 e Gouveia, 14.

Na zona sul: Atlético e União de Tomar, 50 pontos (os tomarenses contam menos um jogo); Peniche, 45; Portimonense, 41 (menos um jogo); Marítimo e Lusitano, 40; Marinhense, 39; Leiria, 38; Cova da Piedade, 34; Torriense, 33; Sesimbra e Almada, 32; União Sport, 30; Torres Novas, Odivelas e Caldas, 29; Sintrense, 27; Sacavenense, 24; Alhandra, 22 e Tramagal, 14.

PORTO

Jorge Vieira, que foi dirigente do futebol das Antas, é o novo presidente do Conselho Técnico da Associação de Futebol do Porto.

YAZALDE

Yazalde ficou em branco, no seu regresso ao «team» nacional da Argentina. O grupo sul-americano jogou na Holanda e foi «baleado» (1-4) pelo «onze» de Cruyff.

PARTICULAR

No Seixal (festa de homenagem ao jogador Quim) o Belenenses venceu os locais por 1-0, num golo de Pincho.

JUNIORES

A equipa nacional de juniores averbou terceiro desaire consecutivo no «Torneio da UEFA» que se processa na Suécia. Agora, foi a Espanha que bateu os rapazes de Pedroto-Peres Bandeira (por 0-1) o que significou o último lugar no grupo e a volta (hoje) a Lisboa...

No Estádio da Luz, o Benfica arrebatou o troféu «Ribeiro dos Reis», instituído para o «Torneio Internacional». Na final, os «encarnados» venceram o Anderlecht por margem confortável: 4-1.

JUVENIS

Na final da «Taça Nacional de Juvenis» (realizada em Leiria) o Benfica venceu o F. C. do Porto por 1-0.

ACADÉMICA

Desmascara-se a situação em que tem vivido a secção de futebol da Associação Académica de Coimbra: numa reunião plenária de associados, ficou posta em causa a hipótese dos futebolistas «estudantes» continuarem a receber ordenado para jogarem.

TREINADORES

Enquanto se fala que será José Maria Pedroto o futuro presidente do Sindicato dos Treinadores de Futebol, a actual Comissão Directiva do organismo remete aos órgãos informativos um comunicado em que rebate as afirmações de Fernando Vaz, garantindo que **«quando ele foi apresentar-se no Ministério do Trabalho para se demitir já estava destituído de todas as funções sindicais.»**

Os técnicos do Leeds começaram em Lisboa a sua «espionagem» em relação à próxima «Taça dos Clubes Campeões Europeus». A primeira «vistoria» foi feita em Alvalade, onde vemos o presidente João Rocha a receber os curiosos ingleses

Jovens benfiquistas triunfam em duas frentes. Em cima: os juniores que arrebataram o primeiro lugar no «Torneio Internacional». Na imagem de baixo: os juvenis que derrotaram o F. C. Porto na final da «Taça Nacional»

TAÇA DE PORTUGAL

Porto-Benfica nas meias-finais

O F. C. do Porto recebe o Benfica, no estádio das Antas e o Sporting vai jogar a Olhão, contra o Olhanense, segundo o sorteio para as meias-finais da Taça de Portugal, realizado ao meio-dia de hoje na Federação de Futebol.

Os jogos da meia-final realizam-se no próximo domingo, a uma só mão. Resta a dúvida àcerca do campo onde jogarao Olhanense e Sporting. Uma vez que houve problemas durante o Olhanense-Tomar, inclusive com invasão de terreno, pode acontecer que o Conselho de Disciplina penalize os algarvios com interdição do seu campo. A ser assim, o jogo efectua-se em Alvalade, como preceitua o regulamento.

A CHAVE TOTOBOLA

Porto - CUF	X
Farense-Benfica	2
Olhanense-U. Tomar	X
Gouveia-Chaves	X
Lamas - Oliveirense	1
Espinho-Varzim	1
Famalicão - Riopele	2
Salgueiros - Tirsense	1
Tramagal - Sacaven.	2
Caldas-Atlético	1
Almada - U Leiria	1
Lusitano - Peniche	1
Sesimbra - Odivelas	X

QUINZE-NOVE AUTOMÓVEIS de ALUGUER
AV. MADRID, 16-B
TEL. 714391-713588

STAND DE AUTOMÓVEIS
TRESPASSA-SE
Sujeito a oferta. Facilita pagamento. Rua Passos Manuel 106-A.

compre na BAIXA compre melhor

Florex
PRONTO A VESTIR
CONFECÇÕES DE LUXO
Rua dos Fanqueiros, 97-101
Tel 24 24 43

Costa & Branco
Artigos de Decoração
Balanças — Ménage
LISTAS DE CASAMENTOS
R. da Assunção, 75 — Tel.: 32 59 35 — Lisboa

Phoebus
CAMISEIROS
CHAPELEIROS
PRONTO A VESTIR
Rua Aurea, 287
Telefs. 369153/321123

ALCATIFAS
DA FÁBRICA AO PÚBLICO
VENDAS DIRECTAS
Rua Augusta, 84 — T. 32 36 37

DISCOS
Fabricantes e editores
VALENTIM DE CARVALHO, C.ª SARL

LEIA
motor revista

QUEM NÃO ANUNCIA ESCONDE-SE

Na fábrica de Alverca

Jornada de convívio do pessoal da Somapre

Os trabalhadores ao serviço das três fábricas da Somapre — Sociedade de Materiais Pré-Esforçados, promoveram a sua já tradicional reunião de confraternização, que este ano coincidiu com a passagem do vigésimo aniversário da fundação da empresa. O convívio decorreu em ambiente de grande camaradagem, na unidade fabril de Alverca, nele participando a totalidade dos servidores dos quadros daquela fábrica e das de Pero Pinheiro e Tramagal, em número superior a 600, sendo a maioria acompanhada de familiares. A exemplo de anos anteriores, os trabalhadores convidaram a administração para o almoço integrado na jornada, a qual compreendeu também manifestações gimnodesportivas.

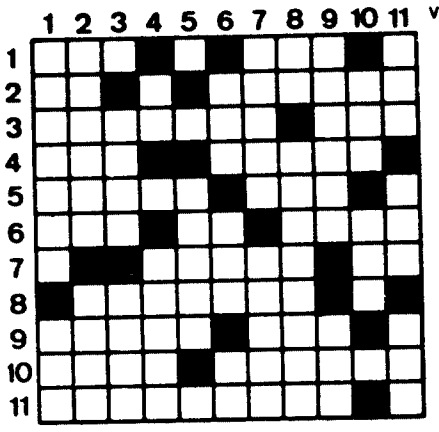
No final do almoço, da iniciativa dos próprios trabalhadores, alguns operários usaram da palavra para se referirem ao significado da jornada de confraternização, uma vez mais aproveitada pelo habitual «feriado» da empresa, pondo em evidência o crescimento que a Somapre conheceu nos seus vinte anos de existência, numa obra que congregou os esforços de todos os trabalhadores, aos vários níveis, e assinalando o clima social que tem caracterizado as actividades da empresa. O operário mais antigo, ao serviço desde o arranque da firma, teve palavras de apreço para a administração, apontando a iniciativa há largos anos introduzida na Somapre de comparticipação dos resultados da gestão, bem como outros benefícios de natureza social recebidos. Em nome de todos, ofereceu ao presidente do conselho de administração, eng. Mário Gaspar, uma volumosa colecção de livros.

O eng.º Mário Gaspar, agradecendo a homenagem, enalteceu a inestimável e valiosa colaboração que todo o pessoal sempre deu para o desenvolvimento da empresa, acentuando que a isenção económica tem orientado a actividade da Somapre, cuja dimensão actual se deve ao esforço de todos. Fez breve resenha da vida da empresa, citou a experiência cívica e de dirigente empresarial que adquiriu em sociedades democráticas, como a francesa e a belga, e teceu rápidas considerações sobre o momento português, afirmando que o País tem de ser reconstruído com o trabalho de todos, para se incrementar a produção e, consequentemente, se proceder a mais ampla redestribuição. Propriamente quanto à Somapre, vincou estar certo de que «os trabalhadores continuarão a dar o exemplo de consciencialização patenteado na empresa desde o primeiro dia».

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10794



HORIZONTAIS

1 Tempo do verbo ir Conjunção Caminha para ca.
2 Prefixo de negação. Especie de amarra, entre o anete da âncora e o travessão da abita
3 O mesmo que remelas Leve
4 Enguia Fechadura (Gir)
5 Sacode Saudavel
6 Bigorna de aço sem hastes Centimetro Cova
7 Pertinacia. Preposição e artigo definido
8 Patio
9 Cavalo reprodutor Pouco ouro no meio de material mineiro de nenhum valor
10 Contente Segure
11 Aguçareis

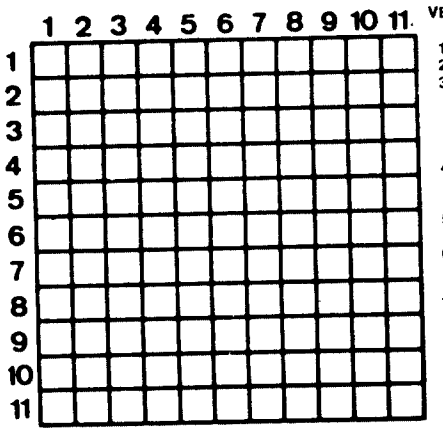
VERTICAIS

1 Pastor dos montes Herminios, chefe dos Lusitanos. Partido
2 Sofre (fig). Aquele que.
3 Trituras. Tramo.
4 Preposição. Região alpestre dividida entre a Austria e a Italia e que pertenceu inteiramente aos estados austriacos
5 Provoco.
6 Familiar. Mitologia Viração
7 Miras. Fundador do Islamismo
8 Artigo definido (ant.) Montal
9 Pintor português, autor do quadro Festejando S. Martinho». Filosofo e romancista espanhol autor de «Três Horas no Museu do Prado».
10 Mediana. Pelos de certos animais
11 Pronome possessivo Segundo filho de Noe e pai da Canaã Goza

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6952



HORIZONTAIS

1 Lento Estancar
2 Base aerea portuguesa Sua Senhoria Agora.
3 Aquele que Escavas
4 Planta brasileira de tuberculos farinaceos e comestiveis Termina.
5 Estava Considerem (fig).
6 Sincero
7 Apartou
8 Inflamo General de Napoleão.
9 Juba Especie de lança.
10 Vão (fig) Grei Coração
11 Penetre Ardor

VERTICAIS

1 Pancada Foles.
2 Tratara por tu. Covil
3 Vassourara o forno depois de aquecido. Vara de madeira para impelir na agua pequenas embarcações (pl.).
4 Mil e um em romano. Refeição depois da meia-noite
5 Osmio (s.q.). Sufocação Cerio (s.q.)
6 Livro de Poesias de Antonio Nobre. Rio do estado da Baia (bras.). Quilolitro.
7 Capitão da India companheiro de Vasco da Gama na sua segunda viagem e que foi morto na cidade de Goa. Some (fig.). Prefixo de afastamento.
8 Olhinho.
9 Espantalhos Exclusiva.
10 Da Arabia (pl). Boatos (fig.).
11 Roçam Tramara (fig)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10793

HORIZONTAIS:

1 NÃO. HA. Ga.
2 Ana. GOSTO.
3 Pardo Al. Lo
4 Ie. Abatei.
5 La. Sr Ema
6 Elegerias.
7 Amo. Essa.
8 Passal Aca
9 Sa Tom Alar.
10 Ermo Arriba!
11 Mão As! Aos.

VERTICAIS:

1 Napoles. SEM.
2 Anã. Alapara
3 Irão. Ema. Mo.
4 DESGOSTO.
5 Hão. Re. So.
6 Amas.
7 Gabriel. Ri.
8 Gola As. Ar.
9 As. Tessalia
10 Toem Acabo
11 Golias. Aras.

PROVÉRBIO: Não ha gosto sem desgosto.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6951

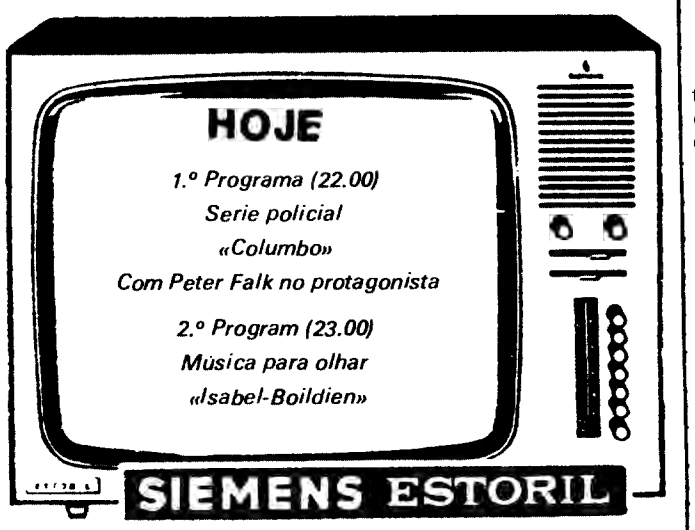
HORIZONTAIS:

1 Casca. Casem
2 Alias. Riana.
3 Ramos. Lar.
4 Go. Tisna. Or.
5 Pinocas
6 Taça. Alas.
7 Orto Ios.
8 Fiassemos.
9 In. Açor. Al
10 Rau Noa. Mit.
11 Rico Mossa.

VERTICAIS:

1 Carga. Ofir.
2 Alão. Trinar
3 Sim. Pata. Ui.
4 Caoticos.
5 Assina. Sano.
6 Só. Peco.
7 Crença Moam.
8 Ai. Aal. Or.
9 Sal. Sais. Ms
10 E não So Ais.
11 Marra Solta

televisão



HOJE

1.º Programa
1.º Periodo

12.45 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
13.00 Vivendo o futuro
13.15 Demoiselles de Suresnnes
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 Documentario
14.20 Logo à noite

2.º Periodo

14.40 Ciclo preparatorio TV
19.00 TV Educativa «Lingua portuguesa»
19.25 «O diario das fabulas»
19.30 Telejornal — 2.ª EDIÇÃO
19.50 Momento desportivo
20.30 TV palco
21.00 Imagens da poesia europeia
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Columbo
23.30 Telejornal, 4.ª edição
23.45 Fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
20.45 Documentario
21.00 Demoiselles de Suresnnes
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 As origens da Europa
23.00 Musica para olhar
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Periodo

12.45 Abertura e desenhos animados «Abbot e Costello»
13.00 Almanaque
13.15 O rapaz do elefante
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 Escrever é lutar
14.15 Logo à noite
14.40 Ciclo preparatorio TV

2.º Periodo

19.00 TV Educativa; «Matematica moderna»
19.25 «O diario das fabulas»
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.45 TV infantil
20.00 Sangue na estrada
20.30 Em foco
21.00 Teatro e a mascara, 1. programa de uma nova serie
21.30 Telejornal, 4.ª edição
22.05 Noite de cinema «Sob o Sol de Roma»
23.40 Telejornal — 4.ª edição
23.50 Fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Abbot e Costello»
20.45 Escrever é lutar
21.00 O rapaz do elefante
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Concerto
22.30 Panorama
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado o vento era fraco ou moderado de Norte

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	14
P. DOURADAS	1
COIMBRA	14
PORTALEGRE	12
LISBOA	15
FARO	19
FUNCHAL	18

TEMPERATURAS EXTREMAS

MONTE ESTORIL
Maxima 29,5º

MONTALEGRE
Mínima 0,9º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 16.0
Atmosfera 19,7

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.25	3,4 m	1.41	1,0 m
20.46	3,6 m	13.68	1,3 m

Dia 28

9.28	3,4 m	2.94	1,1 m
21.51	3,6 m	15.09	1,4 m

Dia 29

10.35	3,3 m	4.01	1,2 m
23.00	3,5 m	16.24	1,4 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Ceu geralmente pouco nublado vento fraco ou moderado de Noroeste por vezes com rajadas em especial na Faixa Costeira Ocidental, possibilidades de aumento de neblosidade durante a tarde com possivel ocorrência de aguaceiros e trovoada nas regiões montanhosas para norte do Tejo

AMANHÃ

NASCER ÁS 6.16
OCASO ÁS 20.52

DIA 28 | DIA 4 | DIA 13 | DIA 20

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.05 A canção de hoje
16.30 Convívio
18.05 Musica sem palavras
18.30 A Canção de hoje
19.05 Musica portuguesa
20.30 22 episódio do folhetim «O Ourives do Rei»
20.50 Musica de piano
21.00 Momento 74
21.20 Portugal cantando
22.00 Grande desfile
23.05 De um dia para o outro

Programa em MF1 dde Lisboa

23.00 Rádio Universidade

2.º Programa

16.00 1. e 2. actos da opera O Diabo e Catarina (Dvark).
17.16 Sinfonia India (Chavez), Orq. Filarmónica de Nova Iorque, dir. de Leonard Bernstein.
17.30 Solos de cravo.
18.00 Antologia sonora.
19.00 E aconteceu poesia, por Miguel Trigueiros.
19.30 Musica coral sinfónica.
20.30 20.30 Ciclo de melodias — Quatro Canções Sérias op. 121 (Brahms).
20.50 Uma peça de Raval — Alborada del Gracioso, pela Orq. da Sociedade dos Concertos do Conservatorio de Paris.
21.00 Concerto sinfónico — 1.ª parte. 2.ª parte — Sinfonia.
23.00 Musica de câmara .. op. 21 (Chausson), por Christian Ferras (violino) Pierre Barbizet (piano) e Quarteto Parrenin.
0010 Suite espanhola (Albeniz). Piano: Alicida de Larrocha.
00.35 **Sinfonia em três andamentos (Stravinsky), Orq. Sinfonica de Londres, dir. por Colin Davis.**

Programa Estereofonico MF — 2

21.00 Musica ligeira variada.
22.00 A opera em quatro actos. As Bodas de Fígaro (Mozart)

RÁDIO CLUBE

Onda Media

16.00 Noticiario.
16.04 Programa C.D.C.
18.02 Programa Movimento.
20.40 Programa Movimento/Radio-Teatro.
21.03 Terça-feira à noite.
21.32 Quando o telefone toca.
22.05 Antiquário.
22.30 Quando o telefone toca.
23.05 Novas de alegria.
23.30 No Mundo aconteceu.
02.00 A noite e nossa.
06.00 Diário rural.

Modulação de frequência

16.00 Noticiario.
16.04 Programa C.D.C.
18.02 O nosso programa.
19.04 Em Orbita-1.
20.00 Noticiario em Orbita-1 (continuação).
21.02 Boa noite em FM.
22.02 Clube à Gô-Gô
23.00 Noticiario, clube à Gô-Gô (continuação).
00.02 Em orbita-dois.
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiario.
16.05 Radiorama.
18.00 Canções a duas vozes.
18.23 Palavra do dia. No final Terço e bênção da Basilica dos Martires.
19.00 (Jornal do serviço de noticiarios e reportagens de Rádio Renascença).
19.30 Pagina 1.
21.04 Meditando.
21.08 Programa dos sócios.
21.45 Pentagrama.
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Esquema 13.
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofonico de Portugal

Das 06.00 às 11.00 e das 19.30 às 22.00

Radio Peninsular

Das 11.00 às 17.00

Radio Voz de Lisboa

Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 1-1
(ATÉ ÀS 22 HORAS)

ALCANTARA
Dilema, R Aliança Operária, 49-A/B (T. 636620
ALFAMA
Pereira, R do Paraíso, 98-100, (T. 863224)
ALMIRANTE REIS
Candido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (T. 45751)
ALVALADE
Sanex, Av. da Igreja, 31-C (T. 717505)
AREEIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B (T. 731478)
AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, P. Duque de Saldanha, 1 4 (T. 41845)
BAIXA
Valadas, R. de Madalena, 235 (T. 872060)
BELÉM
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454)
BENFICA
Ribeiro, E. da Cruz, 199-A (T. 780969)
CAMINHOS DE FERRO
Conceição, C. D. Gastão, 30-32 (T. 361279)
CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, R. Campo Ourique, 131-133 (T. 686640); **Urbano de Freitas**, R. Silva Carvalho, 1-B (T. 662838)
CONDE REDONDO
Salus, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 42239)
LUMIAR
Central, R. do Lumiar, 77 (T. 790480)
MARQUÊS DE POMBAL
Ribeiro Castro, R. Braamcamp, 52-C (T. 43409)
OLIVAIS
Antunes Rosas, P. Cidade do Luso, lote 199, Olivais Sul (T. 313610)
PAMPULHA
Pinheiro, R. Presidente Arriaga, 16 (T. 691054)
PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (T. 728395/720703)
S. BENTO
Confiança, P. das Flores, 59 (T. 690401)
S. PAULO
Africana, R. Bernardino Costa, 45 (T. 369120)

TURNO 1-2
(TODA A NOITE)

ALCANTARA
Costa, R. dos Lusíadas, 30 (T. 636704)
ALTO DO PINA
Iberia, R. Barão de Sabrosa, 235-A (à Alameda) (T. 728277)
ALVALADE
Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (à Av E.U. da América) (T. 721409)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (T. 790969)
AVENIDA DA LIVERDADE
Brites Moita, P. da Alegria, 27-28 (T. 321149)
AVENIDAS NOVAS
Figueira, Av. Marquês de Tomar, 20 (T. 44995)
BAIRRO ALTO
Pinharanda, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534)
BAIRRO ENCARNAÇÃO
Ascenso, P. do Norte, 11-A (T. 311216)
BAIXA
Cortez, R. S. Nicolau, 93 (T. 325378-A)
BELÉM
Gomes, R. da Junqueira, 326 (T. 638193)
BENFICA
Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (T. 704828)
CAMPO OURIQUE
Elma, R D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); **Tagus**, Pt. da R. Posidónio Silva, 162-A (T. 669485)
CAMPOLIDE
Oliveira, R. de Campolide, 54-A (T. 684424)
ENTRECAMPOS
São Miguel, P. Francisco de Morais, 1 (T. 771469)
ESTRELA
Rodrigues e Aires, R. da Lapa, 52-54 (T. 662246)
GRAÇA
Branquinho, R. dos Sapadores, 97 (T. 842725)
INTENDENTE
Intendente, L. do Intendente Pina Manique, 50 (T. 47838)
LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (Quinta dos Mouros) (T. 794174)
RESTELO
Belém, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248)
SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15-A (T. 778439)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039.
OEIRAS
Godinho, R Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B. das Caixas de Previdência (Tel. 2472948)
MURTAL
Primavera
MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (Tel. 260087)
CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); **Nova**, Est. de Alvide - Fontainhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); **Carmele**, R. Elias Garcia, Lote-28 (Tel. 933303); **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Tel. 938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); **Correia**, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Química, Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES
Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)
ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-A (Tel. 270242)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Esta. Nacional, 221-B (Tel. 224141)
BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Tel. 2073443)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETÚBAL
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408); **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco (Tel. 23211):
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

8.º TURNO

SUB TURNO A

Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73; **Guerra**, Rua Costa Cabral, 43; **Guimarães**, Rua de Francos, 37; **Lemos e Filhos, Ld.ª**, Pr. de Carlos Alberto, 31; **Liga Ass. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim, 286; **Porto**, Rua Padre Cruz, 146.

SUB TURNO B

Henriques, Praça da Batalha, 64-A; **Moreno, Ld.ª**, Largo de S. Domingos, 44; **Sanil**, Rua do Paraíso, 214; **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645; **Vasques**, Rua das Condominhas, 794.

COIMBRA

TURNO F

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (Tel. 26046); **Santa Cruz**, Rua das Padeiras, 94 (Tel. 23569); **Higiéne**, Rua Fernandes Tomaz, 41 (Tel. 22634)

cinemas • cinemas • cinemas

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
Uma matou por ele, outra morreu por ele! Sarah Miles O HOMEM QUE AMOU CAT DANCING com Burt Reynolds, Lee J. Cobb, Jack Warden e George Halmiton
(Metro: Anjos)

CASINO ESTORIL (T. 264521)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
A BALADA DO SOLDADO com Joanna Proknorenko e Vladimir Ivachov

CONDES (T. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
CHAMARIZ DE SAIAS
Fresca, brejeira, irreverente!

ESTÚDIO APOLO 70 (T. 763319)
15.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Ryan O'Neal e Tatum O'Neal LUA DE PAPEL um filme de Peter Bogdanovich.
Grupo B (10 anos)
III Festival Apolo
OS TRÊS MOSQUETEIROS de Richard Lester

LONDRES (T. 801313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana!
Obra admirável, diamante intacto ... HIROSHIMA MEU AMOR o filme de Alain Resnais com Emmanuelle Riva, Eiji Okada e Bernard Fresson

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
Enrico Montesanto, Francis Blanche e Bernard Blier em O FURTO É A ALMA DO NEGOCIO

ROMA (T. 727778)
15.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Omar Sharif e Florinda Bolkan O DIREITO DE AMAR

EUROPA (T. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
Enrico Maria Salerno e Senta Berger ESCÂNDALO DE BATA BRANCA
2.ª feira
18.30
Musica ao vivo com o ConjuntonOM
Bilhetes à venda

ALVALADE (T. 717480)
15.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
Uma matou por ele, outra morreu por ele! Sarah Miles O HOMEM QUE AMOU CAT DANCING com Burt Reynolds, Lee J. Cobb, Jack Warden e George Halmiton
(Metro: Alvalade)

ROYAL (T. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo B (10 anos)
A GRANDE BRONCA. Em complemento A MORTE ESPREITA

CINEARTE (T. 660446)
15.00 e 21.00
Grupo C (14 anos)
ATE MESMO OS ANJOS COMEM FEIJÕES e QUANTO MAIS FRIA ... MELHOR!

CINEMAS CASTIL (T. 530194)
15.15, 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
7.ª Semana!
Eastmancolor
SEGREDOS PROÍBIDOS com Jacqueline Bisset
(Estacionamento: Parque Castil)

IMPÉRIO (Tel. 555134)
15.15 e 18.30
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana!
Color
Alain Delon e Sonia Petrova OUTONO ESCALDANTE
Amanhã
21.30
C.C.M.
Recital de piano por Nelson Freire
(Metro: Alameda)

VOX (Tel. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana
«DOIS HOMENS NA CIDADE» com Alain Delon e Jean Gabin

PATHÉ (T. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Colorido
HITLER OS ULTIMOS 10 DIAS com Alec Guiness. O estretor de uma tirania
(Metro: Arroios)

POLITEAMA (Tel. 326306)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo C (14 anos)
2.ª Semana! Colorido
«O BRAÇO VIOLENTO DO KUNG-FU» com Chu San-Liu Cheng.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
32.ª Semana! Eastmancolor
O PORTEIRO, com Bernard Le Co

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Colorido
Uma comedia brejeira que e de gritos PARA MIM AS MULHERES ... NIM FU NIM FA com o famoso cantor Poret

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
4.ª Semana! Grupo D (18 anos)
A obra-prima de Serge Eisenstein «O COURAÇADO POTEMKIN». Em complemento «JAIME» de António Reis
(Metro: Alameda)

BERNA (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 12.45
Grupo C (14 anos)
Technicolor - TODD-AO 35
24.ª Semana!
O filme de Norman Jewison «JESUS CRISTO SUPERSTAR»

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos). Versão integral
A obra máxima de Charlie Chaplin «O GRANDE DITADOR».
18.30
Grupo D (18 anos)
Quinzena «Ingmar Bergman»
UMA LIÇÃO DE AMOR com Eva Dahlbech e Gunnar Biornstrand

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Technicolor
Barbara Jefford, Ralph Bates «PRAZERES DE VAMPIRA»

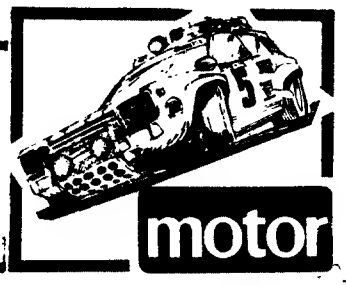
S. JORGE (T. 54154)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
6.ª Semana!
Em versão integral. O celebre filme de Ken Russell TCHAIKOWSKY DELÍRIO DE AMOR (THE MUSIC LOVERS) com Glenda Jackson e Richard Chamberlain

EDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Technicolor
O DIREITO DE AMAR com Omar Sharif e Florinda Bolkan

RESTELO (T. 610375)
21.30
Grupo D (18 anos)
Technicolor
Um dos melhores filmes do ano AMERICAN GRAFFITI (NOVA GERAÇÃO com Richard Dreyfuss e Ronny Howard

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos). 3.ª Semana!
Maria do Céu Guerra, João Mota e Zita Duarte «O MAL-AMADO». Realização de Fernando Matos Silva

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
5.ª Semana! Technicolor
Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw A GOLPADA (The Sting) premiado com 7 Oscares incluindo o do melhor filme e do melhor realizador.



outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
21.45
Festival de Poesia

ABC
20.45 e 23.00 (18 anos)
Com Parra Nova

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«American Graffiti»

OLÍMPIA
21.00 (14 anos)
«Zorro o Dominador»

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«A Grande Evasão»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«Derrapagem»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«O Jogo da Cor»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Desafio de Gigantes»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Chantagem»

ESTORIL
Casino
17 e 21.30 (18 anos)
«A Balada do Soldado»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
«A Grande Valsa»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Maltezes, Burgueses e às Vezes»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Uma Rosa ao Pequeno Almoço»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Lua de Papel»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Uma História Perversa»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«A Golpada»

JÚLIO DINIS
21.30 (14 anos)
«Os Heróis»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«A Casa da Barafunda»

TRINTADE
21.30 (18 anos)
«Projecção Privada»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (14 anos)
«A Crista do Diabo»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«O Coraçado Potemkin»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«A Furia do Tigre»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Continuarm a Chamar-me Trinita»

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«A Furia do Tigre»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«As Noites do Delicadinho»

RIVOLI
21.30 (14 anos)
«O Magnifico

COIMBRA

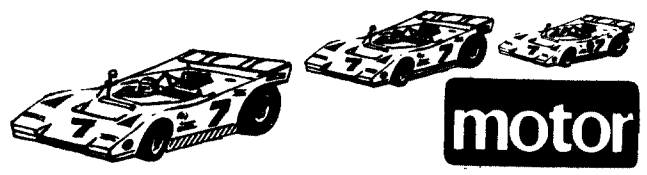
GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Os Detectives»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Maltezes, Burgueses e às Vezes»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Núpcias Vermelhas»

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE — Pintura de Gumersindo Yuste (das 10 às 22 h).
ARTE MODERNA — Obras de Eduardo Neves e Filipe Blanch Diniz (das 14 às 20 h).
BELAS ARTES — Gravuras sobre o tema «Desastres e Misérias da Guerra» (das 14 às 20 h).
CASINO ESTORIL — Pinturas de Eduardo Plácido (das 15 às 3 h).
DIPROVE — Pinturas de Teresa Arriaga (das 15 às 21 h).
FOTO CLUBE 6x6 — Fotografia artística de Pedro Foyo (das 12.30 às 24 h, às 3.ª feiras e 6.ª feiras).
FUTURA — Desenhos e guaches de Luís Camacho (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).
GALERIA 111 — Pintura de Jorge Martins (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).
INSTITUTO BRITÂNICO — Trabalho de David Posonby.
INTERIOR — Tapeçarias de Charrua (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).
OTTOLINI — Trabalhos de Man.
PALÁCIO FOZ — Pinturas de Manuela de Meneses e Vitor Péon (das 15 às 20 h).
PAVILHÃO DE CONGRESSOS (Estoril) — XIX Salão da Primavera (das 11 às 13 e das 15 às 19 h).
QUADRANTE — Fotografia de José Nogueira (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).



BARS BOITES estabelecimentos típicos DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**
Zorina, vedeta inglesa de «sexy»

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264586/264621/264946.**

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. **T. 229189.**

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos. **T. 320164.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

DL/GERAL

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE:
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 2363
LISBOA-PORTUGAL

O presidente da República visitará o Porto

O Presidente da República, general António de Spínola, visitirá durante esta semana a cidade do Porto.

Aproveitando a ocasião, o general António de Spínola contactará com os Comandos das Forças Armadas daquela Região Militar.

Reuniões de trabalhadores e estudantes

Efectuam-se hoje as seguintes reuniões:

. Em LISBOA: **Profissionais da Indústria de Panificação**, na Praça de Londres, às 14 e 30; **Geógrafos**, Na sala do Instituto de História da Faculdade de Letras, às 17 e 30; **Pessoal do Instituto Industrial de Lisboa**, às 20 e 30; **Trabalhadores de Agências Funerárias**, na Avenida da República, 29, às 21; **Profissionais de Psicologia**, na Avenida Manuel da Maia, 2-A, às 21; **Industriais de Transportes Colectivos de Passageiros**, na Avenida Visconde Valmor, 34, 1.º, às 21 e 30.

Em PORTALEGRE: **Comerciantes**, no Cineteatro Crisfal, às 21.

Em SANTAREM: **Trabalhadores Agrícolas**, na Casa do Campino, às 21.

O DIA DA CRIANÇA EM ALMADA

Do Movimento Democrático de Mulheres de Almada recebemos o seguinte comunicado:

. «O Dia Mundial da Criança é comemorado em todo o mundo em 1 de Junho de cada ano.

O Movimento Democrático de Mulheres do Concelho de Almada, hoje em plena liberdade, pode trabalhar para que as crianças do nosso País não sejam lembradas apenas neste dia.

Dentro deste espírito e como princípio o M.D.M., apela para a colaboração de toda a população em especial para os comerciantes e industriais.

O M.D.M. de Almada no intuito de comemorar este dia neste ano liberdade leva a efeito as seguintes iniciativas:

. Quinta-feira, dia 30, às 21.30, um convívio musical na Sociedade Filarmónica União Artística Piedense.

Sábado, dia 1 de Junho, às crianças pelas 15 h. no Seminário de Almada um lanche de convívio infantil. Às 21.30 h. um colóquio destinado essencialmente aos pais.

Domingo, às 11 h. serão passados filmes infantis na Sociedade Filarmónica União Artística Piedense.»

A GREVE DA CARRIS

Continuação da pág. 1

que representam 96 por cento dos trabalhadores: T. U. L., Motoristas, Electricistas, Empregados de Escritório e Metalúrgicos.

O brigadeiro João Carlos Escudeiro, administrador da Carris estava esta manhã em Santo Amaro, à espera de ser chamado ao Ministério do Trabalho. Os dirigentes sindicais com quem contactámos têm esperança numa resposta para esta tarde.

—Esperamos que tudo se resolva, não estamos em greve por prazer, disse-nos um dos dirigentes. *Se as nossas reivindicações forem atendidas, o pessoal retomará o trabalho logo a seguir. Toda a gente está a cumprir os horários e os carros estão devidamente abastecidos, prontos a sair para a rua. Esta acção não prejudica as negociações de revisão do A. C. T. cujo início está marcado para quarta-feira. Para já, o que queremos é um adiantamento. Todo o pessoal aderiu.*

Ocupada a Redacção da revista «Gente»

Os trabalhadores da empresa Sepura, que se encarrega da feitura da revista «Gente», resolveram tomar posições para assegurar a renovação daquela publicação.

Hoje, próximo do meio-dia, a Redacção da «Gente» ocupou as instalações, onde se mantém até que a Administração permita o diálogo, o que até agora não foi conseguido, ou que a comissão arbitral, já nomeada, se pronuncie sobre o assunto.

Além de assegurar a feitura da revista em moldes completamente diferentes dos anteriores, a Redacção da «Gente» decidiu também apoiar os trabalhadores de todas as empresas do grupo Verbo.

Trata-se de seis empresas — Editorial Verbo, Crediverbo, Verbo Escolar, Celidis, Sepura e Ulisseia — que, neste momento, se encontram, na totalidade, ocupadas pelos trabalhadores. O motivo é idêntico para todas: recusa de diálogo por parte da administração.

A Sepura, além da revista «Gente», publica uma revista desportiva — «Livre» — e outra de histórias em quadradinhos — «Jacaré».

MOÇAMBIQUE: GUARNIÇÕES RETIRARAM DO NORDESTE

Continuação da pág. 1

dor do Governo português não confirma a fuga, o seu «jeep», com o uniforme e a espingarda foram encontrados em Tsetserra, perto da fronteira. O comissário tinha dito aos fazendeiros brancos da área que não poderia continuar a defendê-los por muito tempo dos ataques dos guerrilheiros.

Entretanto, na Beira verificou-se o segundo confronto entre brancos e negros, após o «25 de Abril». O primeiro ocorreu há quinze dias, quando um grupo de brancos atacou os negros que assistiam a um comício. Ontem, após um desafio de futebol, seis automóveis foram apedrejados em Mansa, localidade onde predominan os negros. A noite, cerca de 400 brancos manifestaram-se em frente da residência do governador da cidade, acabando por ser dispersados por militares e polícia. Um porta-voz da polícia teria classificado o incidente como «de pequena importância». No entanto, o governador, comandante Paulo Corujo, avisou mais tarde de que seriam tomadas medidas severas contra aqueles, que perturbassem a paz, fosse qual fosse a sua raça.

«Não podemos permitir a criação de climas emocionais que possam levar a confrontações raciais», declarou, acrescentando que «a lei e a ordem serão mantidas neste distrito custe o que custar».

Apelo à ordem, mas com objectivo diverso, fez igualmente a Junta Militar de Moçambique que, referindo-se às recentes paralisações industriais, preconizou que a solução dos conflitos de trabalho fosse alcançada pela criação de comissões arbitrais. Antes deste apelo, já os ferroviários tinham decidido não levar a cabo a paralisação total do tráfego de comboios de passageiros e de mercadoria no fim-de-semana. Crê-se que resolveram aguardar até receberem o próximo ordenado, antes de decidir qual a acção a tomar. No entanto, não está excluído que essa acção seja precisamente a greve. *(Reuter, France-Press, «D.L.»)*

MOÇAMBICANOS EM LISBOA TOMAM POSIÇÃO

. Numa reunião que decorreu na Casa dos Estudantes das Colónias, os moçambicanos residentes em Lisboa emitiram uma declaração de princípios, em que reconhecem na Frelimo o único e legítimo representante do povo moçambicano, que há cerca de 10 anos vem lutando de armas na mão contra o colonialismo e imperialismo; denunciam como agentes do colonialismo e do neocolonialismo todas as organizações e partidos fantoches que começaram a proliferar em Moçambique a partir de 25 de Abril; comprometem-se a defender na prática as posições assumidas pela Frelimo em relação à independência de Moçambique; saúdam entusiasticamente os povos irmãos de Angola, República da Guiné-Bissau e Cabo Verde, e de S. Tomé e Príncipe e a sua heróica luta, através dos seus únicos e legítimos representantes: MPLA, PAIGC e MLSTP; saúdam também o povo irmão de Portugal e todas as suas forças progressistas e anticolonialistas.

REPÚDIO DE AFIRMAÇÕES

Na mesma assembleia, foi elaborado um comunicado nos seguintes termos:

«Moçambicanos reunidos na «Casa dos Estudantes das Colónias» em Lisboa repudiam afirmações insertas nos vários órgãos da Imprensa, no dia 24 de Maio, concernentes à nomeação para governador-geral de Moçambique os secretários do sr. general Silvino Silvério Marques, dr. Eneias Comiche e dr. Valy Mamede, respectivamente feitas por um grupo de intelectuais de Moçambique, como não representantivas dos verdadeiros anseios dos moçambicanos, que pretendem a independência nacional nos termos declarados pela Frelimo.

Almeida Santos em Londres

. . LONDRES, 27 — (Por Joaquim Letria, correspondente do «DL») — O ministro português da Coordenação Interterritorial, dr. Almeida Santos, chegou hoje ao aeroporto de Londres às 7 e 35, onde era aguardado pelo dr. Mário Soares e prof. Jorge Campinos. Recusou-se a falar para os órgãos de Informação. Disse apenas que as suas viagens a Angola e Moçambique «tinham sido proveitosas, permitindo-lhe avaliar as dificuldades do Governo português nesta fase de descolonização e esperando regressar em breve». O dr. Almeida Santos seguiu em direcção ao Hyde Park Hotel, para o seu primeiro contacto com a delegação do PAIGC.

. . Confirma-se, contudo, que o dr. Mário Soares, ministro dos Negócios Estrangeiros, adiou a sua viagem de regresso a Lisboa para amanhã.

Como evitar a difusão da cólera

. A Delegação de Saúde do Distrito do Porto, distribuiu à Imprensa a seguinte nota:

. «Sendo as medidas de higiene individual, alimentar e colectiva, as mais importantes para a difusão da cólera, os serviços de saúde recomendam: lavagem cuidadosa das mãos com água e sabão antes de cada refeição e depois de utilizar as instalações sanitárias; No caso de não existirem instalações sanitárias ligadas a rede de esgotos e remoção diária de lixos, promover a desinfecção diária destes e das fezes. Utilizar como água de alimentação e preparação de alimentos sómente aquela que ofereça garantias absolutas, de potabilidade. Na falta de rede pública de distribuição de água, deve ferver-se esta préviamente. A água utilizada para fins domésticos (lavagem de utensílios de cozinha, de roupa, etc.) deve igualmente ser potável. Na sua falta, empregá-la depois de fervida. Manter os alimentos depois de cozinhados devidamente resguardados de poeiras e moscas. O leite não pasteurizado deve ser fervido. Evitar o consumo de gelo, gelados, bolos com creme, «maioneses», etc., particularmente nos dias quentes, desde que não sejam oriundos de instalações industriais oficialmente reconhecidas. Evitar tomar banhos em rios ou em praias situadas nas proximidades de esgotos ou em piscinas que não tenham renovação e desinfecção de água. Evitar o consumo de frutas, vegetais e outros alimentos que habitualmente são ingeridos crus. Não utilizar as águas sujas, de fossas ou da rede de esgotos, na rega de hortas».

TIMEX

Como o prazo de resposta às suas reivindicações, dado pelos trabalhadores da Timex à administração da empresa, tivesse terminado hoje às 9 horas, a comissão representativa desses trabalhadores depois de ter reunido, decidiu auscultar a opinião do pessoal quanto às disposições a tomar perante os acontecimentos.

Os trabalhadores da Timex mantêm-se firmes na sua atitude de reacção colectiva ao silêncio da empresa perante os 23 pontos do seu caderno reivindicativo.

NOTAS VÁRIAS

A substituição do Consul em Paris

. Do gabinete do ministro dos Negócios Estrangeiros recebemos uma nota, em que se escreve nomeadamente:

. «Não está este Ministério disposto a resolver, com demagogia, casos isolados mas sim em determinar dentro de prazo criteriosamente fixado, toda uma nova actuação diplomática.

«Não haverá divulgação ostensiva desse trabalho mesmo porque ele terá de ser conjugado com dispositivos legais que são da competência também de outros serviços do Estado dentro do quadro fixado pelo programa das Forças Armadas e pelo programa do Governo provisório.

«Não será, talvez, necessário recordar aos meios de comunicação que a alteração de postos diplomáticos embora seja promovida dentro da plena soberania nacional deve levar em conta a cortesia com outros Estados e que por isso a discreção não é, neste caso, sinónimo de alienação.

A título excepcional, e como exemplo ilustrativo, este gabinete saliente o constante e remoroso noticiário referente ao ex-cônsul em Paris, desligado dessas funções 24 horas antes da divulgação da primeira notícia em contrário, seis dias atrás, noticiário, aliás, baseado curiosamente em telegramas da agência A.N.I..»

CONTRA A NOMEAÇÃO

Causou descontentamento a nomeação do prof. dr. João Luís Cabreira de Oliveira Cabral para o cargo de presidente da Câmara Municipal do Porto, em virtude de se tratar de um elemento da vereação anterior, ligado ao Governo marcelista derrubado. A propósito dessa nomeação, vários partidos políticos enviaram aos órgãos de Informação comunicados em que manifestam a sua discordância, aguardando que a situação seja revista, no «sentido de reforçar a união de todos os que pretendem a democratização da vida nacional».

Hoje no Técnico

Reunião de caixeiros

. Hoje, às 21 e 30, no Instituto Superior Técnico, realiza-se uma reunião geral de sócios com a seguinte ordem de trabalhos:

. 1.º — Discutir e deliberar sobre a posição colectiva a assumir perante o resultado das negociações com os grémios de todo o distrito de Lisboa, sobre a semana inglesa e semana de 44 Horas.

2.º — Escolha de uma **comissão ampla,** representativa de todos os sectores profissionais para elaborar um projecto de caderno reivindicativo. para todos os profissionais do Comércio.

Exclusivo DL

PROGRESSÃO DAS NACIONALIZAÇÕES NA EUROPA OCIDENTAL

A evolução política em Portugal depois do golpe militar de 25 de Abril e o programa eleitoral de François Miterrand, candidato da esquerda unida à presidência da França, puseram ultimamente em foco o progresso da nacionalização da economia. Guy Faramond, Jacques Nobecourt, Jose Antonio Novais, Daniel Vernet e Jean Wetz, correspondentes do jornal «Le Monde», apresentam a seguir o panorama das experiências nesse sentido encetadas em diversos países europeus ocidentais.

As indústrias e os bancos nacionalizados desempenham em certos países um papel frequentemente mais importante do que em França. Enquanto que, em França, o sector público assegura cerca de 10 por cento da produção nacional e emprega 6 por cento da população activa (um pouco mais de um milhão de assalariados), graças a umas seiscentas e cinquenta empresas (das quais um grande número foram criações e não nacionalizações), na Grã-Bretanha ele emprega mais de dois milhões de assalariados e na Alemanha quase outro tanto. Na Austria, representa mesmo perto de um terço da economia.

Os motivos que geraram a extensão do sector público noutros países são geralmente os mesmos verificados em França: desejo de um bom funcionamento dos serviços públicos, controlo, pela nação, das indústrias de base, garantindo a expansão, o equilíbrio regional... A história tem, também aí, imprimido a sua marca pelas sequelas da crise de 1930 depois da guerra em Itália, na Alemanha, bem como na Aus-

Continua na página dois

A TRAGÉDIA DE BRANDT

Como todos os grandes doentes, a Europa Ocidental já não sabe para que lado se vira: um dia, como aconteceu recentemente com as decisões italianas, uma nova crise sacode as instituições e o funcionamento da Comunidade dos «Nove», ou o que dela resta; no dia seguinte, ou quase, é mais um Governo que cai, acrescentando um novo país à lista dos que procuram novo rumo ou se debatem, numa indecisa campanha eleitoral, como a França, conhecem Governos minoritários provisórios, como a Grã-Bretanha, ou, como a Bélgica e a Itália, saem de um «remendo» laborioso para preparar outro.

Nas últimas semanas as atenções convergiram também para a República Federal. A súbita demissão de Brandt suscitou aí, em princípio, menos problemas políticos, dado que o sucessor Helmut Schimdt, antigo ministro da Economia não teve problemas na obtenção de uma maioria no Bundestag para se fazer eleger chanceler. Porém, o partido Cristão-Democrata e o seu aliado C.S.U. estão a ganhar, em cada eleição provincial, as posições do seu rival, imaginando-se já em Bona o momento em que a oposição, maioritária na Câmara Alta, poderá praticamente paralisar a acção de todo e qualquer Governo de direcção social-democrática.

Porque a infelicidade, e também a grandeza de Brandt é suscitar a tragédia. Que o chanceler da «Ostopolitik», o artífice comovedor da reconciliação com os povos outrora martirizados por uma Alemanha criminosa, que o homem do diálogo e da confiança nas relações com o Leste tenha descoberto um espião patenteado da R.D.A. instalado junto de si no próprio coração da chancelaria e se veja obrigado a acusar-se das «negligências» cometidas, como imaginar fim mais doloroso e simultaneamente tão enganador? É evidente que se discutirá durante muito tempo a atitude de um Governo que no próprio momento em que se preparava para normalizar as relações com o seu rival e delegar junto do respectivo chefe o seu representante «oficial», tirava o partido que se pode imaginar das informações que lhe transmitia o seu emissário oficioso, já instalado no local. As duras leis das relações entre os monstros que são os Estados, o fácil «alvo» que oferece a sociedade «aberta» da Alemanha Ocidental, lugar de acolhimento de milhões de refugiados, a um Estado manifestamente mais ambicioso e calculador, tudo isso explica, sem a justificar, a desventura a que assistimos. É pena que a sua vítima seja agora Brandt, um homem que se queria acima destas mesquinhices e tinha conseguido convencer disso — o Prémio Nobel mostrou-o — a opinião internacional.

A infelicidade do ex-chanceler é não ter podido renovar a sua acção nem agir com a mesma fé noutros terrenos além da política externa para resolver com o mesmo êxito os problemas que se poêm ao seu país. Pelo menos, a sua obra principal, a «Ostopolitik» e os tratados que a concluiram, parece irreversível. O seu sucessor, Schmidt, e mesmo o chanceler cristão-democrático que assumirá talvez o cargo mais tarde deverão fazer dela a base da sua política externa. Esta nem por isso deixa de correr o risco de ser desviada em diversos aspectos: o novo chanceler S.P.D. não esconde a simpatia de princípio que lhe inspiram as teses americanas e atlânticas, como se viu na conferência de Washington em Fevereiro. Será sem dúvida mais rígido em relação ao Leste e tão-pouco hesitará em opôr-se às concepções tradicionalmente defenidas pela França em matéria de construção europeia, enquanto que Brandt sempre procurara agradar a Paris. Giscard D'Estaing, o presidente eleito há dias em França, encontrará em Bona um parceiro difícil.

A LUTA PELO DOMÍNIO DA IMPRENSA ITALIANA
(LER NAS PÁGINAS CENTRAIS)

PROGRESSÃO DA NACIONALIZAÇÃO NA EUROPA OCIDENTAL

Continuação da página um

tria. Para facilitar as comparações com a França, recordemos que o sector público controla ali 60 por cento dos depósitos bancários, 40 por cento dos seguros, 40 por cento da produção automóvel, 50 por cento da construção aeronáutica, a primeira agência de publicidade, duas estações de rádio e, bem entendido, a quase totalidade dos transportes ferroviários ou aéreos nacionais, dos grandes portos, da produção de carvão, de gás e de electricidade, assim como a comercialização do tabaco.

ITÁLIA: A TODA-PODEROSA IRI

O controlo do Estado sobre a economia remonta a 1933. Com efeito, doi durante o governo de Mussolini que foi criado o Instituto para a Reconstrução Industrial (I.R.I.) cujo objectivo, na sua qualidade de organismo de crédito industrial e suporte financeiro, era ajudar as sociedades em dificuldade. Hoje, o I.R.I. agrupa uma fracção importante da indústria pesada italiana: transportes aéreos, marítimos e terrestres, telefones, a maior parte de siderurgia, as auto-estradas, assim como uma parte não negligenciável dos sectores alimentar e têxtil.

Por outro lado, existem «regras de gestão» que dependem directamente dos poderes públicos. Um ministério especial das participações do Estado foi, alias, criado em 1956. Pode-se citar, entre as principais regras, a ENI (para o petróleo), a ENEL (para a electricidade). Durante estes últimos anos, o Estado constituíu outros organismos, como a GEPI (Gestão e Participação do Estado) para auxiliar as pequenas industrias, e EGAM (Organização de Gestão das Empresas Mineiras e Metalúrgicas) que reconstruiu em 1971 todos os recursos de materias-primas mineiras italianas, a EFIM (Participações no Financiamanto da Indústria Transformadora). Devido ao jogo das participações financeiras cruzadas, pode-se acrescentar a todos estes organismos uma firma como a Montedson (na qual o Estado tem uma participação importante).

Segundo certas estimativas, a parte das empresas sob controlo público (incluindo os caminhos-de-ferro e as telecomunicações) representaria 47 por cento do volume de negócios total e 54 por cento dos efectivos das trezentas e cinquenta principais sociedades italianas.

No total, a parte do sector nacionalizado na economia do país representa 30 por cento do total dos investimentos, 10 por cento do volume de negócios e 11,5 por cento dos efectivos assalariados (cerca de um milhão de pessoas).

Nestas condições, compreende-se que a esquerda considere muito satisfatório um sistema em que os dirigentes das empresas públicas conservam toda a flexibilidade que reina na indústria privada, estando perfeitamente seguros de que o Estado compromete sempre a sua responsabilidade pela outorga de fundos de dotação consideráveis, votados todos os anos pelo Parlamento sob o controlo dos ministérios das participações do Estado.

Há dois anos, durante o décimo terceiro congresso do Partido Comunista italiano, o seu secretário-geral, Enrico Berlinguer, se não excluía algumas outras nacionalizações (a indústria farmacêutica de base ou a grande indústria açucareira) declarava: «O principal problema da Itália não é o da extensão ulterior do sector publico na economia. O processo de concentração do capital está num ponto em que não pode avançar mais, e o poder público tem adquirido progressivamente neste sector posições decisivas.»

ALEMANHA: COMO UM ACCIONISTA PRIVADO

As participações que o Estado federal alemão possui, directa ou indirectamente, numas setecentas e sessenta sociedades, constituem uma herança do Reich. Estas participações, muito diversas, que vão de um hotel na estação suíça de Davos às grandes empresas industriais, representavam em 1971 um activo de 4,23 biliões de marcos alemães. Calcula-se que as empresas públicas alemãs empregam 9 por cento dos efectivos assalariados da R.F.A. (perto de dois milhões de pessoas).

Todavia, o Estado não tem participações directas senão em noventa e cinco empresas, das quais as mais importantes são a Veba (petróleo), VIAG (produção de alumínio), que apoia várias participações, I.V.G. (realização de depósitos subterrâneos de carburante), Volkswagen e as minas do Sarre. Às vezes, também, o Estado alemão esconde-se por detrás de sociedades fechadas. Assim, Otto R. Krause, dezurique, dirige os interesses do Estado alemão na sociedade Salzgitter, o terceiro produtor de aço do país que detém uma participação na Sociedade das minas de carvão do Ruhr (Ruhrkohle). Finalmente, é preciso recordar que a Lufthansa é controlada em 74 por cento pelo Estado.

As sociedades nas quais o Estado alemão possui mais de 50 por cento do capital representam 9,6 por cento das minas de carvão do país, 8,3 por cento da produção petrolífera nacional, 9,3 por cento do aço, 5,9 por cento da produção eléctrica, mas 76,7 por cento do minério de ferro.

As participações são geridas por uma dúzia de ministérios e não existe uma política comum para as sociedades de interesse público. Salvo para os caminhos-de-ferro e as telecomunicações, que estão nas mãos de verdadeiras sociedades nacionalizadas, o Estado comporta-se como qualquer outro accionista privado. Aplicando tanto quanto possível os princípios da economia liberal, o Governo de Bonn recusa-se a fazer das participações públicas um instrumento da sua política económica.

Nos primeiros anos da coligação liberal-socialista, Alex Moller, então ministro social-democrata das Finanças, havia concebido o projecto de agrupar as principais participações industriais do estado no seio do «holding» VIAG, porém, este projecto bem depressa foi posto de lado.

Contudo, uma excepção: a partir do grupo petrolífero Veba, ao qual vai juntar-se a sociedade Gelsenberg, o Estado Federal quer criar uma sociedade de Estado que lhe permitira tomar lugar entre os grandes grupos petrolíferos internacionais e discutir directamente com os países produtores. Porém, a parte deste novo grupo no mercado petrolífero da República Federal ficará limitada a 25 por cento, ficando o resto, isto é, os 75 por cento remanescentes, nas mãos das sociedades multinacionais.

Às participações do Estado Federal, convem acrescentar os interesses industriais dos Lander. Estes possuem frequentemente uma carteira de acções (20 por cento do capital da Volkswagen, por exemplo, e detido pelo Land do Baixo-Saxe). Por outro lado, gerem, às vezes, directamente sociedades que trabalham no sector dos equipamentos sociais.

GRÃ-BRETANHA: MAIS DE DOIS MILHÕES DE ASSALARIADOS

No dia seguinte à guerra, o Governo Trabalhista de Attlee nacionalizou os caminhos-de-ferro e as minas de cravão. Os seus proprietários foram indemnizados de uma maneira particularmente generosa. Para a siderurgia, a lei de nacionalização não foi votada senão em 1949 e a tomada da direcção da mesma só veio a efectivar-se em 1951. Os conservadores, que acabavam de voltar ao poder, apressaram-se a desnacionalizar, iniciativa que o Labour não deixou de anular em 1967.

Hoje, o sector público na Grã-Bretanha abraça o carvão, o aço, a electricidade, o gás, os caminhos-de-ferro, as grandes companhias de transportes aéreos, os canais e os transportes nas docas, sem falar, bem entendido, dos correios que, depois de ter sido um serviço do Governo, foi transformada, em 1969 — sob o reinado dos trabalhistas — numa empresa pública um pouco mais independente.

Cerca de dois milhões e duzentas mil pessoas estão empregadas no sector nacionalizado. Finalmente, existe um organismo, o Industrial Reorganization Corporation (I.R.C.), equivalente britânico do IDI francês, que está encarregado de tomar participações minoritárias em troca do concurso financeiro do Estado a firmas em dificuldade.

O novo programa do Labour, apresentado aos eleitores em Fevereiro de 1974, era nitidamente um recúo sobre as decisões do congresso trabalhista de 1973, que propunha nacionalizar a maior parte da economia. A sua única novidade foi prometer um embargo do Estado sobre o petróleo do Mar do Norte a fim de assegurar aos poderes públicos a sua parte dos rendimentos consideráveis que as companhias esperam desta exploração a partir de 1980.

Quanto ao resto, o manifesto do Labour prometeu uma expansão «substancial» do sector público, que se estenderia principalmente às construções navais e aeronáuticas, assim com a «certos outros sectores da indústria», tais como os produtos farmacêuticos, os transportes rodoviários, a construção e as máquinas-ferramentas.

Relativamente aos bancos e às companhias de seguros, que ocupam, não obstante um lugar essencial no sistema económico e financeiro do país, os dirigentes do Labour não conseguiram ainda definir a sua atitude.

SUÉCIA: DEZ POR CENTO APENAS

Contrariamente ao que frequentemente se pensa na Europa, o sector público não representa senão 10 por cento da economia sueca. Está concentrado em três sectores:

— os serviços públicos: correios, caminhos-de-ferro, telecomunicações, energia. No domínio dá energia eléctrica, a parte da produção proveniente das centrais dirigidas pelo Estado e minoritária (cerca de 45 por cento); o restante provem das centrais geridas pelas comunas (13 por cento) e do sector privado (42 por cento).

— os bancos: são públicos em 21,3 por cento dos casos; o resto compreende cooperativas e bancos privados. Trata-se do Sveriges Riksbank, fundado em 1668 (o mais velho banco central do mundo) e do P.K. - Banken, nascido da fusão, em 1974, do Seriges Kreditbank e do Postbanken (banco postal) e do Sveriges Invester Ingsbank, criado em 1967 para investir nos programas em que os outros bancos não ousam já aventurar-se. A partir de 1971, há representantes do estado nos conselhos de administração dos bancos privados. A ala esquerda do partido social-democrático reclama a «socialização» dos bancos privados.

Na indústria, a parte total do sector público é de cerca de 5 por cento. Diz respeito à exploração florestal, onde atinge 5 por cento; à extracção dos minerios, onde e mais importante (em especial para a sociedade L.K.A.B., que extrai o minério de ferro da Lapónia, e da qual o Estado controla 95,7 por cento do capital); uma aciaria: Norrbotens Jarnverks A.B. (N.J.A.) em Lulea, criada completamente em 1940 pelo Governo para manter a mão-de-obra local; dois pequenos estaleiros navais (Kar Iskronvarvet, que constroi unidades da Marinha, e Uddevallavarvet, salva da falência e resgatada em 1967); finalmente, algumas pequenas e medias empresas químicas de mecânicas resgatadas pelo Estado à concorrência, consoantes os casos, em 50 por cento, 67 por cento ou 100 por cento, durante os anos 60, para manter a mão-de-obra local.

Todas estas sociedades industriais estão agrupadas no seio de um consórcio estabelecido em 1967, o Stattsforetag A.B., cujo objectivo é assegurar uma política de «management» comum, baseado no lucro e na rentabilidade. Deve-se recordar, também, a nacionalização de 67 por cento das farmácias, em 1968.

A tendência actual na Suécia é o prosseguimento do salvamento das pequenas e médias empresas em dificuldades, em especial na Norrland, onde o Governo concede subvenções muito importantes e toma, às vezes, uma participação no capital, em função de critérios económicos e não ideológicos.

ESPANHA: UM DESCANSO PARA A INDÚSTRIA

Em Espanha, as empresas nacionais estão integradas no seio do INI, Instituto Nacional de Indústria, departamento do Estado que possui uma participação directa em mais de sessenta sociedades e interesses indirectos em mais de uma centena de outras.

O INI foi criado em 1941 para concretizar a política de autarquia preconizada pelo regime espanhol. Depois do plano de estabilização de 1959 e com a liquidação da economia autárquica, os objectivos modificaram-se.

O esforço principal do INI voltou-se, então, para a rentabilização de empresas que, após um período de saneamento, passariam ao controlo de sociedades privadas. Esta nova política económica favorecia grandemente os meios financeiros espanhois em estreitas relações com os sectores capitalistas estrangeiros.

A partir de 1941, o INI alargou o seu campo de acção. Actualmente interessa-se mais particularmente pelo sector dos combustíveis nucleares e hulheiros, pela siderurgia, pela construções navais, pelo petróleo, pela electricidade, pelos transportes aéreos e navais.

O conjunto das empresas do INI, com um activo de perto de 330 biliões de pesetas, realizou em 1972 um volume de negócios de 230 biliões de pesetas, tendo os lucros ultrapassado 8 biliões de pesetas. Devido ao seu potencial económico e ao elevado número dos seus assalariados (duzentos e quinze mil), o INI é o primeiro grupo industrial do país.

Fora do INI, o Estado mantém o regime de monopólio público em quatro sectores importantes: distribuição dos produtos petrolíferos (CAMPSA), tabaco (tabacalera), telefone (C.T.N.E.) e na rede ferroviária de base (RENFE). No sector financeiro, existe, para além do Banco de Espanha, quatro bancos nacionalizados: o Crédito Industrial, o Crédito Agrícola, o Crédito Local e o Banco Hipotecário.

Pode-se prever que os sectores em que a participação pública irá aumentando serão os dos combustíveis nucleares, do petróleo, da electricidade, das comunicações, da hotelaria e da informática.

ÁUSTRIA: PERTO DE UM TERÇO DA ECONOMIA

A Austria é de todos os paises da O.C.D.E., aquele que tem o mais importante sector nacionalizado. Calcula-se que, através das participações directas ou indirectas, perto de um terço da economia nacional se encontra sob o controlo do estado.

Engodada, antes da guerra, com a passagem para o domínio dos poderes públicos da organização dos tabacos e dos caminhos-de-ferro, depois com a reorganização do sector bancário, esta política ampliou-se em 1945 e 1946. Duas leis nacionalizam, nesta época, os maiores bancos, setenta sociedades industriais e a maior parte das empresas produtoras de energia.

Em 1970, o Estado reune, num «holding» único, o O.I.A.G. (Osterreichisch Industrieverwaltungs-Aktiengesellschaft, as diversas empresas públicas. O O.I.A.G. emprega mais de cem mil assalariados e realiza um volume de negócios que ultrapassa os 10 biliões de francos. Este «holding» permite ao Governo dirigir a política industrial.

Se se tiver em conta o facto de que o sector bancário, em especial o primeiro banco do país, o Kreditanstalt, mantém laços estreitos com o Estado, compreende-se que os diversos Governos sociais-democratas austríacos não tenham considerado bom pôr em acção um plano especial para orientar a economia do país.

A luta

Os jornalistas do «Messager», que desencadearam um movimento de greve em 8 do corrente, opuseram-se à compra de metade das acções do capital do jornal pela sociedade Montedison. Este episódio é apenas o último de uma verdadeira guerra industrial que opõe a Montedison e determinados círculos da Democracia Cristã, ligados a Fanfani e a Agnelli, e a corrente dita laica do mundo político italiano.

ROMA — De longa data, os órgãos de Imprensa italianos têm sido considerados pelos detentores dos diferentes poderes, simples objectos das suas máquinações. E isso na medida em que a não rentabilidade quase geral da Imprensa atraía regularmente um salvador capaz de absorver os défices. Passando de um proprietário para outro, muitos órgãos eram apenas um simples «negócio» industrial destinado a servir uma linha política num dado sector. Os outros sectores permaneciam frequentemente livres.

A BATALHA DO DIVÓRCIO

Presentemente uma serie de episódios acumulados fazem entrever um predomínio muito mais sistemático: metade das acções do «Messaggero», de Roma, que pertencia ao sr. Alessandro Perono, seu director, acaba de ser comprada pela Montedison. Correm rumores insistentes não desmentidos sobre novos arranjos na propriedade do «Corriere della Sera» e do hebdomadário «L'Expresso». A «Gazzetta del Popolo», de Turim, e o hebdomadário da esquerda «Tempo Illustrato» foram vendidos a um impressor que não passa evidentemente de um testa-de-ferro da Montedison. O futuro do «Mattino», de Nápoles, é incerto.

Estas alterações não são puramente técnicas. Resultam de uma vasta operação política dirigida contra uma corrente de pensamento decididamente rebelde a um novo controlo do país pela

CONSERVADORES E LIBERAIS

O senador «conservador-republicano» de Nova Iorque, James Buckley, reclamou que Nixon se retirasse da Casa Branca, pela primeira vez em 19 de Março. Agora James Buckley volta à carga.

Com efeito, as adjurações de Buckley, convidando com um fervor religioso Nixon a demitir-se, a fim de evitar o caso Watergate acaba por abalar o próprio sistema das instituições americanas, têm uma relevância particular. Porque se vêm de um isolado, este isolado não é mais do que uma «criatura», como costuma dizer-se, do próprio Nixon.

Para colher a significação da etiqueta «conservador-republicano» aposta a J. Buckley — irmão de William Buckley, o elegante e espirituoso colunista da direita «esclarecida» e mundana americana — e que este arvora no anuário do Congresso, convém mergulhar um pouco na complexidade da política nova-iorquina. Com efeito, enquanto que o conjunto dos Estados Unidos não conhece senão dois partidos (embora sejam cada vez mais numerosos os eleitores que se dizem «independentes»), os democratas e os republicanos, o Estado de Nova Iorque conta quatro facções: além dos dois grandes Partidos, aqui um Partido Liberal e um Partido Conservador matêm uma existência distinta e desempenham um papel não negligenciável na colecção dos dissidentes ou descontentes de ambas as grandes facções tradicionais. Numa palavra, o Partido Liberal está à esquerda do Partido Democrata, e o Partido Conservador à direita do Partido Republicano que face a um eleitorado tão móvel como o de Nova Iorque não se pode permitir seguir a estrita ortodoxia do GOP.

Aquando do renovamento do Congresso em 1970, dois anos depois da sua eleição para a Casa Branca, Nixon acariciou um grande sonho. O seu êxito pessoal de 1968 não tinha sido suficientemente profundo para lhe dar uma maioria republicana nas duas câmaras, que continuavam a ser controladas pelos democratas, que, apesar da sua derrota, lhe «tinham feito a vida dura» no Capitólio. Tratava-se portanto de fazer entrar no Congresso resultante das urnas de Novembro de 1970 uma maioria republicana — e dócil.

Ora, em Nova Iorque, o candidato «oficial» dos republicanos, Richard Goodell, era um pouco mais do género «enfant terrible». Depois do assassínio de Robert Kennedy, a 5 de Junho de 1968, o governador Rockfeller escolhia Goodell para ocupar no Senado enquanto não expirava o mandato do «infeliz Boby», em 1970. Assim, as perspectivas abriram-se para Goodell. O que era bom para a sua circunscrição ser-lhe-ia fatal no plano do Estado.

Assim, converteu-se subitamente a um liberalismo de ponta, participando em quase todas as campanhas antinixonianas dos anos 1969-70. Foi o bastante para que Nixon e a sua «eminência parda», John Mitchell, decidissem a sua perda.

O método será simples: sustentar «oficiosamente», depois quase abertamente, o seu rival, o «conservador» Buckley. Este, com efeito, será eleito. Mas o feitiço, viu-se hoje, acabaria por se virar uma vez mais contra o feiticeiro. E o senador conservador não causará a Nixon menos aborrecimentos do que o liberal Goodell, a cujos excessos deveria opor-se...

...a pelo domínio da Imprensa italiana

Por JACQUES NOBÉCOURT
«Le Monde»/«DL»

democracia cristã.

A Imprensa italiana, na sua grande maioria, bateu-se pelo **não** à anulação do divórcio, dando embora a palavra aos partidários do **sim**. Antes do referendo, o «Corriere della Sera», a «Stampa» e o «Expresso» nunca pouparam as críticas à Democracia Cristã, e em particular ao seu secretário-geral, sr. Fanfani, por um lado, e, por outro, à inecessante extensão da Montedison, cujo presidente, o sr. Cefis, se encontra, diz-se muito ligado ao sr. Fanfani. O «Messaggero» assumiu as mesmas posições com um tom polémico mais vivo.

Para explicar a actual ofensiva, é preciso considerar a política do sr. Giovanni Agnelli no capítulo das publicações. Há dez meses, o I.F.I. (Instituto Financeiro Italiano), **holding** que agrupa todas as participações industriais da família Agnelli, e do qual a Fiat apenas representa 30 por cento, criava um outro **holding** que reunia as participações no sector da edição: as firmas Etas-Kompass, Fratelli Fabbri, Bompiani, Sonzogno, Adelphi e Boringhieri, o jornal «Alto Adige» de Bolzano, uma parte do «Piccolo» de Trieste, a «Gazzeta Dello Sport», diversas firmas de publicidade e um mensal científico. A Fiat continuava a ser proprietária dos jornais «La Stampa» e «Stampa Sera». O sr. Giovanni Agnelli possuia pessoalmente um terço do «Corriere della Sera», e seu cunhado, o sr. Carlo Caracciolo, era proprietário de metade do hebdomadário «L'Expresso» tendo confiado o seu lote de acções a uma comissão de gerentes.

A despeito das críticas feitas pela esquerda a esta concentração, o facto é que ela constituía um centro de difusão de ideias laicas, em total ruptura com as tradições mais paralisantes, mais ou menos refrescadas pela influência da Universidade Católica de Milão. Semelahnte lugar de contactos com a cultura europeia mais moderna só podia apresentar-se como um obstáculo ao regresso em força de um pensamento católico voltado para o seu passado e sonhando por vezes com a contra-reforma.

CONTRA-REFORMA
OS PONTOS FRACOS DO SR. AGNELLI

Este grupo representava um volume de negócios de 50 biliões de liras. O seu animador era, caso excepcional se não único em Itália, um jornalista oriundo da base, o sr. Giovanni Giovanni. Tão pouco suspeito de ser extremista como «de bons sentimentos», o sr. Giovanni passou dois anos em campos de concentração na Alemanha e fez uma longa carreira de enviado especial de «La Stampa» no decurso da qual foi condenado à morte pela O.A.S. na Argélia. Tornou-se seguidamente director-adjunto do seu jornal antes de ser nomeado administrador delegado do grupo de edições do sr. Agnelli

Este, com os seus amigos industriais do Norte, representa o derradeiro quadrado do grande capitalismo que se opõe ao desenvolvimento do controlo indirecto da Democracia Cristã sobre a economia italiana. Mas o sr. Agnelli tem três pontos fracos: em primeiro lugar, os seus partidários políticos, republicanos e, sobretudo, sociais-democratas, já não contam. Por outro lado, a Fiat foi a primeira vítima dos meses «de austeridade» que a Itália acaba de conhecer, a tal ponto que se pensou que esta medida tinha apenas como objectivo fazer-lhe sentir a vulnerabilidade da indústria automovel. Por último, apresenta-se como pedidor na partilha dos grandes trabalhos de infra-estrutura social, cujos créditos o Estado se prepara para repartir entre indústrias públicas e privadas.

A despeito da sua força e do «mito Agnelli», este viu-se forçado a efectuar uma retirada honrosa. O armistício concluído com o sr. Cefis elevou-o à presidência da Confindustria (Confederação dos industriais), afastando-o de um papel activo na firma Fiat, que é agora dominada por uma equipa «fanfaniana». Porém, em troca de um verdadeiro poder à frente dos industriais italianos, o sr. Giovanni Agnelli submeteu-se a condições que ameaçam enfraquecer a influência do seu grupo de edições.

Deste modo, ver-se-ia obrigado a ceder um terço das acções do «Corriere della Sera» a uma personalidade que representava efectivamente a Montedison. Todavia, invocando o contrato assinado há um ano, a sr.ª Giuliamaria Crespi, última representante dos antigos proprietários, opõe-se a esta transferência, a que o director, sr. Piero Ottone, e os redactores são igualmente hostis.

No «L'Expresso» o sr. Agnelli pediu ao sr. Carlo Caracciolo para vender as suas acções. Este rejeitou a proposta, tendo manifestado a sua solidariedade com o pessoal das casas editoras do grupo, e protestado contra uma «reestruturação» de inspiração política. Não há razões para crer que estejam a ser exercidas pressões sobre «La Stampa» e «Stampa Sera» no sentido de estas modificarem a sua linha política.

A CONTRA-OFENSIVA DA MONTEDISON

A Montedison joga esta partida sem qualquer equívoco. O sr. Cefis disse claramente, aquando do último conselho de administração da firma, que, farto das campanhas de Imprensa, dos artigos contra a poluição pelos «lodos vermelhos», tinha decidido «não se desinteressar mais de uma situação que só a nós (a Montedison) prejudica».

Este facto explica a ofensiva em várias direcções: compra de títulos por impressores interpostos; financiamento de um concorrente do «Corriere», «Il Giornale», dirigido pelo sr. Indro Montanelli, e que reunirá as assinaturas mais conhecidas deste mesmo «Corriere» que desaprovam a sua orientação «de esquerda»; e, por último, a entrada no «Messagger», mediante a garantia pública de que «a linha laica, democrática e antifascista» será respeitada, o que confirmaria aliás a eventual nomeação para a direcção do sr. Italo Pietra, antigo director do «Giorno» e chefe de resistentes durante a guerra.

Nem a Democracia Cristã nem o sr. Fanfani aparecem directamente nestas operações. Porém, nunca foi feito qualquer desmentido relativamente à manobra política que as inspira.

Para a D.C., a vantagem é múltipla: desembaraça-se de jornais («La Gasetta del Popolo») com um défice demasiadamente pesado e respeita a lei sobre o financiamento dos partidos, que lhe veda o seu controlo; a «contestação laica» é seriamente abalada. Por último, o sr. Giovanni Agnelli é chamado à razão e obrigado a medir onde se encontra o verdadeiro poder político.

Na verdade, os partidos associados na maioria nada fizeram para se oporem a esta evolução. Os socialistas ratificaram a compra do «Messaggero» ao mesmo tempo que recebiam uma fatia de influência na nova organização da radiotelevisão.

A partida encontrar-se-á completamente jogada? O jornalistas têm alguma razão para se sentirem tratados como as rotativas. Por muito limitados que sejam os podres das sociedades de redactores, em Roma ou em Milão, os contratos destes dão-lhes os meios práticos de se fazerem ouvir, se continuarem solidários. Mas as implicações políticas da operação suscitam já divisões entre eles, no seio do seu sindicato único.

Por outro lado, a sua causa apresenta dois pontos fracos: a defesa da liberdade de expressão e da independência é operada pela manutenção de privilégios corporativos exorbitantes, sem equivalente em qualquer outro país. Os adversários das sociedades de redactores apressam-se a pôr este ponto em evidência. Em segundo lugar, os desequilíbrios financeiros são tais que nenhuma liberdade será em breve concebível sem reformas sérias e sem modernização dos meios de produção, tarefa a que os responsáveis de «La Stampa» e do «Corriere della Sera» já lançaram mãos. Mas aí, precisamente, as resistências corporativas são fortes e cegas. Que resta então como recurso senão o apelo ao dinheiro fresco?

Intrusão na vida privada

Por JEAN METZ
(«Le Monde»/«DL»)

LONDRES — A decisão do Governo de Wilson de nomear uma comissão real de inquérito sobre a Imprensa deu recentemente origem a um debate animado nos Comuns. Para o chefe da oposição, Heath, é evidente que a maioria dos jornais sofre de uma inflação de pessoal. Esta atingiria, pelo menos, 25 por cento, e o conjunto dos jornais de Londres e de Manchester conteria dez mil assalaraidos a mais, não só nas tipografias mas também nas redacções. O total dos salários «supérfluos» elevar-se-ia assim a 40 milhões de libras por ano. Heath, porém, limitou-se a propor um maior acordo entre os patrões e os sindicatos como remédio para esta situação. Como os trabalhos de uma comissão real se prolongam normalmente por três ou quatro anos, Heath afirmou que, até lá, alguns dos princípios terão sem dúvida desaparecido e que o inquérito ordenado por Wilson não passará de um «relatório de autópsia».

O primeiro-ministro, por seu turno, debruçou-se mais sobre os problemas da liberdade de Imprensa. Os recentes escândalos, que permitiram sobretudo que os jornalistas acusassem políticos trabalhistas, foram naturalmente evocados por Wilson. Este insurgiu-se principalmente contra a B.B.C. pela maneira como esta teria tratado o sr. Short. líder adjunto do grupo trabalhista nos Comuns. Mas criticou igualmente o Conselho da Imprensa, organismo semi-oficial, que deve, em princípio, impôr aos jornalistas o respeito vpor um «código de boa conduta». Wilson lamentou sobretudo que este Conselho não se tenha manifestado quando a sua secretária particular foi recentemente acusada a propósito de especulações imobiliárias.

O sr. SHORE; Ministro do Comércio e campeão do antieuropeísmo, denunciou a atitude da Imprensa relativamente à entrada na Grã-Bretanha para o Mercado Comum. Segundo ele, os jornais, que continuam a reivindicar privilégios de «guardiães da liberdade», não teriam, nesta ocasião, «ladrado nem mesmo grunhido».

Wilson deu a entender a possibilidade de algumas reformas na regulamentação da Imprensa. Esta lamenta-se de ser frequentemente «açamada» por leis demasiadamente severas sobre o «respeito pelos segredos oficiais», a difamação, etc.

O Primeiro-ministro reconheceu ser preciso garantir aos jornalistas a liberdade indispensável para o exame de todo e qualquer assunto importante para o público. Mas é também necessário, afirma ele, reforçar a protecção dos cidadãos contra as intrusões da Imprensa na sua vida privada.

A CRISE EUROPEIA

O futuro presidente da República Francesa e o ministro dos negócios estrangeiros — quer Jobert, colaborador pessoal de Pompidou, conserve ou não o Quai d'Orsay — deverão responder com urgência às questões que põe à França o mundo convulsionário de hoje.

A diplomacia já não é o que foi às vezes: um jogo do espírito, das vontades de poder e dos amores-próprios. A vida quotidiana dos franceses está doravante intimamente ligada ao mundo exterior. A economia da França depende das suas saídas (e, em primeiro lugar, daquelas que ela encontra na Comunidade Europeia) e dos seus aprovisionamentos vitais (e, em primeiro lugar, o petroleo árabe).

Na crise que a Europa atravessa, a posição francesa é menos inconfortável do que no passado. Os britânicos com as suas reivindicações para uma «renegociação» indispuseram os seus parceiros — todos eles. No imediato, os representantes de França deverão sobretudo vigiar para que esta unanimidade não seja desmantelada. Porém, para além da «crise britânica», a construção da Europa está bloqueada. A união monetária, a união económica, a união política, numa palavra, a união europeia, prometida para 1980, encontram-se num impasse. Esta estagnação, de que ninguém duvida, traduzir-se-ia a longo prazo por um desmembramento da Comunidade. Neste domínio, a firmeza não é suficiente. Os responsáveis pela diplomacia francesa deverão dar provas de imaginação.

Mas o desejado reforço da Comunidade Europeia criaria, ele próprio, novos problemas, e Kissinger não esperou sequer que eles se levantassem para os atacar. Nada de Europa comunitária se não estiver enquadrada numa comunidade atlântica dirigida por Washington, decidiu ele. Para fazer frente a esta ofensiva, a França está atenta. Talvez encontrar aliados europeus, dos quais, na verdade, um só: a Alemanha Federal, seria eficaz? Não deverá, na falta disto, abrandar a sua táctica perante as exigências americanas e enviesar em conjunto, com os seus parceiros europeus — porque, afinal, é isto que eles fazem ao fim e ao cabo — do que dizer «não» absolutamente sozinhas?

Esta opção pode tanto menos ser iludida quanto é certo que encontra no imediato uma aplicação prática de um grande alcance. A França pode conduzir a Comunidade a passar para além do veto de Kissinger contra a cooperação euro-árabe? Ou, pelo contrário, a Comunidade deve contentar-se com fornecer uma resposta à política americana no Próximo Oriente? A parada é muito material, porque o aprovisonamento petrolífero da Europa está em causa. A este propósito, o primeiro conselho de ministros de Poher teve de fixar a posição francesa na assembleia extraordinária da ONU sobre as matérias-primas, que se realizou em 2 de Abril. Mas a parada é, também altamente política porque a cooperação com a Europa não tem interesse para os árabes a não ser que lhe ofereça uma nova via para escapar ao «condomínio» soviético-americano.

Para marcar uma pausa, o acordo entre Moscovo e Washington não está menos na natureza das coisas, e Brejnev é tão hostil como Nixon a uma Europa verdadeiramente independente. Também as relações franco soviéticas conhecem actualmente um certo abrandamento. O sucessor de Pompidou poderá dar-lhes um segundo sopro? Muito dependerá da atitude da França na conferência sobre a segurança europeia a realizar em Genebra, atitude que se torna cada vez mais difícil de encobrir no campo diplomático, pois, tambem aí são postos problemas conretos, e, principalmente, o da liberdade de circulação.

AS RELAÇÕES ENTRE MOSCOVO E WASHINGTON

As relações sovieto-americanas são talvez o tema mais frequentemente abordado nos comentários dos observadores internacionais. Nenhuma reviravolta da conjuntura internacional e susceptível de lhes arrebatar o primeiro lugar. O facto explica-se. Não existe um homem sobre a Terra, suficientemente activo do ponto de vista político, que seja indiferente (no sentido positivo ou negativo), à decisão comum, anunciada há dois anos por Moscovo e Washington, de avançar no caminho da coexistência pacífica e da extensão da cooperação na solução dos problemas internacionais que vão surgindo. Dado o significado deste novo rumo para o destino de milhões de homens, é facil compreender por que razão o resto do mundo toma constantemente a temperatura e o pulso das relações sovieto-americanas.

A política externa sovietica não necessita de uma «reavaliação laboriosa» da sua estrategia e da sua táctica para se mostrar disposta a normalizar as suas relações com os Estados Unidos. A disposição para a coexistência pacífica foi inicialmente inserta nos principios políticos que foram formulados por Lenine, fundador do Estado sovietico. Muito tempo se passou antes de as realidades levarem os meios dirigentes dos E.U.A. a desfazer-se das suas ilusões sobre a política de «refluxo do socialismo» e da «guerra fria».

No que respeita os dois povos — soviético e americano, o seu profundo interesse recíproco na normalização das relações e no trabalho em comum para o bem da paz e claramente expresso, sem ambiguidade, e reforçado pelas suas experiências históricas. Por muito supreendentes que tenham sido as flutuações e as divergências de pontos de vista em materia de política interna, as sondagens de opinião nos Estados Unidos registam com regularidade e constância a aprovação por 70 por cento pelo menos dos americanos da melhoria das relações com a U.R.S.S. O programa de paz do 24.º Congresso do P.C.U.S. que orienta os esforços da política externa soviética, nomeadamente no sentido da normalização das relações com os Estados Unidos programa que está a ser actualmente posto em prática, foi acolhido com entusiasmo na U.R.S.S.

As palavras de L. Brejnev proferidas no Congresso Mundial das Forças da Paz, no Outono passado, realçam de maneira exaustiva o aspecto de principio da posição soviética: «Respeitamos escrupulosamente os nossos compromissos nos termos dos tratados e acordos assinados, e e nossa intenção não nos afastarmos deles. E isto que esperamos naturalmente da outra parte. Em nosso entender, o desenvolvimento da cooperação pacífica, recíprocamente vantajosa, entre a União Soviética e os Estados Unidos em diversos sectores tem boas perspectivas, com a condição, evidentemente, de se abordar esta questão com responsabilidade e lealdade, observando, na prática, os principios da vantagem mútua e do respeito partilhado, e não se procurar desfigurá-los e intromoter-se nos assuntos internos da outra parte, visar-lhe condições como se esforçam por fazê-lo a despeito da linha política oficial do seu próprio governo — certos políticos irresponsáveis nos Estados Unidos.» Esta fórmula fornece a chave das respostas às questões que preocupam muitos observadores: no começo da Primavera de 1974, até que ponto é solida a base edificada em 1972-1973? Quem e que esta em condições de desempenhar o papel de moderador? Os assuntos sovieto-americanos terão necessidade de um «inventário», de uma «revisão» ou de um «estimulante complementar»?

É evidente que um «inventário», uma analise atenta da etapa vencida, nunca é supérfuo; é encorajado pelo acordo a que se chegou sobre os encontros e consultas políticas regulares e isso faz luz sobre o alcance da visita a Moscovo de Henry Kissinger, antes da vinda do Presidente Nixon.

As mais recentes declarações dos responsáveis da política americana confirmam a fidelidade à linha de melhoria das relações com a U.R.S.S. e a disposição de trabalhar em comum em pol da paz. Tais declarações são apoiadas por um eloquente apelo aos americanos — a todos aqueles que estão dispostos a escutar — no sentido da ausência de qualquer outra alternativa no nosso século nuclear.

Não podemos deixar de lamentar que nem todos aqueles que possuem ouvidos estejam dispostos a servir-se deles. Por essa razão não nos devemos surpreender com o facto de a opinião pública soviética reagir contra as loucas manobras subversivas da «estranha (será verdadeiramente estranha?) aliança» dos extremistas da direita, os porta-vozes do complexo industrial de guerra, e dos activistas do **lobby**, sionista nos E.U.A.» Possuídos pelo ódio ao socialismo e nas suas tentativas de ressuscitar a corrida aos armamentos, estes meios empenham-se em sabotar a evolução das relações entre a U. R. S. S. e os Estados Unidos, atentando deste modo contra os interesses do povo americano», escrevia recentemente o hebdomadário «No estrangeiro», de grande projecção na U.R.S.S.

Com efeito, e aos americanos que convem meditar no prejuízo que pode causar o «boomerang» do anti-sovietismo na sua própria casa. O volume do comercio entre a U.R.S.S. e os Estados Unidos atingiu em 1973 1500 milhões de dólares. Assim, a «grande alegria» com que, segundo o Washington Post, os meios sionistas acolheram a adopção pelo Congresso da emenda rejeitando a cláusula da nação mais favorecida no comércio com a URSS. apresenta-se como um insulto ao bom senso. Não é a economia soviética nem os consumidores soviéticos que sofrerão com esta discriminação, reconhece-se num relatório elaborado anteriormente por este mesmo Congresso.

De facto, aqueles que conhecem as incidências benéficas do comercio com a U.R.S.S. sobre o emprego num determinado número de países do Ocidente, não podem deixar de preocupar-se com os trabalhadores que, nos Estados Unidos, são sacrificados ao espírito da guerra fria.

O exame doutros problemas, entre os quais os que se relacionam directamente com a segurança e o desarmamento, implica uma compreensão igualmente responsável do princípio da igualdade e uma mesma tomada em consideração dos interesses da outra parte. Entretanto, a opinião pública sovietica notou, não sem razão, em certas declarações de representantes do «complexo militaro-industrial», tais como Henry Jackson, assim como dos dirigentes do Pentágono, um apego aos dogmas da «manutenção da supremacia», camuflado por estratagemas de propaganda sobre «um salto soviético na corrida aos armamentos». A U.R.S.S., não se cansam de afirmar os seus dirigentes, está sinceramente interessada no desfecho feliz da nossa fase das conversações bilaterais sobre a limitação e a eventual redução dos armamentos estratégicos. E certo que a tarefa não é fácil. Mas a sua solução não é de modo algum facilitada pelo regateio dos generais e pelos gritos de gavião do Senador Jackson, os quais procuram por em causa o princípio fundamental sobre o qual as partes se puseram de acordo: igualdade e tomada em consideração idêntica da segurança dessas mesmas partes. Com boa vontade e uma atitude construtiva no âmbito dos encontros sovieto-americanos de Genebra, é possível encontrar formulas susceptíveis de garantir o equilíbrio da segurança das duas partes na elaboração das limitações quantitativas e qualitativas das forças ofensivas estrategicas, de harmonia com os «princípios fundamentais» concertados em Washigton em Junho de 1971.

SPARTAK BEGLOV
comentador da agência soviética Novosti

WANG MING O HOMEM DE MOSCOVO

Uma das personagens mais contestadas da história do P.C. chinês, o adversário encarniçado, havia mais de quarenta anos, de Mao Tse-Tung e da política que ele representa, chefe de fila dos pró-soviéticos, Wang Ming, de seu nome verdadeiro Chen Shao-yu, faleceu em Moscovo em 27 de Março deste ano, «vitimado por longa e grave doença», anunciou a «Pravda».

Nascido, julga-se, em 1905 em Liuan, na provincia central de Anhui, Wang Ming partiu em 1925 para estudar na Universidade Sun Yat-sen de Moscovo; no mesmo ano, entrara para o P.C., ocupando-se da formação de estudantes chineses. Em 1930, o Komintern enviou-o a Xangai, juntamente com Pavel Mif e os «vinte e oito bolchevistas», futuro núcleo pró-sovietico num partido que procurava sobretudo escapar à polícia de Tchiang Kai-chek, enquanto Mao prosseguia o seu trabalho de organização da província. Pouco tempo depois, dirigia a luta contra Li Li-san, em nome da fidelidade ao Komintern. Após a demissão deste último, entrou para o secretariado político do partido, do qual se tornou secretário geral interino em 1931-1932. Participou então nas campanhas políticas contra Mao que, pouco tempo antes da Longa Marcha, vivia praticamente em residência vigiada.

Wang Ming não tomou parte na Longa Marcha, porque, de 1933 a 1937, representou o P.C.C. junto do Komintern. Durante a sua ausência, a conferência de Tsunyi, realizada em Janeiro de 1935 durante a Longa Marcha, permitiu a Mao assumir a direcção do partido. Desde esse momento, Wang Ming e os seus partidários empenharam-se numa luta de oposição e de retaguarda contra um comunismo à chinesa — que se tornará o maoísmo — cada vez mais independente de Moscovo. A sua posição a favor de uma nova fusão P.C.C. — Kuomintang foi rejeitada. A campanha de rectificação de 1942 foi sobretudo dirigida contra ele.

Sem dúvida para não melindrar Estaline, Wang Ming foi eleito, em 1945, para o secretariado político do partido, posto que conservou até 1956; nesse mesmo ano, o oitavo congresso do P.C. elege-o para o «comité» central; mas ele foi apenas o último da lista. Foi também em 1956 que, oficialmente, por razões de saúde, Pequim o autorizou a ir para a U.R.S.S., onde acabou os seus dias, escrevendo sob um pseudónimo artigos cada vez mais violentos contra os seus antigos camaradas. Lin Piao será mais tarde acusado de ter tido contactos com indivíduos como ele.

Alternativa eventual para Mao na estrategica soviética, que nunca desesperou de retomar o controlo da direcção chinesa, Wang Ming é para a «Pravda» um «veterano do movimento comunista internacional e grande militante do P.C.C. (...), os soviéticos guardarão no seu coração a imagem de Wang Ming», acrescenta o quotidiano soviético. É por esta razão que Pequim considera este último grande representante do clã pró-soviético um «traidor à nação», um «oportunista-capitulacionista da direita».

P. DE B.